



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

UNIDADE DE CIÊNCIAS EXACTAS E HUMANAS  
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

A MEDIATECA ESCOLAR  
INDIVIDUALIZAÇÃO E DIFERENCIAÇÃO DO ENSINO

TESE DE MESTRADO

GISELA MARIA CRISTÓVÃO MARTINS DE LIMA

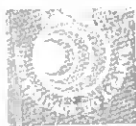
ORIENTADOR: PROF.<sup>a</sup> DOUTORA MARGARIDA FERNANDES

1998

A mediateca escolar  
Lima



TESES  
SD



**Universidade do Algarve**  
Unidade de Ciências Exactas e Humanas  
Escola Superior de Educação

**A Mediateca Escolar**  
**Individualização e Diferenciação do Ensino**

Tese de Mestrado

**GISELA MARIA CRISTÓVÃO MARTINS DE LIMA**

Orientadora: Professora Doutora Margarida Fernandes

1998

25/3/99 25935 /1

15.11

1

## RESUMO

A presente investigação tem como objectivo geral, analisar o impacto de uma Mediateca Escolar sobre as práticas dos professores e aprendizagens dos alunos numa Escola do 1º Ciclo.

Para tanto, procurou conhecer as representações dos professores sobre as seguintes questões: i) A existência da Mediateca Escolar, numa Escola do 1º ciclo, alterará as práticas dos professores na sala de aula? ii) Em caso afirmativo, as alterações consistem na utilização diferenciada dos meios de ensino/aprendizagem? iii) Poderá encarar-se a diversificação dos meios de ensino/aprendizagem numa Mediateca Escolar e conseqüente diferenciação do ensino como conducentes à igualdade de oportunidades? iv) Que relação tem a utilização diferenciada dos meios com o grau de autonomia dos alunos? v) De que forma é que a Mediateca pode contribuir para o desenvolvimento profissional dos professores ?

A problemática insere-se no contexto da implementação da Reforma Educativa e de medidas tomadas com o objectivo de incentivar as práticas activas na sala de aula e realçar o papel da informação nos diferentes suportes. Não sendo ainda uma realidade, na generalidade das nossas escolas, a existência de Bibliotecas e Mediatecas Escolares, o seu número é especialmente reduzido no 1º Ciclo do Ensino Básico, pelo que o estudo de caso vertente se reveste de interesse adicional no contexto deste nível de ensino.

A investigação utilizou uma metodologia de natureza qualitativa que tomou a forma de um estudo caso. Entrevistas, Documentos e Diários de Aula constituíram as principais fontes de dados recolhidos, junto de quatro professoras, uma de cada ano de escolaridade, numa escola do 1º Ciclo com Mediateca Escolar. O Questionário foi a única fonte de recolha de dados junto de vinte e quatro alunos, sendo seis de cada uma das professoras do estudo.

A análise dos dados recolhidos sugerem que os professores utilizadores dos recursos da Mediateca, evidenciam uma atitude pedagógica flexível relativamente ao processo de ensino/aprendizagem, afirmando que a diversidade dos recursos e a variedade de documentos e seus suportes lhes permite diferenciar as suas práticas além de constituírem um factor facilitador da motivação dos alunos.

A utilização dos recursos deverá corresponder, na opinião das quatro professoras, ao nível de desenvolvimento cognitivo e afectivo dos alunos.

Emerge também deste estudo a importância da valorização dos trabalhos realizados pelos alunos que são, alguns deles, considerados parte integrante do material da Mediateca, revelando-se igualmente este aspecto muito positivo na perspectiva da autoestima dos alunos.

A Mediateca é apontada como potenciadora do trabalho de pesquisa, estimulando fundamentalmente o desenvolvimento de hábitos de trabalho conducentes à autonomia e ao gosto pela aquisição de informação ao longo da vida. Foi também considerada como facilitadora da aquisição de competências necessárias à relação com a informação nos diferentes suportes existentes na Sociedade da Informação.

As professoras salientam o contributo da Mediateca para a sua valorização pessoal e profissional e auto-formação, sobretudo nos aspectos relacionados com o apoio à planificação e à preparação de aulas, constituindo um elemento importante para a diversificação das suas rotinas de trabalho e enriquecimento das estratégias didácticas e metodologias, permitindo encarar com mais facilidade a heterogeneidade dos alunos e o acompanhamento da evolução do conhecimento em plena Sociedade da Informação.

## ABSTRACT

This research aims to analyse the impact of a Media Library on teaching and learning, in the context of a Portuguese Primary School (Escola do 1º Ciclo).

The study intended to uncover teachers' beliefs on the following questions: i) - To what extent does the existence of a Media Library change teachers' classroom routines? ii) - Is differentiated teaching included among the changes perceived by teachers? iii) - How do a diversity of media and materials and a differentiated teaching practice contribute to the equality of opportunities? iv) - How does a differentiated practice relate to learner autonomy? v) - To what extent can a school Media Library contribute to teachers' professional development?

The issues to be investigated emerged in the particular context of the Portuguese Educational Reform which addresses the questions of a learner-centred pedagogy and the role and access to information as priorities the system must respond to.

Yet, school libraries, Media Libraries or other self-access facilities are still scarce in the Portuguese scene particularly in the Primary Education context, which highlights the interest of a study in this domain.

The study adopted a qualitative approach, case-study being the research mode chosen. Four teachers, each from a different school year and twenty four pupils, six of each of the teacher- subjects, composed the qualitative "sample" of the study. Interviews and document collection, including teacher diaries were the main data- gathering device. Data from pupils were collected through a questionnaire. A Portuguese Primary School with a Media Library constituted the setting of the case.

Data analysis suggests that teacher-users of the Media Library show a flexible pedagogical attitude as far as the teaching/learning process is concerned. These subjects state that the diversity of resources in various media caters for differentiated teaching, besides being a facilitating factor of pupils' motivation.

A good utilization of resources, as emphasized by teacher-subjects, presupposes its adaptation to pupils' cognitive and affective development.

Another conclusion that emerges from the study is the importance conferred to pupils' project works; some of the materials produced within these projects add to the Media Library resources, which is regarded as highly positive for pupils' self-esteem.

The Media Library, as perceived by the subjects, also acts as a stimulus to research work, developing study skills and techniques that contribute to the development of autonomy in the long run and to a lifelong interest in information. Developing work in the Media Library was also seen as enabling the learners to acquire the necessary skills to deal with information in the diverse media it shows up in the Information Society.

Teachers emphasize the contribution of the Media Library to their personal and professional achievement and to their self-development, mainly in the areas of planning and class preparation, being therefore an important element for work routines diversification and methodological and strategic enrichment.

The existence of a Media Library allows teachers to face both pupils' heterogeneity and the evolution of knowledge in the Information Society in a more confident way.

## AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Margarida Fernandes, orientadora desta dissertação, a minha grande admiração de ontem e de hoje e o reconhecimento pela forma como acompanhou este trabalho.

### AGRADEÇO AINDA:

Às professoras e colegas (Rosa, Carla, Elizabete e Marta) que participaram neste estudo, permitindo levá-lo a cabo.

À minha família e amigos pelo interesse e paciência com que seguiram as diferentes fases deste trabalho.

Aos meus colegas do grupo de trabalho do Mestrado pela partilha e amizade conseguidas.

Um agradecimento póstumo à memória da amiga e colega que incentivou e sempre esteve presente no decurso deste trabalho.



# ÍNDICE

Capítulo I –INTRODUÇÃO.....	3
Objectivos e Questões do Estudo .....	3
Contextualização do Problema.....	5
Metodologia.....	11
Organização do Estudo.....	11
Relevância do Estudo.....	12
Palavras – Chave.....	13
Capítulo II - REVISÃO DA LITERATURA.....	15
Introdução.....	17
1.A Pedagogia Diferenciada.....	21
1.1 A Diferenciação.....	21
1.2 Do “Apoio” à Diferenciação.....	24
1.3 Avaliar para Diferenciar, Diferenciar para Igualar . . .	27
1.4 Diferenciar numa Escola para Todos.....	30
2.As Mediatecas Escolares na Sociedade da Informação . . . .	35
2.1 O Papel da Escola na Sociedade da Informação . . . . .	35
2.2 Da Biblioteca à Mediateca Escolar . . . . .	43
2.3 Princípios Organizativos na Mediateca Escolar . . . . .	52
Capítulo III – METODOLOGIA.....	59
1. Metodologia.....	61
1.1 Opções Metodológicas.....	61
1.2 Fundamentação geral. O porquê de processos qualitativos .....	62
1.3 Estudo de Caso .....	66
2. Caracterização da Escola.....	69
2.1 Caracterização da Mediateca .....	72
2.1.1 Funcionamento das actividades organizadas na Mediateca . . . . .	77
3. Amostra.....	78
3.1 Os Sujeitos da Investigação.....	78
3.1.1 Os Professores.....	78
3.1.2 Os Alunos.....	80

# ÍNDICE

4. Recolha de Dados.....	81
4.1 Instrumentos Utilizados com os Professores.....	81
4.1.1 Entrevista.....	81
4.1.1.1 Entrevista Preparatória.....	84
4.1.1.2 Guião da Entrevista.....	85
4.1.2 Entrevista de Aprofundamento.....	89
4.1.3 Documentos: Projecto Educativo e Diário de Aula.....	90
4.2 Instrumentos utilizados com os Alunos.....	90
4.2.1 Questionário.....	90
5. Procedimentos de Investigação.....	92
5.1 A Entrevista aos Professores.....	92
5.2 Questionário aos Alunos.....	96
5.3 Entrevista de Aprofundamento aos Professores.....	97
6. Análise de Dados.....	98
Capítulo IV- APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	103
Introdução.....	105
1. Rosa.....	107
2. Carla.....	131
3. Elizabete.....	153
4. Marta.....	177
Capítulo V – ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	199
Introdução.....	201
Percurso Profissionais dos Professores.....	201
Recursos da Mediateca: os recursos mais e menos utilizados	202
As Áreas Privilegiadas nessa Utilização.....	204
A Utilização dos Recursos pelos 4 anos de Escolaridade.....	204
A Mediateca como Facilitadora da Aprendizagem.....	206
Alunos que necessitam mais da Mediateca.....	208
Trabalhos dos alunos na Mediateca.....	209
Metodologias Desenvolvidas a partir dos Recursos da Mediateca.....	210
Registo e Avaliação das Actividades a partir dos Recursos da Mediateca.....	211

# ÍNDICE

A Mediateca- Individualização e Diferenciação do Ensino. ....	212
O Contributo da Mediateca para a Valorização Pessoal e Profissional do Professor. ....	214
O Impacte da Mediateca na Comunidade Educativa. ....	215
Os Recursos Humanos para a Mediateca e a sua Formação. ....	215
Necessidades de Formação do Professor Responsável pela Mediateca. ....	216
A Sociedade da Informação e a Mediateca. ....	217
Capítulo VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS. ....	219
Introdução. ....	221
1. Reflexões Finais. ....	222
2. Limitações do Estudo . ....	226
3. Recomendações . ....	227
BIBLIOGRAFIA. ....	229
ANEXOS (em volume separado)	



## ÍNDICE DE QUADROS

### Capítulo II Revisão da Literatura

Quadro nº 1	Equipamentos da Mediateca . . . . .	73
Quadro nº 2	Material Existente na Mediateca . . . . .	74
Quadro nº 3	Horário da Mediateca . . . . .	76

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

### Capítulo IV Apresentação dos Resultados

#### *Alunos de Rosa*

Gráfico 1	O que Faço na Mediateca? . . . . .	108
Gráfico 2	O que gosto mais de fazer na Mediateca? . . . . .	109
Gráfico 3	Com os Materiais da Mediateca o que faço na Sala de Aula. . . . .	111

#### *Alunos de Carla*

Gráfico 4	O que Faço na Mediateca? . . . . .	133
Gráfico 5	Com os Materiais da Mediateca o que faço na Sala de Aula? . . . . .	134

#### *Alunos de Elizabete*

Gráfico 6	O que Faço na Mediateca? . . . . .	154
Gráfico 7	Com os Materiais da Mediateca o que faço na Sala de Aula? . . . . .	161
Gráfico 8	Dá sugestões de novas Actividades e de novos Materiais. . . . .	170
Gráfico 9	O que Achas que deveria ser modificado na Mediateca. . . . .	171

#### *Alunos de Marta*

Gráfico 10	O que Gosto mais de fazer na Mediateca? . . . . .	178
Gráfico 11	O que Faço na Mediateca? . . . . .	179

# **CAPÍTULO I**

## **INTRODUÇÃO**



## INTRODUÇÃO

Este capítulo pretende introduzir alguns aspectos essenciais que caracterizam a presente investigação. Começa por explicitar o seu objectivo principal e formular as diversas questões que lhe estão associadas.

Apresenta de seguida um conjunto de ideias que se consideram essenciais para contextualizar cada domínio abordado, referem-se as razões que levaram a autora a aprofundar esta temática, indica-se a metodologia e organização do estudo, terminando com a discussão do respectivo significado e a indicação de algumas palavras chave deste estudo.

### Objectivos e Questões do Estudo

Esta investigação tem como objectivo geral analisar o impacte de uma Mediateca Escolar numa Escola do 1º Ciclo sobre as práticas dos professores que a utilizam. Para tanto, descreve e analisa as práticas e as opiniões de quatro professoras que utilizam a Mediateca Escolar, numa escola do 1º Ciclo, bem como as reacções dos alunos à sua utilização.

Este objectivo geral desdobra-se noutros mais específicos, como a seguir se indica:

- Conhecer o uso que os professores fazem dos materiais da Mediateca na preparação e funcionamento das suas aulas;
- Saber a que área disciplinar pertencem os materiais e suportes mais e menos utilizados;
- Saber se essa utilização varia e de que forma com o ano de escolaridade em que os alunos se encontram;

- Saber que importância os professores lhe atribuem na aprendizagem dos seus alunos;
- Conhecer as concepções dos professores sobre o contributo da Mediateca para a criação de condições que favoreçam a igualdade de oportunidades;
- Saber a opinião dos professores sobre o contributo da Mediateca para o desenvolvimento da autonomia dos alunos.
- Saber que importância lhe atribuem como meio de que podem dispor para promover o seu desenvolvimento profissional;

As questões que orientaram a investigação foram as seguintes:

- A existência da Mediateca Escolar, numa Escola do 1º Ciclo, alterará as práticas de sala de aula dos professores?
- Em caso afirmativo, as alterações consistem na utilização diferenciada dos meios de ensino/aprendizagem proporcionados pela Mediateca?
- Encaram os professores a diversificação dos meios de ensino/aprendizagem numa Mediateca Escolar e consequente diferenciação do ensino como factores que promovem a igualdade de oportunidades?
- Reconhecem os professores alguma relação entre a utilização diferenciada dos meios da Mediateca e o grau de autonomia dos alunos?
- Que importância atribuem os professores à Mediateca como factor do seu desenvolvimento profissional?

## Contextualização do Problema

A contextualização do problema do presente estudo é indissociável do conceito de Escola, particularmente no que diz respeito ao enquadramento e princípios que orientam as práticas de sala de aula e a evolução que os mesmos têm sofrido, reflectindo-se estes ainda que de forma ténue, na filosofia de apetrechamento e ajustabilidade da rede escolar, conforme discursos oficiais dos sucessivos Ministros da Educação.

Desde a Reforma de Veiga Simão<sup>1</sup> à Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986, foram sendo preconizadas medidas “correctoras” da estagnação e atrofia da Escola Portuguesa a que o Estado Novo a conduziu, visando dotar a sociedade democrática dos seus próprios instrumentos de intervenção no domínio das práticas educativas.

“o apoio e complementaridade de recursos educativos existentes nas escolas e ainda com o objectivo de racionalizar o uso dos meios disponíveis, será incentivada a criação de centros regionais que disponham de recursos apropriados e de meios que permitam criar outros, de acordo com as necessidades de inovação educativa” ( L.B.S.E.Art.º 41º).

O alargamento da escolaridade obrigatória de seis para nove anos e a implementação da Reforma Educativa, veio potenciar a introdução de estratégias de inovação e reformulação ao nível das metodologias, da pedagogia e suas estratégias de concretização. Assim, o Decreto-Lei N°286/89, que define as linhas gerais da Reforma do Sistema Educativo indica no seu artº 12º:

---

<sup>1</sup> Decreto Lei 47587 de 10/03/67

“...para a realização da reforma curricular, as escolas devem dispor dos recursos educativos necessários, nomeadamente materiais de apoio escrito e audiovisual, bibliotecas, laboratórios, oficinas e meios informáticos, bem como de espaços e materiais para as actividades lúdicas, incluindo o desporto escolar (...) os recursos educativos encontram-se em centros de recursos, de forma a racionalizar a sua utilização pelas escolas.”

Apesar da bondade destas intenções, a prática tem revelado a sua pouca eficácia e mesmo alguma resistência. Só em 1990 e 1991, são lançados concursos no âmbito do PRODEP que irão alterar algumas situações ao nível das Bibliotecas e Mediatecas Escolares. No entanto, os seus efeitos mais imediatos revelaram, com algumas excepções, uma incidência nos aspectos puramente administrativos e uma mera aplicação de fundos comunitários na aquisição e apetrechamento material das escolas envolvidas no processo de concurso, ficando mais uma vez adiada a questão da formação nesta área.

O Sistema Educativo Português, e concretamente a sua Reforma, ao atribuir importância aos objectivos transdisciplinares relacionados com as competências de tratamento e produção de informação, esquece a correspondente política de optimização de recursos, que possa desenvolvê-las que é indispensável em todas as escolas para promover uma efectiva democratização do acesso a essas aprendizagens.

Pode-se afirmar, no entanto que se está em presença de um novo conceito de escola e de práticas educativas, que procura passar de uma escola baseada na repetição de mnemónicas em que o professor tem um papel central (anos 40 e até finais dos anos 60), para uma outra, cujas finalidades assentam no desenvolvimento de cidadãos autónomos, com iniciativa e espírito crítico, visando a promoção das capacidades dos alunos, que se pretende venham a ser cidadãos inseridos numa sociedade democrática e aberta ao conhecimento através da pesquisa e da investigação, fornecendo o professor os instrumentos e hábitos de

trabalho para a aquisição e transformação dessa mesma informação em conhecimento.

Ao pretender-se da Escola e dos alunos o desenvolvimento das capacidades anteriormente enunciadas torna-se imperioso e fundamental que o papel dos professores se altere e se adapte às novas situações e que de meros transmissores de conhecimentos, evoluam para a posição de gestores das diferentes fontes de informação e das suas metodologias. O investimento na formação torna-se assim ponto central desta alteração e da Reforma. As necessidades de alunos e professores neste final de milénio, em plena “Sociedade da Informação”, não podem ignorar o valor real do domínio das destrezas e atitudes para a procura e passagem da informação a conhecimento e cada um deles é, nesta perspectiva, um utente permanente, o que confere uma acrescida legitimação ao investimento nas redes das Bibliotecas ou Mediatecas Escolares.

É assim que surge uma vez mais, em 1996, o Programa de Rede Nacional de Bibliotecas Escolares, o qual inicia o seu arranque com as primeiras “Escolas de Rede”, em parceria com Autarquias, Bibliotecas Públicas, Serviços Regionais e Locais do Ministério da Educação. No entanto, esta medida apenas contemplou 16 municípios e 90 escolas, tendo-se verificado a ocorrência de constrangimentos logísticos e desajustamentos físicos ao nível dos espaços disponíveis, os quais, por inexistência de prévia planificação e integração no edifício escolar já construído, não cumpriam os padrões adoptados pela UNESCO para as Bibliotecas/Mediatecas Escolares.

“Na maior parte dos estabelecimentos de ensino, incluindo os das Regiões Autónomas, o discurso do professor foi e é o recurso fundamental de que os alunos podiam (podem) desfrutar”

(Pessoa, 1994:13)

Sendo as práticas de sala de aula das nossas escolas ainda fortemente baseadas no discurso do professor, é lógica a insistência na

mudança em dois planos distintos mas complementares, a formação contínua e a generalização dos equipamentos daquelas tipologias.

Apesar das Bibliotecas, Mediatecas e Centros de Recursos escolares, serem um sector embrionário e experimental no nosso país, algumas dessas experiências foram-se consolidando um pouco à margem do sistema, fruto de movimentos de carácter pedagógico e de uma ou outra intervenção focalizada por parte de agentes exteriores à escola, que souberam alimentar ou promover alianças com docentes, rentabilizando recursos numa lógica de desenvolvimento das comunidades locais e no forte empenhamento personalizado de elementos docentes. Os projectos concretizados em algumas escolas de todos os níveis de ensino, incluem formas de cooperação com algumas Bibliotecas Municipais, com Autarquias, com Editoras, levando a um movimento de inovação a partir das escolas que procurou responder à necessidade real do próprio sistema educativo de privilegiar e dar importância às metodologias activas, às competências exigidas pelo currículo no tratamento e na produção de informação. Pretendia-se assim retomar a gestão da informação e dos recursos educativos, em todos os suportes, promovendo a literacia dentro e fora da sala de aula, favorecendo a autonomia, a criatividade e os saberes, favorecendo as propostas de criação de Mediatecas ou Bibliotecas Escolares nos projectos educativos das escolas, como lugares de mobilização de todos os recursos, capazes de apoiar professores e alunos.

Em Portugal não existem estudos a nível nacional que sirvam de base a uma panorâmica geral das bibliotecas existentes no nosso país (Canário, R. et al. 1994).

Relativamente ao 1º ciclo, a situação é bem mais gravosa pois neste nível de ensino, a ocorrência dos princípios reformadores foi sistematicamente retardada e protelada no tempo, pela inexistência de legislação no domínio das Bibliotecas e apenas aquando da criação das Escolas do tipo P3, de área aberta, se incluiu no interior de cada núcleo uma zona para a leitura.

De acordo com a equipa de “Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares” (Veiga, I. et al., 1996), a percentagem de edificios escolares do 1º ciclo com espaço de Biblioteca é apenas de 7,9% e só 35,6% “improvisou” um espaço alternativo para Biblioteca.

Estes números são reveladores da extrema pobreza e escassez de meios no 1º ciclo, e indiciam alguma impossibilidade de introdução no quotidiano deste nível de ensino, de práticas actualizadas que dêem resposta ao impacte das novas tecnologias e exigências científicas, técnicas e humanas da sociedade nossa contemporânea.

Referindo-se à escassez de recursos nas escolas portuguesas, Margarida Fernandes afirma que:

“uma das maiores dificuldades com que os professores se confrontam nas escolas, no seu dia a dia, diz respeito à ausência de materiais educativos de qualidade que possam contribuir para melhorar as suas práticas e enriquecer as aprendizagens dos alunos. A esta dificuldade alguns professores têm procurado responder, produzindo eles próprios novos materiais...”

(Fernandes, 1996: 133)

Por outro lado e ainda de acordo com o grupo de trabalho “Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares” (1996), a referência à situação das condições de trabalho das escolas do 1º ciclo é constrangedora, porque para além da ausência de espaços apropriados para as Bibliotecas, o pouco que existe de acervo bibliográfico, encontra-se disperso pelas salas ou então fechado num armário no gabinete da direcção da escola. Mesmo nestes casos o “fundo documental” é essencialmente constituído por manuais escolares, não favorecendo o gosto pela leitura nem fomentando o interesse real pela pesquisa autónoma.

Parece, então, ser necessário e urgente a disponibilização de recursos materiais e instalações conducentes a uma Escola verdadeiramente inclusiva de saberes, valores e competências promotoras do sucesso educativo de todos os alunos. Embora não sejam condição suficiente para a ocorrência do sucesso educativo, os recursos são, no entanto, condições basilares que permitem aos professores e aos alunos, os meios materiais adequados para o bom desenvolvimento dos processos de ensino/aprendizagem.

É só deste modo que a Escola poderá dar respostas de qualidade, sendo capaz por isso de lidar positivamente com a heterogeneidade sociocultural da população escolar, recusando tanto a homogeneização das práticas educativas dos professores, como a aceitação simplista do aluno medida-padrão, a partir do qual se organizariam todas as práticas. A Escola passa assim a respeitar a singularidade da pessoa humana, das experiências de vida, ritmos e motivações de aprendizagem, defendendo-se a heterogeneidade não como um problema, mas como uma riqueza, promovendo-se a diferenciação das práticas educativas e a diversidade do currículo no seio da turma e da Escola.

Esta necessidade permanente da Escola em adaptar-se e inovar, leva F. Cros (1993 cit. Benavente 1996: 51) a afirmar que “a inovação educacional vive sob tensão”, o que Benavente explicita da seguinte forma:

“Esta tensão é dupla, tensão entre as necessidades e as condições constrangedoras e limitativas extremamente marcada pela pobreza da maior parte das nossas escolas e tensão existencial pois, para muitos inovadores quando um projecto alcançou os seus objectivos, logo nascem outros projectos. Em educação recomeça-se incessantemente”.

Ana Benavente (1996:51)

O caso da Escola do presente estudo, parece configurar um modelo de superação contínua, resolvendo aparentemente esta dupla tensão pela procura das respostas que ela proporciona, desempenhando a Mediateca Escolar um papel activo nessa tentativa de resposta a uma necessidade de superação contínua.

**Metodologia**

O estudo segue uma metodologia de investigação de natureza qualitativa baseada num estudo de caso. Entrevistas, documentos, e diários constituem as principais fontes de dados recolhidos junto de quatro professoras duma mesma escola do 1º ciclo com Mediateca Escolar. O questionário foi a única fonte de recolha de dados junto de seis alunos de cada uma das professoras que fizeram parte do presente estudo.

Embora com um cunho descritivo e analítico, a investigação assume um carácter interpretativo, tomando a forma de estudo de caso.

**Organização do Estudo**

A presente dissertação é o resultado de uma investigação realizada sobre o uso da Mediateca Escolar por quatro Professoras dos primeiros quatro anos de escolaridade numa Escola do 1º Ciclo com Mediateca Escolar, tendo como objectivo principal descrever e compreender as concepções deste grupo de docentes sobre a referida utilização. As Professoras leccionam na mesma Escola há um período de tempo considerado necessário para se familiarizarem com a Mediateca e leccionam os diferentes anos de escolaridade.

Para a apresentação do trabalho realizado a investigadora optou por organizar este trabalho em seis capítulos.

O primeiro é constituído pela introdução, onde se explicitam os objectivos do estudo, o contexto em que a problemática da Mediateca Escolar aparece no sistema educativo Português, se apresentam as questões do estudo, a metodologia a aplicar; a sua organização e significado, e palavras-chaves da investigação.

No capítulo II procede-se à revisão da literatura, reflectindo sobre duas temáticas: a primeira relaciona a evolução da sociedade, do conhecimento e da técnica e a sua influência no contexto educativo: – As

Mediatecas Escolares e a Sociedade da Informação; a segunda reflecte sobre a pedagogia diferenciada. Os dois últimos pontos são apresentados na perspectiva de um ensino que procura ir ao encontro das necessidades e interesses do aluno, acompanhando a Sociedade de hoje, a Sociedade da Informação.

O capítulo III descreve a metodologia utilizada, tentando clarificar e fundamentar as opções metodológicas relativas a esta investigação. Apresenta e justifica a selecção da amostra que é constituída por quatro professoras e vinte e quatro alunos (seis por cada professora). Descreve também a Escola e a Mediateca Escolar a que se refere o estudo. Neste capítulo ainda são descritos os instrumentos e procedimentos utilizados na recolha de dados.

O capítulo IV apresenta os resultados obtidos através das entrevistas e diário de aula, junto das quatro professoras, bem como referências pertinentes recolhidas, através de questionário, a seis alunos de cada uma das referidas professoras.

No capítulo V, a análise dos dados é feita através de uma síntese interpretativa das práticas das quatro professoras que utilizam a Mediateca Escolar, procurando confrontar essas práticas com os resultados de investigações ligadas às temáticas aqui abordadas.

Finalmente, o capítulo VI é constituído por reflexões finais suscitadas por esta investigação, apresentando-se sugestões e propostas para futuros estudos.

A bibliografia e alguns anexos que suportam a investigação empírica fazem também parte da presente dissertação.

## **Relevância do Estudo**

Como certamente já se percebeu, a justificação deste estudo decorre da preocupação sentida pelos professores em geral, e pelos do 1º Ciclo em particular, quanto à necessidade de proporcionar ao conjunto heterogéneo dos seus alunos todas as oportunidades e meios de aprendizagem para que o objectivo “Todos diferentes todos iguais” seja alcançado, apesar das dificuldades para o conseguir, nomeadamente da

dificuldade em aplicar os conceitos da Reforma Curricular no que diz respeito à diferenciação do ensino.

É também de salientar que o estudo decorre na única escola do 1º ciclo do Algarve que tem uma Mediateca Escolar, o que é suficiente para que a situação assuma um carácter único.

**Palavras-Chave:**

Mediateca, Inovação, Mudança, Formação/Informação, Diferenciação, Individualização, Autonomia, Meios de Aprendizagem, Metodologias de Ensino.



## **CAPÍTULO II**

### **REVISÃO DA LITERATURA**



**Introdução**

Neste capítulo apresentam-se as referências teóricas relativas às principais questões do estudo, nomeadamente as que se referem à justificação de uma pedagogia diferenciada, ao papel das Mediatecas Escolares na Sociedade da Informação e ao seu contributo para a diversificação das propostas pedagógicas que a escola pode oferecer.

Como já se disse, a presente investigação pretende analisar a diversidade de meios de ensino/aprendizagem de uma Mediateca de uma Escola do 1º Ciclo, a sua organização e dinamização e o impacte desta na diferenciação das práticas dos professores, com especial incidência no interior da sala de aula.

A diversidade de meios e de práticas que a Mediateca proporciona procura responder às diferenças psicológicas, sociológicas e culturais dos alunos e também às mutações que hoje percorrem as sociedades e a educação. Não se trata apenas da evolução das tecnologias de comunicação, da reforma de programas, de novos métodos de ensino, ou da evolução rápida dos processos e inovações tecnológicas, trata-se também de novos avanços científicos nas áreas do conhecimento e da personalidade humana, de mudanças sociais que contribuíram para a massificação do ensino, acentuando-se a diversidade da população escolar, o que torna cada vez mais necessário o desenvolvimento, ou a criação de Mediatecas, ou de Centros de Recursos nos estabelecimentos de ensino, podendo estes contribuir para a melhoria da qualidade do ensino e para facilitar a auto-formação e educação permanente, através dos variados meios de ensino/aprendizagem que proporcionam.

Procurando reforçar esta orientação, a UNESCO, aprovou um Manifesto, em 1980, em Manila, que proclama a importância fundamental dos serviços das Mediatecas Escolares para uma efectiva educação de todas as crianças e adolescentes, fornecendo aos estudantes uma vasta gama de serviços e recursos de forma a desenvolver as capacidades básicas que os podem conduzir, ao longo da vida, para a fruição cultural, informação e educação contínua.

Todas estas preocupações se prendem com a importância crescente de uma autêntica “escola paralela”, com o desaparecimento da noção de

certeza imutável e com a vertiginosa evolução técnica e científica, alterações que requerem, desde a escola, condições que permitam ao aluno trabalhar autonomamente.

Por outro lado, a transformação fundamental da escola diz respeito à mudança da relação entre o professor e o aluno. O professor já não se organiza unicamente em função de si mesmo. O aluno transforma-se no auto-educando que tem acesso a uma quantidade de saberes e de saberes-fazer e que se auto-educa. Tal como afirma Rogers (1973), os únicos conhecimentos que podem influenciar o comportamento de um indivíduo são os que ele próprio descobre e dos quais se apropria.

Se no séc. XIX, os conhecimentos eram ainda limitados e a sua memorização possível, actualmente, a expansão científica gerou um crescimento rápido de conhecimentos impossível de memorizar. O processo é cumulativo, sendo o desenvolvimento da investigação apoiado por uma documentação que se expande rapidamente e se traduz pela multiplicação das publicações.

O acesso à informação disponível permite que o professor desempenhe um novo papel: o de animador e de conselheiro, garantindo-se a qualidade intelectual do ensino através de documentação variada.

Ao colocar directamente a informação à disposição do aluno, no momento em que este deseja utilizá-la, introduz-se uma grande maleabilidade no processo de aprendizagem. É a margem de escolha concedida ao aluno que parece ser o factor determinante. É aqui que se manifesta a diferença entre o trabalho individualizado e o trabalho independente. O trabalho individualizado adapta-se às possibilidades e ao ritmo do aluno mas, na maior parte das vezes, os objectivos são determinados à partida. Pelo contrário, no trabalho independente, os objectivos são definidos pelo aluno em conjunto com os professores e à medida que o mesmo se vai desenvolvendo.

Mas a Escola não deverá estar atenta apenas à evolução da informação e da sua organização, deverá também preocupar-se com a heterogeneidade dos alunos que a comunidade escolar acolhe, decorrente do alargamento da escolaridade obrigatória, dos pressupostos da Reforma Educativa, de onde sobressai o Novo Modelo de Avaliação, cuja concepção se torna questionável ao nível da sua aplicabilidade.

Assim, a pedagogia diferenciada consiste em multiplicar os itinerários de aprendizagem em função das diferenças existentes entre os alunos, tanto no plano dos seus conhecimentos anteriores, dos seus perfis pedagógicos, dos seus ritmos de assimilação, como das suas culturas próprias e dos seus centros de interesse. E essa diversidade de meios e de práticas justifica-se pela heterogeneidade dos alunos, pois como é sabido, todas as situações didáticas propostas ou impostas uniformemente a um grupo de alunos são inevitavelmente inadequadas para uma parte deles. Mesmo quando em harmonia com o nível de desenvolvimento e as capacidades cognitivas dos alunos, as situações propostas podem não ter sentido para eles e não provocar nenhuma actividade intelectual, nenhuma construção de conhecimento.

Segundo Perrenoud (1985), a indiferença às diferenças é geradora de desigualdade de sucesso. A diferenciação do ensino, como ele afirma, passa por uma desigualdade de tratamento, mas deve ser igualitária nas suas intenções e, se possível, nos seus efeitos.

Deste modo, para que a Escola seja uma Escola para Todos, uma Escola de Sucesso, torna-se necessário diversificar os meios e os modelos de ensino/aprendizagem.

A diversificação supõe propostas pedagógicas intercalares para os alunos, de alargamento do espaço educativo, de pluralidade de competências e de excelência, de pluralidade de meios pedagógicos e de modos de trabalhar para um mesmo tipo de aprendizagem. Cada aluno deverá poder encontrar espaço de apropriação do trabalho e nele inscrever os seus modos sociais e pessoais de fazer.

Nas diferentes formas de diferenciação, realça-se a pedagogia da autonomia, que permite ao aluno tornar-se cada vez mais responsável pela gestão do seu trabalho escolar.

Tomando em consideração este quadro em que a diferenciação pedagógica se impõe como uma necessidade, o presente estudo analisa algumas das implicações do desenvolvimento da rede de Mediatecas Escolares, projecto que surge associado à reforma educativa desencadeada a partir de 1986, para cumprimento do que estipula a Lei de Bases do Sistema Educativo. A Mediateca é definida como um dispositivo susceptível de colocar à disposição dos professores e alunos um conjunto documental diversificado, assim como os meios técnicos que

permitem a sua exploração e a produção documental, desenvolvendo um novo dispositivo de mudanças importantes ao nível escolar, bem como a nível das práticas pedagógicas (Canário, 1994).

A Mediateca surge numa perspectiva de inovação e mudança como facilitadora da diversificação dos meios de ensino/aprendizagem e da diferenciação das práticas dos professores, sobretudo na sala de aula onde os alunos são o centro da aprendizagem, de forma a que cada um tenha o máximo de oportunidades de encontrar o meio e o método que melhor se lhe adapta (Meirieu, 1985).

## 1. A Pedagogia Diferenciada

### 1.1 A Diferenciação

Vários pedagogos tentaram passar do ensino colectivo ao ensino individualizado, procurando realizar o que Claparède chamou “a escola por medida”, isto é, a escola que parte do aluno, das suas possibilidades, da sua estrutura mental, do que cada aluno é pessoalmente, para com base nesse conhecimento decidir o emprego de procedimentos que permitam a cada um trabalhar segundo o seu ritmo e capacidades. Ao fazê-lo, foram dando forma à ideia de ensino individualizado, ideia força cuja simplicidade de formulação ilude talvez a dificuldade da sua execução : “é o aluno que aprende e ninguém pode aprender em seu lugar ... e uma vez que não há dois alunos idênticos não há aprendizagem com êxito a não ser com um ensino diferenciado” (D. Hameline , cit. P. Meirieu, 1990).

O ensino diferenciado distingue-se, no entanto, do ensino individualizado, na medida em que este está impregnado das concepções taylorianas com base numa educação/relação de ajuda, enquanto a diferenciação revela um conceito mais aberto e plural.

Foi Louis Legrand que, em 1976, introduziu no vocabulário pedagógico o conceito de pedagogia diferenciada, como um pensamento de síntese e de abertura que integrava os contributos das diferentes correntes pedagógicas e que sem negar a sua especificidade nem mascarar as suas propostas, permitia pô-los em coerência ao serviço dos alunos (P. Meirieu, 1990).

Nesta perspectiva, a diferenciação podia representar uma forma de fugir aos dogmatismos, isto é, à utilização de uma determinada corrente pedagógica, independentemente dos contextos e dos alunos, antes seria como um propósito de exame racional que fugiria ao mesmo tempo ao relativismo e ao universalismo, interrogando os modelos pedagógicos sobre três pólos:

- o pólo axiológico, que - implícita ou explicitamente - promove valores, representações da cultura do sujeito que aprende, do formador e das relações que devem manter ;
- o pólo psicológico, que mobiliza certos conhecimentos provenientes deste ou daquele ramo da psicologia;
- o pólo praxiológico, que formaliza instrumentos que nos permitem apoderarmo-nos do real e transformá-lo.

A todos os modelos pedagógicos que ocupam hoje o terreno, a pedagogia diferenciada podia, portanto, perguntar: Que lugar pode o professor ocupar no projecto da “*escola plural*” que nos aparece hoje, ao mesmo tempo, necessária e eticamente indispensável?

A pedagogia diferenciada é necessária face à heterogeneidade dos alunos e aumento da pressão social sobre a escola, contribuindo para regular as práticas didácticas com que a instituição educativa contemporânea procura responder-lhe.

Nunca há um único “*método bom*” em pedagogia. Nesse sentido a pedagogia da diferenciação funda-se na ideia de que nada nos garante a possibilidade de existência de métodos intrinsecamente válidos e que o sejam independentemente do contexto em que são utilizados (Guy Avanzini, 1985).

O princípio base que deve presidir à aplicação da pedagogia diferenciada consiste em diversificar os itinerários de aprendizagem dos alunos tendo presentes os seus conhecimentos anteriores, ritmos e interesses, bem como as culturas de que provêm e onde realizaram as primeiras aprendizagens.

A diferenciação poderá ser organizada na turma pelo professor, de forma sucessiva e/ou simultânea (P. Meirieu, 1985).

A *diferenciação sucessiva* consiste em usar sucessivamente diferentes instrumentos e suportes e diferentes situações de aprendizagem, de modo a que o aluno tenha o máximo de oportunidades de achar o método que lhe convém. Nesta forma de diferenciação, o professor pretende uma progressão colectiva, mas alterna os métodos utilizados.

A *diferenciação simultânea* faz-se numa parte do tempo escolar, consistindo em distribuir a cada aluno um trabalho correspondente a um

momento dado do programa, às suas necessidades e às suas possibilidades. Nesta forma de diferenciação, é essencial dispor de instrumentos rigorosos para evitar a dispersão. São, então, utilizados planos de trabalho individuais ou contratos, que serão objecto de avaliação regular.

A diferenciação também se pode organizar para várias turmas numa mesma disciplina: num primeiro tempo, os alunos recebem ensino colectivo nas suas turmas, num segundo tempo, distribuem-se por “grupos de necessidades”, conforme as dificuldades sentidas. E a equipa de professores da disciplina divide o seu horário semanal de modo a atender os alunos, quer em classe heterogénea, quer em “*grupos de necessidade*”.

Esta forma de diferenciação requer dos professores que inventariem as necessidades dos alunos, elaborem respostas pedagógicas adequadas e dividam os alunos por grupos (grupos para: repetição de noções, aquisição de métodos, exercícios de treino e outros).

Utilizar a própria diversidade das disciplinas de uma turma como instrumento de diferenciação tem sido outra forma a que se tem recorrido, estabelecendo um programa de capacidades transdisciplinares para um determinado tempo. Os alunos são então solicitados a efectuar determinados exercícios na matéria de sua escolha, devendo ser desenvolvidas todas as capacidades requeridas no programa.

Entre as diferentes formas de diferenciação realça-se a importância dada à pedagogia da autonomia, que pretende que o aluno se torne cada vez mais responsável na gestão do seu trabalho escolar.

A diversificação é factor de bom senso, de bom entendimento, de trabalho em equipa. O professor não pode ficar isolado e não pode dividir os métodos em bons e maus. Face a alunos muito heterogéneos é indispensável aplicar uma “*pedagogia*” ao mesmo tempo variada, diversificada, concertada, compreensiva, isto é, o professor deverá diferenciar os meios e as estratégias que utiliza ( Péretti, 1985).

## 1.2 Do “Apoio” à Diferenciação

Da análise da experiência francesa, Henry Raymond (1985) aponta algumas causas para o fracasso relativamente aos Programas de “Apoio” que foram entretanto concebidos:

- Do lado dos alunos o apoio foi sentido como um castigo. Com efeito , “*ir para o apoio*” significava para o aluno ficar uma hora ou mais na Escola ou chegar mais cedo, isto é, trabalhar mais que os outros uma dada matéria, na qual tinha maus resultados e em consequência pouco gosto por ela;
- Do lado da Administração o apoio constitui muitas vezes um constrangimento , pelo facto de ter que organizar os horários de forma a providenciar salas e professores para os apoios;
- Do lado dos professores e a despeito dos esforços de alguns para organizar actividades para os alunos que possam valorizá-los perante o grupo classe, o apoio conduz a um desvio do sistema que pode ser pernicioso ao criar um grupo de “*fracos*”, ou mesmo um “*ghetto*” - tudo aquilo que deveria ser evitado.

Perante estas dificuldades não é de eliminar o “*apoio*”, mas talvez pensá-lo diferentemente para analisar a diversidade das “*démarches*” de aprendizagem de cada aluno, a fim de determinar a natureza do “*apoio*” para cada aluno ( mediação que tende para a individualização). Organizá-lo diferentemente de acordo com o que cada equipa pedagógica decidir em cada escola pode ser, entre outras coisas:

- Organizar grupos de nível por matérias. Trata-se de um esquema que pretende combinar os princípios da homogeneidade e da heterogeneidade na formação das turmas. Por exemplo, consideremos duas turmas heterogéneas, em ambas há alunos com aproveitamento e alunos com dificuldades várias. No entanto, numa determinada disciplina em que alguns alunos têm dificuldades, eles serão

distribuídos em grupos mais homogêneos quanto ao seu nível de conhecimentos nessa disciplina. Assim, enquanto uns alunos frequentam o nível I dessa disciplina, outros - exactamente à mesma hora - estarão com outro professor na aula da mesma disciplina, nas de nível II.

- Instaurar uma pedagogia diferenciada. A pedagogia diferenciada é “*a pedagogia que se utiliza nas classes indiferenciadas*” (Daniel Thomières, 1984, cit.H. Raymond, 1985), isto é, em aulas para as quais os professores elaboram tarefas de aprendizagem, sendo umas para a realização individual, outras para realização em grupo. Umas são simples exercícios de aplicação, outras consistem em pesquisas para as quais é fornecido um guião e cujo resultado será comunicado à turma, respeitando um calendário estabelecido de comum acordo com o professor e os colegas.

O professor vai acompanhando a execução das tarefas, prestando esclarecimentos, sugerindo caminhos de pesquisa, avaliando processos e produtos. Os alunos vão registando as actividades que realizam, anotando os êxitos e o que precisam melhorar.

O aluno, sempre que necessário, pode ter uma aula de ensino expositivo pelo professor, mas não se limita a um papel passivo.

Pode também sempre intervir, o que é importante para que adira ao ensino diferenciado.

A pedagogia diferenciada é ministrada para grupos de alunos com mais dificuldades no interior da classe, ou em complemento, para grupos de classes heterogêneas.

Tal como diz H. Raymond,:

“a pedagogia diferenciada é a “*démarche*” que procura aplicar um conjunto diversificado de meios e de processos de ensino e de aprendizagem a fim de permitir a alunos de idades, de aptidões, de comportamentos, de saberes-fazer heterogêneos, mas agrupados numa mesma turma, que atinjam por vias diferentes objectivos comuns ou em parte comuns”.

H. Raymond (1985:17)

É neste pressuposto que parece assentar o Despacho n.º 98-A/92, que aponta para uma avaliação de tipo criterial, articulada com estratégias de ensino/aprendizagem que, tanto quanto possível, apresentem aos alunos percursos de formação conscientemente diferenciados (V. Alaiz , 1993).

A diferenciação dos percursos de aprendizagem não pressupõe que cada aluno os faça sempre de maneira individualizada, antes pelo contrário. Bouysse (1994) assinala a utilidade de alternar os momentos em colectivo com os momentos de trabalho individual, de trabalho de grupo ou de apoio directo do professor ao aluno.

A diversidade de materiais é, também, essencial para que os alunos possam trabalhar autonomamente, sem a dependência do professor, libertando-o para apoiar os alunos que necessitem. Assim, um dado aluno pode estar a trabalhar com um ficheiro, enquanto um outro trabalha com materiais manipuláveis, ou outro ainda recebe uma explicação do professor (Meirieu, 1985).

Conforme sublinha Perrenoud (1986), para que a escola esteja apta a tomar em conta as diferenças entre alunos, é preciso dar-lhe os meios de diversificação para a sua acção, reconhecendo-se que “diferenciar o ensino é também fornecer ao aluno possibilidades de escolha na sua forma de abordar o saber”.

Neste sentido e segundo Meirieu:

“é indispensável compensar a dispersão inevitável da diferenciação através da realização de um balanço privilegiado, de um lugar e de um tempo de controlo e de regulação das aprendizagens (...) um momento em que o aluno é levado, com a ajuda do professor, a confrontar os percursos que utilizou com os resultados a que chegou. Porque é realmente neste confronto e nos reajustamentos a que dá lugar que se constrói a autonomia do sujeito”.

( Meirieu, 1985:11-12)

### 1.3 Avaliar para Diferenciar, Diferenciar para Igualar

Todas as situações didáticas propostas ou impostas uniformemente a um grupo de alunos são inevitavelmente inadequadas para uma parte deles. Mesmo quando a situação está em harmonia com o nível de desenvolvimento e as capacidades cognitivas dos alunos, pode acontecer que possa não ter sentido para eles e não provocar nenhuma actividade intelectual, nenhuma construção de conhecimento.

Segundo Perrenoud (1991), diferenciar o ensino é organizar as interacções e as actividades, de maneira a que cada aluno seja constantemente, ou pelo menos muitíssimas vezes, confrontado com as situações didáticas mais fecundas para ele.

Assim, a pedagogia diferenciada deve preocupar-se com a dupla constatação duma impossível homogeneização e duma possível gestão equitativa da heterogeneidade (Guy Avanzini, 1985).

Para haver equidade neste processo, a avaliação tem que estar ajustada aos conteúdos tratados e às metodologias utilizadas, e estes ajustados às características dos alunos.

Actualmente, as explicações para as dificuldades de aprendizagem dos alunos são complexas e envolvem a interacção de factores sociais, institucionais e pessoais. Não podemos admitir que o insucesso escolar seja apenas fruto de capacidades insuficientes por parte dos alunos (Pereira e Martins, 1978, cit. Benavente, 1993).

O próprio desempenho de um mesmo indivíduo é influenciado pelas suas capacidades, mas também por factores sociais, como as relações que estabelece com os professores, a situação em que se encontra, o tipo de trabalho que está a realizar, ou o modo como as instruções lhe são transmitidas.

Gerir as diferenças não quer dizer procurar-lhes as causas para as poder modificar. A evolução e a transformação do aluno são-lhe próprias, ele segue um caminho próprio e único. É preciso olhar a diferença de outro modo, pois “Uma diferença é uma potencialidade, uma riqueza do aluno” (Françoise Cros, 1985:7-8).

O professor deverá levar em linha de conta as diferenças dos alunos, numa turma, e criar, ao mesmo tempo, uma unidade à sua volta.

É essa unidade que evita que a diferença seja vivida sob a forma de exclusão e é, graças a ela que cada um na sua turma se sentirá respeitado, se perceberá como tendo o direito de não compreender, como desejaria o professor. No entanto, cada um ficará sob a tensão de uma exigência de saber.

Segundo J. Guillaumin (1985), um dos factores importantes para a diferenciação é a atitude do professor, isto é, só com uma atitude de simpatia, de capacidade em estabelecer uma relação autêntica, de escutar, de repetir, de modificar a sua linguagem, de inventar meios de comunicação, é possível ir ao encontro das necessidades dos alunos.

Segundo Bloom, a pedagogia para a mestria considera que as diferenças existentes entre os alunos, quer no plano dos conhecimentos anteriores e ritmos, quer no das características afectivas, não os impedem de aprender, uma vez que “Com tempo e devagar, todos podem lá chegar! Neste contexto, quer as dificuldades quer as disparidades entre os diversos indivíduos não constituem tanto uma questão de capacidade, quanto uma questão de ritmo!” (1972, cit. Abrecht, 1992).

Este levar em conta o aluno no processo de apropriação dos conhecimentos não exclui em nada a procura de objectivos comuns, ele é pelo contrário a sua condição. É por isso que a diferenciação deve apoiar-se nos recursos próprios de cada um, não devendo renunciar a alargá-los.

A aplicação da diferenciação na turma é inseparável duma pedagogia de autonomia, que permita ao aluno ajustar progressivamente meios e objectivos e tornar-se cada vez mais consciente e responsável pela gestão do seu trabalho escolar.

Para Perrenoud (1992), todas as formas de diferenciação concreta do ensino situam-se num *continuum* entre dois pólos, a diferenciação espontânea e a diferenciação planeada, e ainda poderíamos falar da diferenciação como utopia, a sonhada.

Na diferenciação espontânea, o professor faz intervenções imediatas face à diversidade de atitudes, ritmos de participação, dificuldades. Esta forma de diferenciação é limitada por falta de tempo e pela necessidade de o professor se ocupar de todos os alunos em simultâneo.

Na diferenciação planeada, as intervenções são mais detalhadas, necessitam de mais tempo, mais controlo e mais reflexão e dependem da maior ou menor gravidade dos dados recolhidos sobre o aluno.

Na situação pedagógica, muitas vezes são os “sonhos pedagógicos”, os desejos dos professores que levam às mudanças. Esta diferenciação, Perrenoud (1985) intitula-a de utopia, isto é, “sonhar a diferenciação é a condição essencial para a tornar realidade. De sonho em sonho se pode ir cada vez mais longe”.

Diferenciar é correr riscos, sair da norma, sem nenhuma certeza de ter razão ou chegar a resultados visíveis. Todavia, como em pedagogia não há receitas, cada um tem que construir o seu próprio sistema de diferenciação.

Para diferenciar não basta observar, é preciso saber agir em função das observações, o que não é simples. Segundo Daniel Bain (1988, cit. Perrenoud, 1991), a observação formativa é um problema de didáctica e é inseparável duma vontade de diferenciação do ensino no quadro das pedagogias abertas e activas. Para a observação formativa, não há modelos chave, cada um deve reinventar a observação formativa de acordo com a sua personalidade, a sua maneira de ensinar, a sua relação com os alunos e os saberes da sua turma.

O essencial para o professor que quer diferenciar os seus procedimentos didácticos é, aprender a observar; “uma regra deveria guiar todos os professores, diz De Ketele, (1980): falar menos, fazer agir mais e observar durante esse tempo”. O fundamental destas funções é o diagnóstico, que permite que haja orientação dos alunos e regulação do processo ensino/aprendizagem com a finalidade de se atingirem os objectivos mínimos.

A avaliação formativa, conforme conceito proposto por Scriven e Bloom, utiliza-se no aperfeiçoamento do processo de ensino/aprendizagem, valendo de *feedback* tanto para alunos como para professores, servindo as funções de individualização das actividades, de prosseguimento da actividade e de adaptação curricular.

A pedagogia centrada no aluno não é uma moda e já não é nova. Numerosos pedagogos, como os Jesuítas, Comenius, Montaigne e muitos outros, passando por Freinet e chegando a Legrand, deram uma grande relevo à necessidade de observar o aluno na sua caminhada própria, de

articular eficazmente os saberes necessários ao seu desenvolvimento cognitivo, afectivo e social.

As capacidades deixaram de ser vistas como estáticas e previamente determinadas, podendo a sua plasticidade ser positiva ou negativamente aproveitada pela escola, o que cria responsabilidades acrescentadas para os educadores em geral, mas também novas perspectivas de actuação.

De acordo com Benavente (1993), este facto explica por que motivo a inovação pedagógica tem sido tantas vezes implementada em relação aos alunos mais diferentes. São estes os que criam mais dificuldades face a uma escola “tradicional”, rígida e ritualizada e, por isso mesmo, são os que obrigam os professores a sentir, de modo mais permanente, a necessidade de novas formas de actuação. Assim, o diálogo com colegas e técnicos de educação e o recurso à investigação pedagógica podem ser a base, o factor que conduz à reconstrução e reformulação dos processos de pensamento/acção na procura de uma definição do projecto individual e profissional, de forma a alcançar níveis desejáveis de sucesso para todos. De facto, sem uma forte relação entre a investigação, a formação de professores e as suas práticas, dificilmente se poderão “sustentar” quaisquer mudanças significativas, na educação (Fernandes, 1993).

#### 1.4 Diferenciar numa Escola para Todos

A escola dos nossos dias confronta-se com uma grande heterogeneidade social e cultural, isto é, devido à democratização do ensino, a escola é uma escola heterogénea, plural e multicultural, tanto a nível dos professores, como dos alunos e seus contextos.

Para que a escola para todos seja uma realidade é necessário assegurar o sucesso a cada aluno, levando em linha de conta as suas particularidades (sociais, físicas, etc.) e considerando que a situação de insucesso tem múltiplas causas, como refere Ana Benavente(1991), afirmando que o insucesso é resultante daquilo que é a escola, com a sua história e a sua lógica, com a diversidade de público que a frequenta.

Neste sentido, é necessário encontrar nas práticas de sala de aula e na organização escolar, formas para que todos os alunos sejam bem sucedidos nas aprendizagens (Ainscow, 1995) o que pressupõe uma pedagogia diferenciada, que se opõe à uniformidade dos conteúdos, dos ritmos de progressão, dos métodos, das didácticas e das práticas pedagógicas e organizacionais. O sucesso educativo é a finalidade última da pedagogia diferenciada, assumindo-se como um processo de educação global e complexo em que o ser/indivíduo é o centro das acções e actividades realizadas nas escolas.

Na perspectiva cognitivista, a pedagogia diferenciada é um processo de construção/formação global do indivíduo, visando a estruturação do pensamento do aluno e simultaneamente a sua personalidade. Deste modo, valoriza o desenvolvimento de capacidades e atitudes considerando a importância das atitudes e das motivações na estruturação do próprio pensar (Resnik, 1987).

A pedagogia diferenciada considera a diferença individual, valoriza o desenvolvimento de capacidades e atitudes, a interacção social, a aprendizagem cooperativa e dá importância à dimensão afectiva. A interacção social é relevante para as mudanças cognitivas dos alunos ao longo dos seus processos de aprendizagem, daí o recurso à aprendizagem cooperativa que utiliza uma estrutura de tarefa e de recompensa diferente para promover a aprendizagem do aluno. A estrutura da tarefa exige que os alunos estejam organizados em pequenos grupos, a sala de aula devia ser um laboratório ou uma democracia em miniatura, a fim de se fomentar o estudo e a pesquisa de situações interpessoais e problemas sociais importantes. A estrutura de recompensa tanto valoriza o colectivo como o individual.

Assim, a aprendizagem cooperativa desenvolve o pensamento e a prática democráticas, bem como as relações grupais e multiculturais, sendo as equipas de aprendizagem constituídas por bons, médios e fracos alunos. Aos alunos é reservado um papel activo e responsável pela sua própria aprendizagem, sendo o tempo útil do professor orientado para o apoio, gestão e orientação do trabalho que realizam.

A aprendizagem cooperativa assenta na interdependência positiva, na ajuda mútua, no desenvolvimento das relações interpessoais e na

responsabilidade individual (o trabalho individual é imprescindível para o produto final do grupo).

A pedagogia diferenciada ao valorizar o respeito pelo outro, a aceitação do outro, situação essencial na aprendizagem cooperativa, está simultaneamente a valorizar a dimensão afectiva e a ter em linha de conta as diferenças individuais, o que está conforme as teorias da personalidade que afirmam a necessidade de uma acção pedagógica ligada à dimensão afectiva do aluno.

Pedagogia diferenciada é educação participada, educação para os valores, uma Educação Intercultural (Boal, M. et al., 1996), o que leva a aprendizagens diferentes, percursos diferentes, formas diferentes de construir o conhecimento, como sublinha Diane Ravitch (1990) ao referir que um dos objectivos primários da educação pública é criar uma comunidade nacional, um conceito de cidadania e de cultura que seja não só expansivo, mas também inclusivo.

Para a corrente socio-institucional, a pedagogia diferenciada assenta no conhecimento da organização escola e do meio em que está inserida. É importante tomar consciência de como são levados à prática os currículos, dos modos de avaliação, das interacções entre a comunidade escolar, mas também dos contactos com o meio. É importante considerar os problemas do meio e saber de que modo eles interferem na cultura da escola.

Daí que a pedagogia diferenciada considere a avaliação diagnóstico da escola, do seu contexto e do aluno como referência para a construção dum projecto de aprendizagem, considerando cada aluno/pessoa com características especiais, porque na fase de crescimento, formação e estruturação de personalidade para assim poder contribuir para o máximo desenvolvimento, isto é, à medida dos desejos e das necessidades, tal como é referido por Perrenoud (1985).

Os pressupostos enunciados por Perrenoud fazem reflectir na necessidade de evolução duma educação homogénea para uma educação com características de diferenciação e de diversidade.

No nosso País, o alargamento da escolaridade obrigatória e a desejável democratização do ensino, sob o paradigma “*Educação para Todos*”, introduziu um efeito contraproducente e perverso, contribuindo para o aumento da taxa de insucesso. Tornando-se necessário passar do

paradigma da homogeneização para o paradigma da diferenciação sistemática, o professor deve direccionar a sua atenção para o quadro cognitivo em que o aluno se encontra, promovendo estratégias de aprendizagem adequadas, de modo a criar situações que permitam partilhar o que cada um tem e partir do que cada aluno sabe, ao contrário da educação compensatória que parte do que os alunos não sabem, ou dá mais a quem tem menos.

A diferenciação baseia-se na adequação das estratégias de ensino encontradas pelo professor, para se aproximar das estratégias de aprendizagem de cada aluno (Meirieu, 1988; Vechi, 1992, Visser, 1993; Perrenoud, 1985), atendendo a que cada aluno aprende de acordo com os seus conhecimentos anteriores, encontrando e apoiando-se em estratégias já experimentadas para procurar o melhor processo de solução que se adapte à nova situação.

Postic (1991), refere que, na organização pedagógica, a aprendizagem e o trabalho individual devem estar combinados com o trabalho em grupo e ainda as interacções. Estas últimas dão lugar ao que Piaget designou por conflito cognitivo, conflito esse gerador de conhecimento e progresso.

Assim, lutar contra o insucesso numa Escola para Todos é pôr em causa o paradigma do nivelamento e igualização “*tout court*”, pois:

“Numa sociedade onde as condições e os modos de vida são diferentes, o sucesso de uns e o insucesso de outros não são nunca o fruto do mero acaso; dependem, inevitavelmente, dos recursos, das aspirações, dos apoios que cada um deve à sua origem, à família e à sua história pessoal. A escola não pode compensar estas desigualdades pela simples razão de que quase não considera estratégias de escolarização dos alunos e das famílias.

Lutar contra o insucesso escolar, não é nem prosseguir uma vã igualdade de oportunidades, nem trabalhar para uma ilusória igualdade de formação. É, simplesmente, levar cada um ao domínio de um mínimo de saberes e de saber fundamentais que lhe permitirão compreender o que acontece, informar-se,

comunicar e fazer-se compreender, organizar os tempos livres e o trabalho, participar na vida política, cuidar da saúde, gerir os recursos e o consumo, completar a formação à medida dos desejos e das necessidades.”

(Perrenoud,1985, cit. Boal et al 1993:30)

## **2. As Mediatecas Escolares na Sociedade da Informação**

### **2.1 O Papel da Escola na Sociedade da Informação**

“A Escola desempenha um papel fundamental em todo o processo de formação de cidadãos aptos para a Sociedade da Informação e deverá ser um dos principais focos de intervenção para se garantir um caminho seguro e sólido para o futuro” (J.Dias Coelho,1997:33).

Hoje assiste-se à emergência das Sociedades Aprendentes, onde a informação se encontra em repositórios acessíveis e tornados capazes de a trocar e recombina para construir, individual e colectivamente novos saberes. Ganha adeptos e proclama-se um pouco por todo o lado o desenvolvimento das maravilhas tecnológicas deste final de século.

“Educação e escola, esquecidas das suas lógicas cada vez mais distintas, confundem-se agora em cenários de ficção populados por matrizes ciberespaciais e por universos multimédia. A revolução, o mito e a falácia confundem-se em proporções inesperadas, deixando margem para as mais insólitas conjecturas. Há mesmo quem arrisque que com a educação entregue ao domicílio, as escolas deixarão de ter utilidade”.

(Dias Figueiredo,1995:24)

“Entrámos na idade das Sociedades Aprendentes”, sublinha Dias de Figueiredo (1995), o que representa ajudar as crianças a tornarem-se estudantes vitalícios numa sociedade do conhecimento em constante mutação.

Roberto Carneiro na Conferência dos Ministros da Educação Europeus em 1997 <sup>(1)</sup> sublinhou a importância de fazer das instituições educativas “learning organizations”:

“Fazer de cada europeu um empresário do conhecimento e de cada estabelecimento de ensino uma empresa do conhecimento representa o sonho da conversão da Sociedade de Informação numa autêntica Sociedade Educativa, na qual tudo e todos aprendem em permanência”.

(Roberto Carneiro, 1997:5)

A afirmação de que vivemos numa Sociedade da Informação, tornou-se, segundo Calixto (1994), um lugar comum, sobretudo em meios intelectuais e para os profissionais da comunicação social e da informação. Segundo o mesmo autor, o conceito de Sociedade da Informação está longe de ser claro e muito menos consensual, no entanto quer em situações do dia a dia, quer no desempenho de actividades profissionais, cada vez necessitamos de mais e melhor informação, sendo problema o como obtê-la e produzi-la, seleccioná-la, manuseá-la e produzi-la, uma vez que a Sociedade da Informação pressupõe a interactividade nas situações comunicacionais.

Também Canário et al. (1994), sublinham que o conceito de Sociedade da Informação se reveste de polémica e ambiguidade, sobretudo ao estabelecer uma relação causal entre as novas tecnologias e as mudanças de natureza social. Sociedade da Informação é o nome que os cientistas dão ao que se pensa vir a ser a sociedade do século XXI, uma sociedade de serviços assente nas trocas de informação e na procura da maximização do conforto. Como a define J. Dias Coelho (1997), será

---

<sup>1</sup> Comunicação à Conferência dos Ministros da Educação Europeus (União Europeia e Países da Europa Central e Oriental), realizada em Varsóvia, nos dias 21 e 22 de Abril de 1997.

uma sociedade assente na convergência de três factores: computadores, televisão e informação. Para fazer face à mudança, a Escola do século XXI terá de ser reinventada e embora acompanhe o progresso tecnológico, não deve esquecer a sua componente humana e o seu papel como veículo de cultura.

O Livro Verde para a Sociedade da Informação<sup>(2)</sup> perspectiva um conjunto de mudanças que os especialistas portugueses consideram vir a ser num futuro próximo a evolução da sociedade portuguesa e mundial. De acordo com este documento, a Sociedade da Informação deve ser crescentemente partilhada e acessível, estar mobilizada para o emprego e a modernização da administração e das empresas, para a difusão da cultura e combate à exclusão, para o progresso científico e técnico e para a interligação de Portugal com o mundo. O Livro Verde está orientado para a escola (a Escola Informada), a administração pública central e local (o Estado Aberto), as fontes de informação- bibliotecas, museus, bases de dados (o Saber Disponível) e para as empresas (a Empresa Informatizada).

Por isso se sublinha: se é um erro reduzir o conceito de Sociedade da Informação ao de Tecnologia de Informação e Comunicação, devemos igualmente recusar a ideia de que a Sociedade da Informação seria para a escola um mero recurso didáctico adicional, sem consequências em termos de alteração dos processos de ensino/aprendizagem, dos modelos de organização escolar, ou mesmo da relação entre a escola e comunidade que a rodeia. A primeira consequência a reter será a do fim da escola enquanto instrumento privilegiado e quase exclusivo de ensino e aprendizagem. A escola tenderá cada vez mais a constituir-se como elemento de uma “learning society” (sociedade aprendente), onde, numa visão mais alargada da comunidade educativa, se reforçarão os laços com outros interlocutores como os museus, as bibliotecas, os centros de saber e todos os agentes sociais, directa ou indirectamente envolvidos nas questões educacionais. Deste modo com o desenvolvimento da Sociedade

---

<sup>2</sup>O Livro Verde pretende dar cumprimento ao disposto na Resolução do Conselho de Ministros n.º16/96 de 21/3/96, que cria o Grupo de Missão para a Sociedade de Informação, com o objectivo de “promover um amplo debate sobre a Sociedade de Informação” . O Livro Verde considera que a Sociedade de Informação pode contribuir para a melhoria do bem-estar dos cidadãos, embora existam barreiras de acesso à Sociedade da Informação que não podem ser ignoradas.

da Informação, em que são múltiplas as oportunidades de acesso a dados, a educação deve facultar a todos a possibilidade de terem ao seu dispor e recolherem, seleccionarem, ordenarem, gerirem e utilizarem essa mesma informação.

J. Dias Coelho (1997), sublinha que o carácter democrático da Sociedade da Informação deve ser ampliado e não será legítimo abandonar os mais desprotegidos, deixando criar uma classe de info-excluídos, É por isso imprescindível promover o acesso universal à info-alfabetização e à info-competência.

Também a Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, liderada por Jacques Delors, considera que:

“O aparecimento de sociedades da informação corresponde a um duplo desafio para a democracia e para a educação, estes dois aspectos estão estreitamente ligados. A responsabilidade dos sistemas educativos surge em primeiro plano: cabe-lhes fornecer a todos meios para dominar a proliferação de informações, de as seleccionar e hierarquizar, dando mostras de espírito crítico. São, ainda, responsáveis por preparar as pessoas para manterem a devida distância em relação à sociedade dos meios de comunicação e informação, que tende a ser, apenas, uma sociedade do efémero e do instantâneo. À tirania do *tempo real* opõe-se o *tempo diferido*, o tempo do amadurecimento, que é o tempo da cultura e da apropriação dos saberes. (...) deve manter-se sempre o princípio da igualdade de oportunidades (...)”.

(Jacques Delors, 1996:56-57)

Um meio privilegiado de actuação para combater a desigualdade de condições de acesso é o sistema de ensino, desempenhando um papel fundamental na eliminação de assimetrias. Contudo, não chega garantir o

acesso. É preciso que o nível de qualificação nas tecnologias de informação seja compatível com as exigências de desenvolvimento futuro para o que é fundamental um esforço de todos os níveis de ensino.

“O esforço de formação não pode ser concentrado só nos jovens, sob pena de termos amanhã uma população adulta excluída da aprendizagem e da qualificação. Assim, a educação ao longo da vida faz parte do processo de passagem de uma sociedade de base industrial a uma sociedade do conhecimento”.

(J. Dias Coelho, 1997: 12).

A Escola tem responsabilidades neste processo de inovação, esperando-se que haja modificações significativas nos próprios materiais de ensino/aprendizagem, prevendo-se a expansão do “software” educativo multimedia, numa perspectiva de partilha dos mesmos através de redes de comunicação especialmente adaptadas para a utilização de fontes remotas, o que implicará necessariamente o desenvolvimento de serviços que facilitem a acumulação, manutenção e uso de material de aprendizagem disponível. É esta a mediatização tecnológica prevista pelo Livro Verde.

É neste sentido e com base nos pressupostos para a realização da Escola Informada que em Portugal aparece o Programa Internet nas Escolas, que consiste na ligação de todas as Bibliotecas das escolas públicas e privadas, do 5º ao 12º ano e de todas as bibliotecas públicas municipais que o desejarem à Internet<sup>3</sup>, através de computadores multimédia interligados com a rede científica nacional. Também as escolas do 1º ciclo com experiência em informática ou fazendo parte do

---

<sup>3</sup> Ligação através da Rede Ciência, Tecnologia e Sociedade (RCTS). O Programa insere-se no âmbito da Iniciativa Nacional para a Sociedade de Informação do Ministério da Ciência, que irá alargar o acesso à Internet às bibliotecas públicas, arquivos e museus, com o objectivo de proporcionar uma estreita colaboração entre as comunidades académica, científica e cultural no contexto da sociedade de informação.

Projecto de Associação de Escolas designado por Território Educativo de Intervenção Prioritária.<sup>4</sup>, serão integradas no referido projecto.

Progressivamente a escola burocrática, sem visão, sem motivação dos seus agentes, fechada para a comunidade e para o mundo, começa a ser posta em causa, mesmo a nível normativo e um “corpus” legal realça a distância a que este tipo de estabelecimentos fica da sociedade da inteligência e do saber.

Segundo Dias Figueiredo (1995), a escola do presente e do futuro exige, acima de tudo, uma permanente intencionalidade estratégica, uma capacidade sistemática para imaginar o futuro dos progressos tecnológicos, pela mudança dos estilos de vida e das formas de trabalhar, pela globalização das economias e pela explosão das mobilidades físicas e virtuais. Exige ainda uma visão dinâmica sobre o que é a Educação na reconceptualização das actividades para novos paradigmas e uma apurada sensibilidade às necessidades humanas. Um dos grandes desafios que se apresenta à Educação é o de conciliar as tecnologias com a dimensão humana, ou seja, a frieza das altas tecnologias impõe uma contrapartida de valor humano, uma vez que quanto mais tecnológica é a sociedade, mais necessita de compensações ao nível dos valores humanos e da afectividade.

É importante analisar o que trazem de novo as tecnologias de informação à educação, nomeadamente em termos de interactividade, controlo e conectividade. Elas são portadoras de uma nova relação das pessoas com o conhecimento e das pessoas entre si. A Sociedade da Informação constitui uma mudança cultural, implicando novos objectivos educativos como a capacidade de tratamento da informação, o conhecimento de conteúdos ligados às Novas Tecnologias de Informação e o domínio de novas técnicas de trabalho. Implica igualmente novas formas de concretizar objectivos através do trabalho cooperativo, da realização de projectos e da diversificação de estratégias, bem como novas formas de avaliar os alunos e novos processos de formação de professores no quadro de aprendizagem ao longo da vida e da formação

---

<sup>4</sup> Território Educativo de Intervenção Prioritária - Despacho Conjunto.73/ SEAE/ SEEI/ 96 dos Secretários de Estado da Administração Educativa e da Educação e Inovação.

apoiada à distância. Eles representam a base de uma verdadeira revolução educativa (J. P. Ponte, 1997).

Tal como afirma J. Dias Coelho (1997), o professor já não pode, numa Sociedade de Informação, limitar-se a ser um difusor de saber. Será antes um parceiro de um saber colectivo que lhe compete organizar. Assim, é necessário que a formação inicial e contínua lhe confira um domínio dos novos instrumentos pedagógicos, sendo certo que a tecnologia mais avançada não será útil para o meio educativo, se o ensino não estiver adaptado à sua utilização.

Numa Sociedade da Informação, a actividade de ensinar tende a subordinar-se à actividade de aprender, uma vez que a construção de saberes depende menos de processos cumulativos de informação e mais da capacidade de identificar, procurar e organizar a informação necessária, voltando a utilizá-la em diferentes situações (Canário et al., 1994). Daí decorre a relevância dada ao ensinar a aprender, associado ao desenvolvimento de competências para lidar com a diversa informação existente.

A escola e os professores encontram-se hoje confrontados com novas tarefas, a escola tem que ser um lugar atraente e proporcionar as ferramentas para a compreensão da Sociedade da Informação. A escola está pois condenada a mudar, a alterar as suas funções para:

“... passar a ser encarada como um lugar de aprendizagem em vez de um espaço onde o professor se limita a transmitir o saber ao aluno, deve tornar-se num espaço onde são facultados os meios para construir o conhecimento, atitudes e valores e adquirir competências. Só assim a Escola será um dos pilares da sociedade do conhecimento. O conceito de educação deve, por isso, evoluir ultrapassando as fronteiras do espaço e do tempo (...), para dar lugar a um processo de aprendizagem durante toda a vida, isto é, facultando a cada indivíduo a capacidade de saber conduzir o seu destino, num mundo onde a rapidez das mudanças se conjuga com o fenómeno da globalização”.

(J. Dias Coelho, 1997:33)

Assim, as Mediatecas, os Centros de Recursos ou as Bibliotecas Escolares devem ter em conta o conceito de educação permanente, de “aprender a aprender”, nos seguintes aspectos:

O primeiro relaciona-se com a valorização do processo de construção do conhecimento, interno a cada pessoa (construtivismo) e que desloca o enfoque nos processos de ensino para o enfoque nos processos de aprendizagem, correspondendo a um processo em que cada pessoa “se forma” através de um processo singular, gerindo as múltiplas situações e influências exteriores, segundo uma lógica essencialmente auto-formativa. Deste modo, o percurso escolar é, essencialmente a preparação para desenvolver nos sujeitos a necessidade de aprendizagem permanente.

Outro aspecto prende-se com a explosão quantitativa da informação disponível, suportes e linguagens diversificadas. O crescimento exponencial da informação disponível e a sua rápida obsolescência pressupõem a necessidade de saber gerir a informação, o que remete para a criação de dispositivos e redes documentais e conseqüentemente para a necessidade de desenvolver capacidades de gestão da informação.

O terceiro aspecto relaciona-se com a evolução do sistema de trabalho, a redução do tempo de trabalho, o que coloca em primeiro lugar as preocupações educativas e as capacidades de usar criativamente os tempos livres.

Estas mutações sociais questionam fortemente os fundamentos da instituição escolar, tal como a conhecemos. Assim, a evolução desejável dos estabelecimentos de ensino pode ser sintetizada na expressão “passar de um sistema de informação para um sistema de proclamação de saberes” (Canário, 1992).

## **2.2 Da Biblioteca à Mediateca Escolar**

Gerando a sociedade actual grandes quantidades de informação, torna-se necessário um uso constante dessa mesma informação e a aquisição dos instrumentos e capacidades necessárias para trabalhar com esse fluxo informativo. É neste sentido que a biblioteca escolar aparece como agente igualitário que oferece as mesmas possibilidades a todos os alunos, independentemente do seu meio intelectual (Baró e Mañá, 1996).

É numa situação em que se repensa a instituição escolar, e o papel do professor que as bibliotecas escolares começam a ser motivo de reflexão (Calixto, 1994).

A evolução do ensino em função de modificações no sistema de valores, transformação das atitudes em relação ao conhecimento e ao domínio do saber, desenvolvimento das necessidades de informação numa sociedade mais complexa em que as funções se diversificam e em que a participação nas decisões a todos os níveis requer uma informação actualizada, deveria originar um pleno desenvolvimento das Mediatecas Escolares e a sua utilização prévia.

A biblioteca escolar é considerada por J. Calixto (1996), como um elemento essencial dos sistemas educativo e bibliotecário dos países desenvolvidos, sublinhando ainda a sua importância para todas as crianças, desde o ensino pré – escolar, no que respeita à aquisição de capacidades de manuseamento de informação necessárias para viver numa sociedade de informação em transformação permanente.

A biblioteca escolar é fundamental para a criação de cidadãos com capacidades de aceder à informação, de forma crítica e interveniente numa sociedade democrática. Uma sociedade politicamente democrática e economicamente desenvolvida necessita de uma maior variedade de pensamentos e de condições de efectiva liberdade de formular hipóteses.

O desenvolvimento de hábitos de autoformação tenderá necessariamente para uma crescente autonomia e fortalecimento das vontades, bem como para a riqueza de pensamentos. Daí a necessidade

do aparecimento de espaços de pesquisa e descoberta onde se utilizem métodos activos que proporcionem novas formas de aquisição de saberes e estratégias úteis do domínio de competências.

O ensino tem de acompanhar estas mudanças e de deixar a visão tradicional em que a informação é transmitida essencialmente pelo professor e o manual intervém a título complementar. O professor comunica a informação aos alunos, efectua a análise e a síntese dos dados, a fim de apresentar nas melhores condições o essencial do assunto. Procede periodicamente a avaliações para verificar se os alunos assimilaram (ou não) os conhecimentos que lhes foram transmitidos. Deste modo, as provas tendem a controlar em vez de estimular a criatividade dos alunos.

Hoje, a escola não é tida como o único local onde se aprende, a prática e o uso de outras formas de ensino e aprendizagem começa a generalizar-se e todos valorizam a escola paralela. Os contactos na comunidade em que estão inseridos, a comunicação social, os amigos e a família, são hoje elementos mais importantes que a escola na formação do indivíduo, no desenvolvimento das suas capacidades e atitudes (Edgar Faure, 1981). E. Faure salienta, também a importância do desenvolvimento da comunicação audiovisual e das novas tecnologias da informação, contribuindo decisivamente para a obsolescência de uma pedagogia centrada no professor. Sendo o espaço e o tempo pedagógicos também alterados, a sala de aula passa a ser um entre muitos outros locais, onde há experiências de aprendizagem; o tempo lectivo é igualmente diluído por um variadíssimo número de oportunidades estimulantes e enriquecedoras. Considera ainda que, actualmente, a preocupação principal de todas as ciências parece ser a de destruir postulados previamente tidos como certezas, contribuindo para a relativização do conhecimento científico, introduzindo a incerteza no campo da educação. Sublinha, por isso, o valor da pesquisa individual e do desenvolvimento das capacidades de manuseamento da informação.

A informação transformou-se num fenómeno vital para o Homem dos nossos dias, o qual só poderá sobreviver por meio de uma adaptação permanente à transformação, isto é, de uma reconversão contínua da sua atitude pessoal a novos conhecimentos, a um estilo de vida diferente,

protegendo a sua integridade interna, a sua personalidade (Catherine Veron, 1981). Daí que boa utilização da informação necessite de uma educação permanente. A ideia de reduzir a aprendizagem a um período delimitado e inicial da vida pertence ao passado. A educação permanente tornou-se um imperativo categórico (Bertaux, 1978).

A prática documental, pelo seu carácter particular, é muitas vezes o instrumento daqueles que crêem na possibilidade de ajudar o aluno a aprender, de ajudar a desenvolver a sua autonomia, não para uma simples modificação de comportamento, mas para um cuidado desenvolvimento das estruturas mentais. Todos se inspiram na perspectiva aberta por Bachelard, em 1983 desenvolvida depois pela reflexão sobre a história das ciências, a epistemologia e a lógica, por um lado, e pelos neurologistas por outro. Todos exploraram as vias abertas por Piaget, Wallon, Vygotski e Bruner. Todos têm um ponto em comum: a indispensável e permanente actividade do sujeito.

Saber informar-se, documentar-se, no sentido de saber encontrar materiais pertinentes para responder a uma necessidade pessoal de informação supõe, segundo Monthus (1997), que estejam realizadas três condições: saber interrogar, saber descodificar a mensagem e saber validar, isto é, as qualidades intelectuais de julgamento que não são espontâneas e exigem conhecimentos e informação. Daí que seja necessária prática para se construir um saber na Mediateca. Prática, porque a utilização da Mediateca se situa num modelo pedagógico de tipo indutivo com o que isso envolve de observações, de manipulação, de riscos, de erros, de tempos de assimilação.

Assim, aprender é cada vez menos memorizar conhecimentos e cada vez mais preparar-se para os saber encontrar, avaliar e utilizar (Calixto, 1996) É nesta perspectiva que o Relatório para a UNESCO<sup>5</sup> da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI refere o seguinte:

---

<sup>5</sup> Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura fundada para promover a paz e a felicidade, agindo sobre o espírito dos homens e mulheres.

“Já não basta que os professores ensinem os alunos a aprender; têm também de os ensinar a buscar e a relacionar entre si diversas informações, revelando espírito crítico. Tendo em conta a quantidade enorme de informações que circulam actualmente nas redes de informação, ser capaz de se orientar no meio dos saberes, tornou-se um pré-requisito do próprio saber, a necessitar daquilo que alguns já chamam *nova alfabetização*. Esta *alfabetização informática* é cada vez mais necessária para se chegar a uma verdadeira compreensão do real. Ela constitui, assim, uma via privilegiada de acesso à autonomia, levando cada um a comportar-se em sociedade como um indivíduo livre e esclarecido.”

(Jacques Delors, 1996:166)

É nesta perspectiva que, nas últimas décadas, diferentes sistemas escolares levaram a efeito iniciativas de modo a transformar as bibliotecas escolares em Mediatecas, associando essa transformação à renovação pedagógica das escolas, à valorização das práticas e de processos de auto- formação dos alunos (Canário e al., 1994).

A importância da biblioteca escolar no processo educativo saiu reforçada no Manifesto da UNESCO <sup>(6)</sup> onde se salienta a necessidade da Mediateca Escolar para impulsionar a mudança educativa e desenvolver nos alunos o uso das bibliotecas com fins recreativos, informativos e da educação contínua.

A transformação das bibliotecas escolares em centros de recursos, centros de multimedia ou Mediatecas, corresponde a uma política recomendada pela UNESCO desde o início dos anos 70 e já em curso, desde a década anterior, nos países industrializados.

O Manifesto da UNESCO sobre Mediatecas resulta de um processo relativamente longo e muito participado que teve o seu início em

---

<sup>6</sup> Em Agosto de 1996, a Comissão Australiana da UNESCO promoveu um seminário sobre Planeamento e Desenvolvimento de Bibliotecas Escolares. Uma das recomendações desse seminário dizia respeito à preparação de um manifesto das bibliotecas escolares.

1976 na Austrália. Em 1980, em Manila, um encontro da Secção de Bibliotecas Escolares da IFLA<sup>7</sup> discutiu e aprovou o projecto, que nesse mesmo ano viria a ser confirmado como documento oficial pela UNESCO.

O Manifesto proclama que os serviços das Mediatecas Escolares são essenciais para uma efectiva educação de todas as crianças e adolescentes e que a educação é um agente vital na manutenção da paz e entendimento entre povos e nações.

Os seus objectivos são pois muito vastos e ultrapassam largamente o tradicional apoio às actividades curriculares, visando em termos gerais fornecer aos estudantes as capacidades básicas para obter uma vasta gama de serviços e recursos.

O desenvolvimento das Mediatecas, é contemporâneo da introdução na escola dos meios audiovisuais e como assinala R. Tucker (1987), enquadra-se numa perspectiva de educação para os media.

As bibliotecas escolares tiveram o seu início, em Portugal, nos anos 40 e foram obrigatoriamente criadas nos Liceus e Escolas Técnicas, não havendo qualquer indicação para a sua criação no Ensino Primário.

É sabido que período anterior ao 25 de Abril de 1974, a informação na escola se caracterizava pelo monolitismo, pelo livro único. Vivia-se numa escola em que não interessava pôr os alunos a pensar, o discurso do professor era a base do conhecimento, servindo a biblioteca escolar para reforçar esse discurso, não se utilizando e sendo mesmo indesejáveis outras fontes de informação (A. Pessoa, 1994).

É só nos finais dos anos 80, que em Portugal se inicia um processo no sentido de mudar as bibliotecas escolares e de procura das respostas à Lei de Bases do Sistema Educativo que prevê a criação de centros de recursos educativos de âmbito regional.

É neste contexto que são abertos concursos nos anos de 1990 e 1991 (PRODEP), para desenvolvimento de Centros de Recursos e Mediatecas Escolares. O objectivo destes concursos é o de dinamizar as actividades nas escolas dos Ensino Básico e Secundário através do

---

<sup>7</sup> IFLA- International Federation of Library Associations,- com sede em The Hague, Holanda.

desenvolvimento das Mediatecas Escolares e duma maior ligação à comunidade em que as escolas se inserem.

Os concursos que se referiram, para além de responderem às recomendações da Lei de Bases do Sistema Educativo, também retomam uma recomendação da UNESCO dos anos 70, visando a implementação das referidas Mediatecas.

Representam pois, no nosso País uma tentativa inovadora que pretende questionar a informação e a formação tradicional nas Escolas, seus métodos e objectivos e que procura acompanhar a evolução rápida das novas tecnologias e de novos conhecimentos, tendo como objectivo último auxiliar a melhoria da qualidade do ensino, proporcionar igualdade de oportunidades e facilitar a auto-instrução e educação permanente, princípios estes decorrentes, de certo modo, da escolaridade obrigatória e dos pressupostos da Reforma Educativa, isto é, da necessidade de a Escola se adaptar à heterogeneidade dos alunos que acolhe.

A Lei de Bases refere estas estruturas como ponto de apoio da Reforma Curricular, no sentido de um aperfeiçoamento e actualização profissional de professores e educadores de infância. Os concursos lançados no âmbito do PRODEP (Programa de Desenvolvimento Educativo para Portugal), têm esse objectivo e permitem que as escolas se candidatem a um financiamento para a criação de Mediatecas Escolares. Os concursos promovidos procuram definir uma rede de Mediatecas Escolares das escolas do Ensino Básico e Secundário, com o objectivo de “Dinamizar as actividades nas escolas do Ensino Básico e Secundário através do desenvolvimento das Mediatecas Escolares e duma maior ligação à comunidade em que as escolas se inserem.”

Note-se que as Escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico até 1976 se encontram desprovidas de qualquer biblioteca infantil pedagógica, parecendo ignorar:

“ a importância da leitura como factor determinante do sucesso escolar das crianças (...) a biblioteca escolar pode ter um papel importante não só na aprendizagem da leitura e da

escrita, mas também na sensibilização e fixação de hábitos de análise e pesquisa. Ensinar é investigar e ensinar a investigar deve começar logo na escolaridade básica.”

(GEP Educação,n.º3,1989:11)

A contribuição da Mediateca para a transformação global das práticas escolares é posta em relevo num outro documento oficial, onde se afirma a necessidade de diversificar as práticas de ensino para pôr fim a um ensino monolítico que seria responsável pelo abandono e insucessos escolares (ME,1990:11).

Há da parte do Ministério da Educação uma preocupação de apetrechar as escolas para fazer face ao atraso educativo. No entanto, Ana Pessoa considera que os concursos são:

“ (...) apenas uma forma administrativa de responder a alguns dos problemas pedagógicos/organizativos com elas relacionados (...) Esta iniciativa, se bem que positiva nas intenções, não respondeu às necessidades das escolas porque apareceu sem qualquer enquadramento concreto. É que para passar de uma biblioteca tradicional para uma Mediateca não podemos ter pressupostos de tipo administrativo.”

(Ana Pessoa, 1994:18)

A análise de Rui Canário sobre os concursos refere, por sua vez, que:

“Esta política selectiva e cega de distribuição de recursos traduz-se, finalmente, por uma política administrativa de equipamento dos estabelecimentos de ensino (...) As decisões e a política da administração central baseiam-se num equívoco. O de pensar que a existência de um acréscimo de recursos pode, por si só, dar vida a projectos de inovação.”

(Canário et al.,1994:97)

Deste modo quase que poderíamos afirmar que a política destes concursos se traduziu por ser uma política administrativa de equipamento dos estabelecimentos de ensino (Canário et al.,1994), que não levou os estabelecimentos de ensino, a concorrerem de uma forma massiva e que não correspondeu de uma forma geral aos objectivos, nomeadamente no que se referia às mudanças da vida escolar e das práticas pedagógicas.

Passados quase sete anos verifica-se que a, nível nacional, a realidade das nossas escolas continua muito carente a nível de espaços próprios para bibliotecas escolares. Por isso, em 1997, foi lançada em Portugal nalguns Concelhos, a Rede de Bibliotecas Escolares, mediante a assinatura de contratos-programa celebrados entre os Ministérios de Educação e da Cultura, Câmaras Municipais e Escolas, que permitem financiamento de obras, equipamentos, recursos documentais e pessoal. Dentro deste programa de Bibliotecas Escolares, a equipa<sup>8</sup> responsável pelo relatório síntese “Lançar a rede de bibliotecas escolares (1997), propõe, à semelhança de experiências nacionais e de outros países, a criação de Serviços de Apoio às Bibliotecas Escolares (SABE) nas Bibliotecas Municipais no que se refere ao apoio técnico às escolas, formação contínua e articulação entre as bibliotecas escolares e do Município. A mesma equipa considera que a criação de uma rede de bibliotecas poderá constituir uma medida essencial da política educativa e

---

<sup>8</sup> Grupo de trabalho constituído por Isabel Veiga (coordenação), Cristina Barroso, José António Calixto, Teresa Calçada e Teresa Gaspar, criado pelos despachos conjuntos n.º43/ME/MC/95 de 29 de Dezembro e n.º5ME/MC/96, de 9 de Janeiro.

que cada biblioteca deverá ser entendida como um centro de iniciativas inseridas na vida pedagógica da escola e aberto à comunidade local, devendo tornar-se um núcleo de vida da escola, atraente, acolhedor e estimulante.

A Biblioteca ou Mediateca deve proporcionar todos os elementos necessários para a formação e informação dos alunos. Uma das suas funções mais destacadas é a de instruir as crianças na procura da informação e capacidades para a consulta de materiais documentais, seja qual for o seu suporte (M. Baró e T. Mañà, 1996).

São necessárias bibliotecas escolares para o desenvolvimento da pedagogia da documentação, porque não é possível o desenvolvimento de capacidades de manuseamento da informação se não houver sistemas organizados que propiciem oportunidades para as praticar, não é possível o desenvolvimento de mentes interrogativas e críticas para intervir democraticamente na sociedade, se continuar a pedagogia autoritária centrada no professor (Calixto, 1996).

As Mediatecas aparecem como forma de superar o modelo tradicional de escola (Hassenforder, 1972 ; Delannoy, 1983), levando a que a escola evolua de um sistema de repetição de informações, para um sistema de produção de saberes (Canário, 1990). Neste contexto, a aquisição destas competências, constitui uma tarefa central da escola, como refere Canário (1994).

“Na escola activa, a biblioteca escolar é o laboratório geral de todo o ensino”. O livre acesso aos livros e outros tipos de documentos, a livre utilização dos recursos, os conselhos dados pelo mediatecário, a pedido dos alunos, com o objectivo de os ajudar a orientar-se, a interpretar os documentos, fazem da Mediateca um dispositivo original que privilegia a auto-educação (Hassenforder, 1981).

A Mediateca representa, uma iniciação à autonomia que se traduz entre outros objectivos pelo saber informar-se. Este dispositivo não contribui apenas para o desenvolvimento cognitivo. A grande variedade de documentos à disposição dos alunos permite-lhes desenvolver a curiosidade e o espírito crítico, constituindo um incentivo para a criação individual e colectiva.

Em consequência, a Mediateca deve dar resposta, prioritariamente, às necessidades dos alunos e tem que proporcionar os materiais adequados aos professores para que estes possam utilizá-los nas suas práticas lectivas (M. Baró e T. Mañà, 1996).

Quando falamos de Mediateca, falamos do conjunto ordenado de todos aqueles materiais que a escola necessita para as práticas escolares e que podem ser usados por toda a comunidade escolar, quer dizer, a Mediateca é o lugar onde se reúnem todos os materiais, devidamente organizados, de que a escola dispõe.

Segundo, Canário et al.(1994), a Mediateca enriquece os bens materiais da escola, mas tem também objectivos democratizantes, desde que eles sejam dinamizados, que haja um projecto pedagógico. Isto é, a Mediateca não pode ser apenas uma operação técnica, é necessário que ela faça parte do Projecto Educativo de Escola.

### **2.3 Princípios Organizativos da Mediateca Escolar**

No novo conceito de biblioteca é necessário prestar atenção à diversidade das necessidades dos utilizadores e dar-lhes uma resposta cada vez mais adequada, pertinente e rápida. Não é suficiente armazenar documentos e ficar à espera que os utilizadores a procurem. Os documentos não constituem um fim, em si mesmas, mas um meio que permite produzir nova informação (Canário et al., 1994).

Há certas ideias que devem ser ultrapassadas, a ideia de que possuir o maior número possível de livros, de filmes, de programas de computadores, de aparelhos...é ter alunos mais conhecedores e melhor informados, o que não é verdade senão para aqueles que são capazes de tirar partido desses recursos. A simples proximidade não é suficiente: os stocks são necessários, mas não são suficientes. Passando da gestão de documentos reais à gestão da informação, o que interessa é ultrapassar os objectos através da pesquisa, através do caminho, do processo e da

utilização eficaz (Monthus, 1997). Porque todos os recursos compilados e acessíveis, por muito organizados que estejam, não ensinam a informação por si próprios, é necessário que o lugar de armazenamento se transforme num lugar de aprendizagem e numa ajuda à conceptualização.

Nas últimas décadas têm sido designados por uma multiplicidade de termos os espaços antes designados por bibliotecas, correspondendo de certo modo à transformação do conceito de biblioteca: Bibliotecas, Mediatecas, Centro de Recursos Educativos, Centros de Documentação e Informação, Centros de Informação Multimédia, etc. Segundo I. Veiga et al. (1996), esta diversidade reflecte, apesar da falta de intervenção e apoio oficial, o dinamismo e a autonomia das equipas pedagógicas para encontrarem e criarem recursos para responder às necessidades com que deparam. Canário, salienta que a pluralidade de designações se refere à mesma realidade:

“ (...) ao novo lugar documental situado no coração do estabelecimento de ensino susceptível de favorecer e facilitar a emergência de novas modalidades de acção educativa”.

(Canário, 1994 :16)

A passagem de uma biblioteca tradicional para uma Mediateca, tal como refere A. Pessoa, não se compadece com pressupostos do tipo administrativo, pelo que propõe que se reflecta sobre:

- “qual o lugar que, dentro do estabelecimento se quer reservar à aprendizagem (que articulação entre a sala de aula e o espaço da Mediateca);
- que formas de organização da turma;

- que espaço deixar para o trabalho individual. O trabalho de grupo, a autoformação, as metodologias que privilegiam a pesquisa e o trabalho de projecto.”

(Ana Pessoa, 1994:17)

Um serviço efectivo de Mediateca Escolar deverá, segundo o Manifesto da UNESCO <sup>(9)</sup>: (i) dar apoio aos programas de ensino e aprendizagem e propiciar mudanças na educação; (ii) assegurar o máximo acesso a uma gama de recursos e serviços tão vasto quanto possível, (iii) conduzir os alunos para o uso constante das bibliotecas ao longo da vida, para divertimento, informação e educação contínua.

Assim, é desta nova forma de estar na escola que se torna necessário que os professores tomem consciência, tal como afirma Rui Canário, ao salientar os benefícios da Mediateca:

“Pesquisar informação, identificá-la, proceder à sua triagem e avaliação, síntese, proceder à sua reorganização, apresentar e comunicar essa informação, sob forma de novos suportes constituem procedimentos que a Mediateca facilita e favorece:

- Permitindo o acesso livre, e permanente, a um conjunto documental que é necessário aprender a interrogar;
- Introduzindo na escola, pela diversidade dos suportes, a pluralidade das linguagens;
- Relativizando o papel do professor que passa a ser um recurso, entre outros possíveis;
- Favorecendo o trabalho pessoal e em pequeno grupo;
- Contribuindo para descompartmentar o saber, tradicionalmente repartido pelos vários campos disciplinares;
- Contribuindo para quebrar o isolamento da instituição escolar relativamente à comunidade local;

---

<sup>9</sup> A implementação do Manifesto pode ser apoiada pela utilização das Guidelines for Planning and Organizations of School Library Média Centers, desenvolvidas sob os auspícios da Secção de Bibliotecas Escolares, IFLA, 1979, que estão disponíveis na UNESCO - Division of PGI 7, Place de Fontenoy - 75700 Paris.

- Contribuindo para diversificar os «papéis» a desempenhar pelos professores que trabalham em equipa com outros educadores, nomeadamente os técnicos de documentação.”

(Canário et al.,1994:17)

De um ponto de vista qualitativo, numa Mediateca assiste-se à diversificação dos suportes e das linguagens documentais. O fundo documental não pode reduzir-se a documentos impressos. A diversidade tanto temática como de suportes, deve abranger diferentes áreas disciplinares satisfazendo o interesse dos utilizadores e da escola. Será de todo o interesse a existência de fontes diversas, em suportes diferentes sobre um mesmo tema.

Fará parte do fundo e, por conseguinte, estará catalogado conjuntamente todo aquele material não impresso - vídeos, diapositivos, audiovisuais, gravações áudio, discos, compactos... Também farão parte do fundo outro tipo de materiais não livro, que podem ser mapas, cartazes, maquetas, colecções de minerais, herbários, material didáctico, inclusive jogos. Quer dizer, tudo aquilo que pode dar informação, independentemente do suporte em que está contido.

Os trabalhos elaborados pelos alunos que tenham qualidade deverão, na opinião de (M. Baró e T. Mañà,1996), ser conservados na Mediateca para consulta da comunidade escolar. Estes podem estar em qualquer suporte e formato. A importância atribuída a actividades de produção audiovisual, impressa ou de outro suporte, conjuga-se com um projecto pedagógico, com outra visão da escola e do ensino, transformando os alunos em produtores (Canário et al., 1994).

Outro tipo de documento que deverá fazer parte do fundo documental são os dossiers temáticos organizados pelos próprios serviços da Mediateca. Basicamente, os dossiers consistem na recompilação de informações de jornais ou revistas sobre um determinado tema.

Podem ainda conservar-se na Mediateca alguns materiais de arquivo como fotografias e vídeos referentes à vida da escola, (a chamada

coleção local) que contém todo o tipo de documentos referentes à história da escola e do seu meio envolvente.

Segundo Hassenforder e Lefort (1981), se o aluno dispuser de documentos numerosos e diversificados procede a uma escolha, factor de liberdade em que a motivação intervém. Na verdade, a motivação é apoiada pela presença de documentos, sendo um elemento essencial em qualquer processo pedagógico. Os documentos não se limitam a transmitir informação. Também são capazes de despertar interesse.

Na perspectiva de Chaumier (1984 cit. Canário et al., 1994), num sistema documental, como uma Mediateca Escolar, a comunicação documental constitui a sua principal finalidade, quer difundindo produtos e serviços, quer facilitando o acesso e a descoberta aos utilizadores.

Assim, é a metodologia deste trabalho que importa ensinar. Já não se trata de aprender o máximo de conhecimentos, e ainda menos de os memorizar. O objectivo consiste em familiarizar os alunos com métodos de pensamento e em lhes proporcionar os meios de aprender, tendo em conta não só o processo do estudo, mas também as formas segundo as quais as conclusões são, em seguida, transmitidas e difundidas.

Trata-se, então, de uma pedagogia da expressão nas suas formas mais diversas: iniciação às técnicas documentais, formação metodológica relativa ao trabalho intelectual e aprendizagem da expressão e da comunicação.

Relativamente à quantidade de documentos que deve existir numa Mediateca, ela depende do número de alunos da escola e do espaço disponível, no entanto actualmente considera-se mais importante dar prioridade às normas qualitativas do que às quantitativas. Apesar disso, existem recomendações internacionais, quer para os documentos ( anexo 1), quer para o pessoal a desempenhar funções numa Mediateca ( anexo 2) <sup>(10)</sup>.

A gestão da Mediateca deverá estar em permanente articulação com os órgãos da gestão da escola, sobretudo os órgãos pedagógicos.

---

<sup>10</sup> F. L. CARROL. Guidelines for School Libraries. (La Haya, IFLA, 1990).

O pessoal da Mediateca Escolar pode ser classificado em quatro categorias: os especialistas (mediatecário), os técnicos documentalistas, técnicos de audiovisuais), o pessoal de secretariado e voluntários. Estas são as condições ideais para um bom funcionamento. Para quando nas escolas portuguesas?

Os especialistas <sup>(1)</sup> consideram que a formação ideal para o Mediatecário Escolar será uma dupla formação em pedagogia e biblioteconomia (professor-bibliotecário) e que possa dedicar-se a tempo inteiro.

Se durante muitos anos a biblioteca foi considerada como uma ferramenta para a aquisição hábitos de leitura, e era mais da responsabilidade dos professores de línguas, actualmente a finalidade da biblioteca escolar diz respeito a todos, pelo que se deverão organizar programas que facilitem a formação dos utilizadores da biblioteca e das fontes informativas em geral, com o objectivo de facilitar meios alternativos para a aprendizagem (Baró, M. e Mañá T. ,1996). Por essa razão os bibliotecários escolares deverão ter as seguintes capacidades: conhecer o mundo escolar e envolver-se nele; dispor de formação técnica; conhecer os recursos informativos. Consideram ainda que o bibliotecário escolar é:

“um dos agentes pedagógicos que pode influir mais directamente no processo de aprendizagem: é quem tem uma visão mais global de todos os conhecimentos que fazem parte do currículo dos alunos e, provavelmente, o único que trabalha com todos os alunos da escola e em todos os âmbitos. Para além, de poder ter uma visão complementar da personalidade dos alunos, diferente da que deriva da relação professor-grupo-classe.”

(Mónica Baró e Teresa Mañá, 1996:52)

---

<sup>11</sup> N. HALL. El personal docente, la información y la biblioteca escolar (Paris:UNESCO, 1986).

Relativamente à organização e funcionamento da Mediateca, Isabel Veiga (1996), defende três grandes princípios: (i) a unicidade da Mediateca relativamente aos documentos e ao público, isto é, todos os documentos susceptíveis de serem utilizados para a acção educativa, deverão ser disponibilizados a alunos e professores; (ii) a associação da documentação aos meios técnicos de forma a ser explorada e a partir dela se pode produzir nova informação; (iii) a cooperação dos utilizadores no funcionamento e desenvolvimento da Mediateca, através de uma informação actualizada.

A investigação levada a cabo por Canário(1994), em quatro escolas portuguesas com Mediateca, sublinha o seu papel como dispositivo de recolha, tratamento e difusão de informação, ao serviço de um projecto pedagógico, no pressuposto de uma gestão integrada de espaços, equipamentos e recursos humanos que possibilite a articulação harmoniosa entre as suas diferentes funções de documentação, produção e animação. Pode por isso ser um excelente meio de diferenciação pedagógica de que os professores podem lançar mão para responderem de forma mais adequada à diversidade cultural dos seus alunos.

## **CAPÍTULO III**

### **METODOLOGIA**



## 1. Metodologia

### 1.1. Opções Metodológicas

O presente estudo tem por principal objectivo analisar de que forma é percebida pelos professores a influência da Mediateca de uma Escola do 1º Ciclo no que diz respeito à diferenciação e diversificação dos meios de ensino/aprendizagem e das suas práticas, na sala de aula.

Neste sentido propõe-se :

- Identificar as motivações de alunos e professores para a utilização da Mediateca;
- Identificar os contributos da Mediateca para a diferenciação das práticas de ensino/aprendizagem;
- Analisar a opinião dos professores sobre o contributo da Mediateca para uma maior igualdade de oportunidades;
- Analisar o contributo da Mediateca para o desenvolvimento profissional dos professores;

O estudo procura ainda:

- Identificar os meios de ensino/aprendizagem existentes na Mediateca Escolar;
- Conhecer a organização da Mediateca e as formas de articulação com a sala de aula.

Assim, tendo em conta o contexto em que este estudo se insere, a natureza das questões levantadas e o produto final que se pretende obter, utiliza-se uma investigação de tipo qualitativo.

Na escolha da metodologia de investigação, deve ser dada importância a três factores: a natureza das principais questões do estudo; a possibilidade de controlo sobre variáveis ou acontecimentos efectivamente presentes; o facto de se tratar ou não de um fenómeno que se desenvolve no momento do estudo (Yin, 1989).

Neste capítulo são justificadas as opções metodológicas do trabalho a desenvolver. Além disso, são também explicitados os procedimentos concretos de recolha de dados para responder às questões

envolvidas no estudo, tendo presente que da investigação em educação fazem parte, quer a metodologia quantitativa, quer a qualitativa.

## 1.2 Fundamentação geral. O porquê dos processos qualitativos

Sabe-se actualmente que a investigação de tipo quantitativo, baseada na procura de relações de causa-efeito e na medição de variáveis isoladas, é incapaz de captar aspectos essenciais de fenómenos complexos que são inseparáveis dos respectivos contextos e cujas componentes não podem ser estudadas isoladamente.

A investigação qualitativa é uma das principais tendências da investigação actual, ocupando um lugar cada vez mais importante nas Ciências Sociais .

Hoje, processos qualitativos de investigação, como a observação e as entrevistas, anteriormente considerados não científicos ou pré-científicos, são cada vez mais reconhecidos como essenciais (Bogdan & Biklen, 1994).

No entanto, não é pacífica a aceitação dos métodos qualitativos. Os partidários de que as Ciências Sociais adoptem os objectivos e os métodos das Ciências Naturais mantêm que essa espécie de entendimento constitui um mero ponto de partida para a busca de hipóteses comprováveis e de leis generalizáveis. Outros, ao contrário, objectam considerando que a vida social é o produto desses entendimentos quotidianos e que as Ciências Sociais deveriam apontar para uma “interpretação” e não para uma explicação científica.

Na mesma linha, Pacheco (1995) advoga que, apesar de crescente popularidade das metodologias qualitativas, ainda subsistem muitas dúvidas sobre o que realmente caracteriza uma pesquisa qualitativa e como se coloca a questão do rigor científico nesse tipo de investigação. No entanto, qualquer conceito de rigor é sempre relativo a um quadro teórico (explícito ou implícito) bem determinado.

Para alguns autores parece existir uma preocupação muito centrada nos instrumentos, associada à crença de que, com uma instrumentação

“rigorosa”, se pode fazer uma investigação interpretativa de qualidade (J. Ponte, 1994).

A investigação qualitativa, ao caracterizar-se por ser uma investigação das ideias, da descoberta de significados inerentes ao próprio indivíduo, já que ele é a base de toda a pesquisa, visa a inter-relação do investigador com a realidade que estuda, fazendo com que a construção da teoria se processe de modo indutivo e sistemático, a partir do próprio terreno, à medida que os dados empíricos emergem (Lefévre 1990, cit. por Pacheco, 1995).

Estas metodologias consideram como inerentes à investigação o papel interveniente dos participantes nas situações estudadas, juntamente com o investigador. A justificação assenta em pressupostos deontológicos e epistemológicos. Do ponto de vista deontológico, é considerado como inaceitável que os problemas com que se confrontam os participantes sejam tratados fora deles e que estes sejam reduzidos a um papel de executantes ou cobaias. Do ponto de vista epistemológico, é postulado que as iniciativas dos participantes fazem parte integrante das situações e podem modificar continuamente a estrutura, de tal modo que qualquer tentativa para eliminar a sua incidência, ou reduzi-la a uma variável mensurável, desvirtua o objectivo da pesquisa.

O foco na investigação qualitativa incide no que se observa, devendo os factos observados ser integrados num determinado contexto social, cultural e histórico (Burgess, 1985).

A investigação qualitativa é caracterizada por Bogdan & Biklen (1994) como sendo descritiva, procurando a compreensão e não a avaliação, tendo como fonte directa de dados o local de investigação, visto que toda a acção pode ser melhor compreendida se for observada no seu ambiente, sendo o investigador o instrumento chave. A investigação envolve um detalhado e intensivo estudo, participando o investigador na situação social que está a ser estudada.

Quando adoptam uma metodologia qualitativa, os investigadores preocupam-se com os efeitos que a sua subjectividade possa ter nos dados que produzem (LeCompte, 1987, cit. por Bogdan & Biklen, 1994). Porque estão mais interessados nos processos do que nos produtos, preocupam-se em captar a maneira como os participantes do estudo interpretam as suas experiências e como lhes dão significado, aquilo que

Erickson (1986, cit. por Bogdan & Biklen, 1994) designa por “perspectivas participantes”. Só assim é possível esclarecer a dinâmica interna de certas situações, que não são muitas vezes visíveis para o investigador, considerando, neste caso, que o comportamento humano não é aleatório ou idiossincrático.

Numa investigação qualitativa a preocupação central não é verificar se os resultados são susceptíveis de generalização, isto é, o objectivo da investigação qualitativa não é a verificação de uma ideia predeterminada, mas antes a descoberta de caminhos para novos entendimentos (Sherman, 1988).

Esta é uma das características que diferencia a investigação qualitativa da quantitativa. Enquanto esta busca as generalizações e deixa em segundo plano a influência de contexto (conhecimento nomotético), a investigação qualitativa não busca tais generalizações, mas pretende um conhecimento ideográfico, concentrando-se no estudo das diferenças, das peculiaridades determinadas pelo contexto, tão frequentemente e com tanto interesse, como no estudo das semelhanças (Guba, 1983).

Segundo Bogdan & Biklen (1994), na investigação qualitativa, a análise de dados, tende a seguir um processo indutivo, não se preocupando em procurar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início do estudo, o que não implica a inexistência de um quadro conceptual que oriente a recolha e a análise dos dados.

Os estudos qualitativos caracterizam-se por conseguir uma maior relação teoria/prática que os estudos quantitativos, (Castells & Ipola, 1975, cit. por Abeledo, 1989), devido fundamentalmente aos problemas para reduzir a distância entre a generalização e a compreensão. Nóvoa (1988) referindo-se à investigação em Ciências Sociais distingue os objectivos dos dois processos. Assim, se um dos objectivos últimos da explicação é encontrar soluções (conclusões, respostas) possíveis de generalização, a compreensão constrói-se no interior de uma profunda historicidade: são indivíduos concretos e vivos que compreendem aqui e agora!

Erickson (1986) sublinha a necessidade de se reconhecer que o que determina a opção metodológica do investigador não será propriamente a adesão a um ou outro paradigma, nem o plano dos procedimentos de

recolha de dados ou das técnicas utilizadas, mas sim o que se refere ao conteúdo e à intenção do que vai ser objecto de estudo.

Tal como afirmam Carr & Kemmis (1988), o fim último da investigação educativa não será produzir teorias, mas sim contribuir para a resolução de problemas práticos e para a melhoria da prática educativa.

A teoria desempenha um papel importante na investigação qualitativa, orientando os processos de recolha e análise de dados e proporcionando mesmo hipóteses de trabalho iniciais, embora sujeitas a reformulação (Merriam, 1988).

Não se deve ignorar o facto de que, neste tipo de investigação, o principal instrumento é precisamente o investigador, com a sua perspicácia observadora, bem como a riqueza e pertinência das suas perspectivas de análise. De facto, como refere Merriam (1988), é o investigador e não qualquer outro tipo de objecto de registo ou de processamento mecânico que desempenha o papel de instrumento fundamental na recolha e na análise de dados. Patton (1987) chama também a atenção para o papel do investigador e atribui-lhe um peso decisivo na validade do estudo qualitativo.

Ao discutir-se a qualidade de uma investigação invocam-se em geral as noções de validade (interna e externa) e fiabilidade. Classicamente, a validade interna examina até que ponto as relações causais foram correctamente estabelecidas (Yin, 1989). Porém, num estudo qualitativo, o propósito não é a formulação de tais relações, mas sim saber até que ponto o investigador foi capaz de aceder às perspectivas das pessoas envolvidas e reflectir os significados que elas atribuem aos conceitos em estudo.

A validade externa tem a ver com a possibilidade de generalização dos resultados obtidos.

Atendendo a que se pretende conduzir uma pesquisa o mais aberta possível, liberta de modelos ou variáveis pré-estabelecidas que possam vir a determinar, de forma reducionista, o trabalho a efectuar e atendendo aos critérios para a opção de uma investigação qualitativa, utiliza-se como estratégia de investigação, o estudo de caso.

### 1.3 Estudo de Caso

Na presente investigação procura-se responder a questões de natureza interpretativa, de modo a obter um produto final de índole analítica, em que não há qualquer intenção de fazer generalizações. Neste sentido, a utilização do estudo de caso qualitativo de tipo analítico parece ser a metodologia indicada para responder à problemática “Será a Mediateca de uma Escola do 1º Ciclo percebida como facilitadora da diferenciação e diversificação dos meios de ensino/aprendizagem utilizadas pelos professores, na sala de aula?”.

Como descreve Merriam (1988), o estudo de caso qualitativo revela-se a metodologia ideal para compreender e interpretar fenómenos educativos, sobretudo quando é usado com o objectivo de obter uma compreensão mais profunda da situação e o significado que lhe é dado pelos que nela estão envolvidos.

O estudo de caso, tal como define Walker (1989:45), “é o exame de um caso em acção”, isto é, implica examinar algo com a intenção de compreendê-lo. O objectivo desta compreensão pode ser explicativo, descritivo e/ou exploratório, sendo em função do propósito com que se conduz o caso que se determinam as estratégias ou técnicas que guiarão o desenvolvimento do mesmo. No entanto, todo o exame deverá ser sistemático, detalhado, intensivo em profundidade e interactivo de caso (Patton, 1987; Bogdan & Biklen, 1994).

Walker (1989) entende por “caso” uma unidade de estudo individual que pode ser uma referência, um indivíduo, uma organização, um conjunto unitário de documentos, um acontecimento particular ou um programa.

“Exame”, “caso” e “acção” são três elementos referidos por Walker para caracterizar o estudo de caso, sendo o último, “acção”, definido como dinâmico, “vivo” e evolução do caso.

Ying (1987), cit. por Carlos Marcelo et al. (1991) refere que as questões de investigação que se propõem, do tipo “como” e “porquê” respondem bem ao estudo do caso.

Um “caso” pode ser uma pessoa, um acontecimento, um programa ou uma comunidade mas, seja qual for a unidade de análise, “um estudo

de caso qualitativo procura descrevê-la em profundidade, com pormenor, em contexto e de um modo holístico” (Patton, 1987, p.19).

Outro aspecto ligado a este tipo de investigação é que, como refere Erikson (1986), num estudo de caso produz-se sempre um conhecimento de tipo particular, em que se procura encontrar algo de muito universal no mais particular.

Assim, Yin (1989) responde às críticas que são feitas aos estudos de caso, dizendo que eles não generalizam para um universo, isto é, não fazem uma generalização em extensão, mas fazem-no relativamente à teoria, uma vez que ajudam a fazer surgir novas teorias ou a confirmar ou infirmar as teorias existentes.

Para Merriam (1988) a tarefa de pensar em que medida certos aspectos se podem ou não aplicar a outros casos fica a cargo dos leitores que deles têm conhecimento mais directo, ou seja, tem lugar a generalização pelo próprio leitor que a faz à luz da sua própria experiência. Por isso, num estudo de caso não faz sentido formular conclusões sob a forma de proposições gerais. Poderá haver, isso sim, a formulação de hipóteses de trabalho que poderão ser testadas em novas investigações.

A fiabilidade diz respeito à presunção de que o estudo produziria os mesmos resultados se fosse repetido, eventualmente, por outro investigador. Os processos convencionais para testar a fiabilidade, baseados em medidas e numa repetição de técnicas, não fazem sentido no estudo de caso por este se reportar a situações complexas, de características únicas.

Assim, espera-se que diferentes investigadores, repetindo o mesmo estudo, concordem que, atendendo aos dados, os resultados fazem sentido. Para isso, podem contribuir procedimentos como a explicação clara da posição do investigador e do contexto da situação e o recurso a uma combinação de métodos de recolha de dados (Lincoln & Guba, cit. por Merriam, 1988).

O principal interesse deste tipo de estudo consistirá mais na possibilidade de particularizar do que de generalizar. Seguindo Erickson (1986), o que se procura não serão “factores universais abstractos”, obtidos através do tratamento estatístico aplicado a uma amostra representativa de uma dada população, mas sim “factores universais

concretos” que se irão obter estudando um caso específico em pormenor e comparando- o com outros.

Por essa razão, as conclusões desta investigação não são extensivas aos professores em geral referem-se, apenas, a professores particulares de uma escola em particular e às suas práticas.

Para Patton (1987), o objectivo do relatório da investigação é o de dar ao leitor a possibilidade de conhecer o que se passou na situação estudada, o modo como tais acontecimentos foram encarados pelos participantes e os aspectos peculiares encontrados. Assim sendo, a apresentação da informação vai depender muito da sensibilidade e capacidade analítica do investigador (Powney & Watts, 1987, cit. por J. Matos, 1994).

O envolvimento do investigador permite-lhe viver os acontecimentos por dentro, fazer uma maior aproximação em relação às pessoas e estabelecer relações de colaboração e mesmo de amizade, potenciando a validade do estudo através de conversas informais. Mas o envolvimento do investigador pode também acarretar problemas: por falta de tempo para registar sistematicamente todas as observações efectuadas; por poder assumir um papel de apoiante com os participantes no estudo; por poder deixar-se influenciar pela sua própria perspectiva quando o seu propósito era compreender as perspectivas de outros (Yin, 1989). Em relação a todos estes problemas se deverá precaver o investigador, organizando cuidadosamente a observação.

Num estudo de caso pode ser de todo o interesse utilizar vários métodos de recolha de dados, até os de natureza quantitativa, para completar informação e aumentar a sua validade. Diversos autores “denominam triangulação o procedimento de validação instrumental” efectuado por meio de uma confrontação dos dados obtidos a partir de várias técnicas, tais como a observação participante, a observação sistemática, a entrevista ou gravação vídeo (Hébert, Goyette & Boutin, 1990, p.76).

No presente estudo proceder-se-à à triangulação dos dados recolhidos a partir das entrevistas, e dos diários de aula dos professores e dos questionários aos alunos.

Bogdan & Biklen (1994) consideram que, para muitos investigadores qualitativos, as questões éticas não se restringem ao modo

de comportamento durante o trabalho de campo, mas em termos de uma relação duradoura com as pessoas com as quais se contactou. Assim, ao longo da presente investigação procurou-se também assumir, sem restrição, os princípios que dizem respeito a questões de ética. Formalizou-se verbalmente o acordo relativo aos procedimentos e garantias a vigorar durante e depois da recolha de dados: garantia do anonimato dos professores, sujeitos da investigação, gravação de entrevistas, devolução dos textos das entrevistas após a fixação do protocolo e possibilidade de os sujeitos introduzirem alterações que julgassem oportuno e permissão de utilização dos textos das entrevistas desde que mantido o anonimato.

## 2. Caracterização da Escola

Este ponto procura dar a conhecer o ambiente escolar no qual se acompanharam as quatro professoras do presente estudo. Embora, a Escola, não seja o objecto directo desta investigação, poderá contribuir para uma contextualização, o mais real possível, do ambiente de trabalho, no qual trabalham as professoras que serão apresentadas neste estudo.

Para a caracterização da Escola teve-se em consideração o Projecto Educativo, o Regulamento da Escola e o diálogo efectuado junto das professoras envolvidas na investigação, bem como o conhecimento da realidade escolar por parte da investigadora em serviço há oito anos nesta Escola.

O edifício da Escola é de tipo P3, área aberta, constituído por quatro núcleos, correspondendo cada um deles a duas salas de aula ligadas por um espaço comum, o espaço privilegiado para a Expressão e Educação Plástica. Os núcleos expandem-se por todo o rés do chão e, à excepção do núcleo do 1º andar, todos eles confluem para as áreas do Refeitório e Sala Polivalente.

Para além do edifício principal, existe no espaço escolar um pré-fabricado, onde se desenvolve o trabalho da Mediateca. Toda a parte edificada está envolvida por um espaço de recreio, um campo de jogos, jardim e horta pedagógica. Este espaço/escola compreende um Jardim de

Infância onde duas Educadoras desenvolvem o seu trabalho com cinquenta crianças.

A Escola encontra-se instalada numa área urbana periférica de grande fragilidade económica, onde os equipamentos culturais e recreativos de ocupação de tempos livres são praticamente inexistentes. A população escolar apresenta uma proveniência dominante de estratos económicos e sociais muito débeis e instáveis, a que se junta a integração de alunas do Lar de Jovens (crianças abandonadas e órfãs). Um terço da população escolar apresenta graves carências sócio-económicas e culturais (dos 280 alunos, 120 têm subsídio da Autarquia para livros, material escolar, e alimentação). Para responder às carências alimentares a escola desenvolveu esforços para a criação de uma Cantina Escolar que se encontra a funcionar desde 1996.

A debilidade económica referida está associada a vários factores: à proveniência exterior ao Concelho dum parte das famílias (imigrantes para o exercício de actividades de hotelaria e construção civil); à presença de várias etnias (Cabo Verde, Angola, Ciganos, esta última maioritária), e culturas (África do Sul, Suécia, Inglaterra, Alemanha, além das já citadas), à precaridade de emprego e também à fraca escolarização das famílias. Cerca de 10% das famílias são analfabetas, 45% têm o 4º ano de escolaridade, 44% distribuem-se entre o 2º ciclo e o 3º ciclo e apenas 1% tem um grau Superior. Daí que as profissões mais representadas sejam a construção civil e a hotelaria, sendo esta última, na sua maior parte, sazonal. Ao longo do ano o desemprego dos pais oscila entre os 20% e os 30%.

A despistagem efectuada no início do ano lectivo 96/97, diagnosticou desequilíbrio emocional como consequência de desajustamento familiar para 25% dos alunos e deficiências e/ou dificuldades de aprendizagem para 30%.

Por todas estas razões, a Escola tem sido considerada, pela Direcção Regional de Educação, em anos anteriores, como Escola de Intervenção Prioritária e em 96/97 passou a fazer parte de um Território Educativo de Intervenção Prioritária, ficando associada a um Jardim de Infância, com quem a Escola já desenvolvia um mesmo Projecto Educativo e a uma Escola Básica dos 2º e 3º ciclos, conforme Despacho

Conjunto 73/ SEAE/SEEI/96 dos Secretários de Estado da Administração Educativa e da Educação e Inovação.

Note-se que, apesar das problemáticas apresentadas anteriormente, a taxa de insucesso escolar não ultrapassa os 5%.

O corpo docente, maioritariamente feminino, é constituído por vinte e dois professores, sendo doze do Quadro Geral e dez do Quadro Distrital de Vinculação.

Os índices de mobilidade de professores têm sido reduzidos, não ultrapassando um a dois docentes por ano lectivo, o que na opinião dos professores tem contribuído para o melhoramento do clima de escola e da sua estabilidade, conferindo uma marca de identidade ao trabalho educativo. A faixa etária dos professores varia entre os trinta e os cinquenta e cinco anos, ficando a grande maioria de idades compreendida entre os quarenta e os quarenta e cinco anos, sendo a média dos anos de serviço de quinze anos.

Ao nível das habilitações académicas, todos os professores têm o bacharelato à excepção da Directora que está habilitada com um Diploma de Estudos Especializados (D.E.S.E.) com equiparação ao grau de licenciatura.

A distribuição do corpo docente faz-se por quinze turmas, leccionando um professor em cada turma, exceptuando duas onde leccionam em conjunto dois professores, existindo ainda uma professora do Ensino Especial, uma Directora, uma professora dispensada da componente lectiva e duas professoras na Mediateca Escolar, sendo uma responsável pelo sector de Biblioteca, Videoteca, Produção e outra pelo sector de Informática. A coordenação das actividades da Mediateca é feita pela Directora da Escola de acordo com o Projecto Educativo e Plano de Actividades.

Nas actividades escolares colaboram ainda mais nove professores do 2º ciclo, em virtude do Projecto das Escolas de Território Educativo de Intervenção Prioritária (T.E.I.P.Desp.Conj.73/SEAE/SEEI/96), leccionando as áreas de Expressão Físico-Motora, Expressão e Educação Musical, Inglês e Carpintaria. Há ainda um professor que apoia pontualmente a Informática. No âmbito do referido projecto foi colocada uma Psicóloga (oito horas semanais) para diagnosticar e apoiar os alunos em risco de insucesso alargando esse apoio às famílias.

O Projecto Educativo da Escola tem como tema “Da Educação Ambiental à Escola Ecológica”. Esta grande temática resulta de situações problemáticas diagnosticadas nas Escolas que integram o Território Educativo de Intervenção Prioritária, procurando a Escola promover uma acção interventiva e sistemática de Educação Ambiental e de Educação para a Cidadania.

Do Projecto Educativo de Escola faz parte o Projecto da Área - Escola, estando todos os projectos ligados à Mediateca Escolar, que funciona como o “verdadeiro apoio e motor de todo o Projecto Educativo”.

É de referir ainda que a Mediateca Escolar, um importante recurso do Projecto Educativo da Escola, apoia todas as práticas pedagógicas da comunidade escolar (alunos do 1º ciclo e do Jardim de Infância, Professores e Educadores) em interacção com o meio envolvente, permitindo assim diversificar os meios utilizados na sala de aula, a individualização do ensino e o apoio às crianças com necessidades educativas especiais.

## 2.1 Caracterização da Mediateca

A Mediateca da Escola está organizada em várias áreas (zona de recepção, auditório audiovisual/videoteca, biblioteca, audioteca, fototeca, produção e informática), que se descrevem de seguida.

**Zona de recepção:** Local onde se realiza o atendimento e encaminhamento de situações pontuais de pesquisa e recolha de dados, relacionados com pedidos e necessidades de alunos e professores referentes a vários temas.

**Auditório Audiovisual/Videoteca:** Nesta zona foi criado um pequeno auditório com cerca de 25 lugares funcionando como espaço privilegiado para o visionamento, a projecção e a utilização do material vídeo para finalidades didácticas e lúdicas.

Constituem o equipamento desta área os seguintes materiais:

Quadro nº1

Equipamentos da Mediateca

Material	Quantidade	Material	Quantidade
Televisor	1	Diapositivos	120
Vídeo	2	Cassetes Vídeo	160
1 Leitor Vídeo	1	Cassetes Áudio	30
Retroprojector	1	Écran	1
Projector de Slides	1	Bateria de Pilhas	1
Mesa de Montagem	1	Livro Registo Diapositivos	1
Câmara de Vídeo	1	Livro Registo Vídeo.	1

No princípio de cada mês e de acordo com as planificações mensais, é procurada informação nos materiais de suporte existente (vídeos e diapositivos) que estejam em consonância com as matérias que irão ser trabalhadas na sala de aula. Para além deste trabalho mais programado, muitas vezes há necessidade de responder às exigências que vão surgindo da dinâmica de cada sala e dos interesses manifestados pelos alunos.

**Biblioteca:** Os livros estão em estantes abertas, de livre acesso, de acordo com uma classificação acessível aos alunos, por cores como consta numa flor temática, exposta na parede, com pétalas de cores diferentes de acordo com os temas dos livros: Banda Desenhada, Livros de Referência, Natureza, Corpo Humano, Contos, Aventura, Teatro, Poesia, História, Imagens, Ciência e Técnica, Arte, Desporto e Livros da autoria dos alunos.

Para além dos livros, na zona da Biblioteca, encontram-se ainda os trabalhos dos alunos, revistas, jornais, colecção de recortes de jornais e revistas por assuntos, dossiers temáticos, dossiers com fichas de trabalho

e ainda livros das diferentes áreas do programa do 1º ciclo, ofertas de diferentes origens (editoras, pais, autarquia, etc.), para além de livros de apoio ao professor.

Também neste espaço são expostas as novas aquisições e ainda existem dois armários/arquivo para cartazes, na sua maioria elaborados pelos alunos no processo de produção dos trabalhos de pesquisa.

O espaço está provido de mesas, cadeiras e almofadas, pretendendo-se que alunos e professores requisitem, leiam livros e revistas, pesquisem e anotem a informação recolhida.

Todo o material nesta zona é requisitado por professores e alunos, quer para consulta na Mediateca ou na sala de aula, quer para consulta domiciliária por um período de oito dias.

Diariamente, de forma organizada, quatro turmas deslocam-se a este espaço. De cada turma, são retirados oito alunos que aqui permanecem no período de uma hora. Quatro alunos recontam, dramatizam ou simplesmente respondem a questões levantadas pelo professor da Mediateca. Os restantes alunos vão manuseando livremente os livros ou revistas, para que a requisição possa ir totalmente ao encontro das suas necessidades escolares ou simplesmente, ao encontro da sua curiosidade. Mensalmente são requisitados cerca de 600 livros.

Quadro nº2

Material existente na Biblioteca

Designação	Quantidade	Designação	Quantidade
Livros	3307	Livro de Registo	1
Publicações Periódicas	20	Ficheiro de Livros	1
Colecção de carimbos	10	Jogos de leitura	6
Ábacos	8	Blocos lógicos- caixas	6
Tangran	5	Puzzles	6
Ficheiro de Língua Portug.	8	Prontuário	1
Dicionários	12	Cartazes	248
Mapas	14	Jogos	30

**Audioteca:** Na Audioteca existem 6 gravadores, 2 gravadores/rádio, um conjunto Hi-Fi com 2 colunas, sintonizador, 2 microfones e auscultadores e cerca de 30 cassetes áudio.

Neste espaço os alunos privilegiam a requisição de material para audição de contos e iniciação musical. Igualmente preparam as entrevistas que vão realizar no exterior e outras actividades que envolvam a componente sonora, como a audição de histórias à base de sons que pretendem despertar o imaginário, a expressão e a sensibilidade dos alunos, levando-os a reformular e a recriar sequências de histórias através da referida base sonora.

**Fototeca:** No âmbito da fototeca, há cinco dossiers de fotografias para arquivo de negativos e positivos das actividades da Escola e de temas relacionados com o Projecto Educativo da Escola.

As duas máquinas fotográficas podem ser requisitadas e utilizadas nas actividades da Escola.

Também se organizam e disponibilizam neste espaço os conjuntos e colecções de diapositivos e outros materiais para projecção no auditório ou na sala de aula.

**Produção:** A zona de produção está apetrechada com 2 fotocopiadoras, uma guilhotina, dossiers de fichas de trabalho para alunos, do 1º ao 4º anos de escolaridade, nas áreas do Estudo do Meio, Língua Portuguesa, Matemática e Inglês. Há ainda uma encadernadora e máquina para acabamento dos trabalhos de alunos e professores.

Neste espaço são realizadas as seguintes actividades:

- composição do Jornal dos alunos;
- reprodução de trabalhos de pesquisa;
- execução de dossiers temáticos;
- auxiliares didácticos de apoio aos professores;
- produção de fichas de trabalho para os alunos;
- produção de informações pertinentes e actualizadas para professores e alunos;
- informações aos Pais e Encarregados de Educação;
- folhetos informativos elaborados pelos alunos para distribuir à Comunidade;

-composição de livros de autoria dos alunos, etc.

**Informática:** É uma área que dispõe de um computador Philips sem disco rígido que trabalha com disquetes, um computador Step com o programa Microsoft Windows 3.1, ligado a uma impressora a preto e branco e oito computadores Pentium com o programa Windows 95, com CD ROM e colunas, ligados a duas impressoras a cores.

Os alunos têm acesso à impressão dos seus textos no computador e respectivas imagens e elementos grafo-expressivos, bem como à utilização do programa “Gerador de Contos” e outros programas de uso fácil, como: corpo humano, sistema solar, operações, labirintos, enciclopédia, dicionário, ortografia, animais, ciclo da água, geometria, puzzles, desenho, pintura, jogos, programa para desenvolvimento da linguagem etc.

O trabalho mais privilegiado é o processamento de texto com o objectivo de melhorar a capacidade de expressão escrita: corrigir e aperfeiçoar o texto e melhorar o estilo pessoal de expressão escrita.

O horário de funcionamento da Mediateca é o que de seguida se apresenta (Quadro nº3). Note-se que das 15.30 em diante, o acesso à Mediateca se faz livremente.

Quadro nº3

Horário da Mediateca

Horário	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9.30/10.30	4º -F	2º-3º-A	2º-B	2º-C	
11/12	1º-B	2º-3º-C		2º-3º-L	1º-AD

ALMOÇO

13.30/14.30	2º-4º-M			2º-AE	3º-E
14.30/15.30	4º-AC	2º-3º-FR		1º-F	1º-R

Depois das 15h.30 min. o acesso à Mediateca faz-se livremente.

### 2.1.1 Funcionamento das actividades organizadas na Mediateca

Grupos de 8 a 10 alunos, provenientes de uma turma dirigem-se simultaneamente um para a Biblioteca e outro para a Informática.

O grupo da Biblioteca entrega os livros requisitados na semana anterior, sendo-lhes proposta a exploração oral dos mesmos de acordo com a sua ficha de leitura, durante cerca de quarenta e cinco minutos. Os restantes quinze minutos são para seleccionar e requisitar novos livros. O processo de requisição e controlo de ficha de leitura é feito por um elemento do grupo que para o efeito desempenha o cargo de Bibliotecário, cargo desempenhado rotativamente por todos os elementos do grupo. Todas estas tarefas são acompanhadas pela professora da Mediateca que, para além destas actividades, organiza o material existente na Mediateca e apoia as iniciativas das diferentes turmas.

O outro grupo vai para a secção da Informática e consoante o ano de escolaridade faz jogos, exercícios de lateralidade e orientação no espaço, escreve textos, pesquisa na enciclopédia, desenha, imprime os seus trabalhos, etc.

Nestas actividades organizadas é dada uma especial atenção aos alunos indicados em Conselho Escolar como tendo dificuldades de motivação, sobretudo na aprendizagem da leitura, escrita e desenvolvimento da expressão oral ou com problemas a nível da ortografia e caligrafia, neste último caso, sobretudo alunos com deficiência motora.

Na secção da Informática também existe uma professora para apoiar, quer as actividades previamente organizadas, quer outras de iniciativa do professor da turma e/ou dos alunos.

### **3. Amostra**

#### **3.1 Os sujeitos da Investigação**

##### **3.1.1 Os Professores**

Segundo Bogdan & Biklen (1994), a escolha de um determinado foco de investigação, seja ele um local, uma escola, um grupo em particular, ou qualquer outro aspecto, é sempre uma acto artificial, uma vez que implica a fragmentação do todo onde ele está integrado. No entanto, o investigador qualitativo tenta ter presente a relação da parte com o todo, porém, considerando a necessidade de controlar a investigação, delimita a matéria de estudo.

Assim, há que atender, nas metodologias qualitativas, ao problema da escolha dos participantes no estudo, dentro de um determinado fenómeno ou situação, como algo que não obedece à lógica da amostragem estatística dos métodos de tipo quantitativo, onde é necessário que uma amostra seja representativa de uma determinada população para a qual se generalizam os resultados.

De acordo com a abordagem de estudo de caso qualitativo, os sujeitos serão seleccionados utilizando uma amostra intencional, com informantes privilegiados (Goetz & LeCompte, 1984).

Na selecção dos sujeitos seguem-se os critérios normalmente utilizados para as amostras intencionais (Morse, 1994, cit. Brazão, 1995) e, atendendo aos objectivos do presente estudo, consideraram-se relevantes os seguintes critérios para a selecção dos sujeitos:

- Utilização dos meios de ensino/aprendizagem da Mediateca;
- Capacidade de reflectir sobre a sua prática pessoal e de partilhar as suas reflexões com a investigadora;
- Tempo disponível para serem entrevistados em profundidade e produzirem diários da sua prática;
- Disponibilidade para colaborar no estudo;
- Pertencerem ao corpo docente da escola há pelo menos um ano.

Com base nestes critérios, fazem parte da amostra 4 professoras, uma por cada ano de escolaridade (1º, 2º, 3º e 4º), duma escola do 1º Ciclo do Ensino Básico com Mediateca Escolar.

Com base nos critérios atrás enunciados e no conhecimento da própria investigadora, foi seleccionada a amostra após negociação com as professoras participantes.

Erikson (1986) refere que para o investigador qualitativo, a lógica da investigação vai do particular ao universal. O investigador qualitativo não escolhe amostras através de uma ampla gama de particulares concretos, mas estuda em detalhe determinado caso concreto, com o objectivo de desenvolver um modelo o mais completo possível da situação e dos contextos em que aqueles estão imersos.

Dos participantes é feita uma breve caracterização, referenciando:

- os anos de serviço docente;
- o número de anos de docência naquela escola do 1º Ciclo, com Mediateca;
- a formação científica e pedagógica.

Sendo esta uma amostra intencional, a selecção dos professores para o presente estudo obedeceu aos critérios anteriormente definidos, procurando informantes privilegiados (Goetz & LeCompte, 1984), ficando constituída por quatro professoras, uma por cada ano de escolaridade.

A professora que lecciona o 1ºano será designada ao longo deste estudo por Rosa e as que leccionam os 2º, 3º e 4º anos de escolaridade serão identificadas respectivamente por Carla, Elisabete e Marta.

Rosa tem como formação académica o décimo segundo ano e o Curso do Magistério Primário de três anos, tendo terminado o curso no ano lectivo de 1986/1987.

Lecciona há oito anos em escolas do 1º ciclo e há três anos na escola onde se realiza este estudo. Nunca tinha trabalhado anteriormente em escolas com Mediateca. É professora do quadro distrital de vinculação.

A formação académica de Carla é o Curso do Magistério Primário. Terminou este em 1970 e lecciona há vinte e seis anos. Trabalhou sempre nesta Escola, dezanove anos sem Mediateca e sete anos com o sistema da Mediateca. A professora do 2ºano pertence ao Quadro Geral de Professores.

Elizabete, professora do 3º ano, possui o Curso do Magistério Primário e lecciona há dezanove anos dos quais, apenas os últimos sete anos com apoio da Mediateca Escolar. Há nove anos que pertence a esta escola como professora do quadro distrital de vinculação, pelo que conheceu o seu funcionamento sem e com a Mediateca.

Marta, professora do 4º ano de escolaridade, tem dezanove anos de serviço e o Curso da Escola do Magistério Primário, tendo terminado o curso em 1978. Lecciona nesta Escola há nove anos e, utiliza os serviços da Mediateca, desde o início do seu funcionamento, ou seja, há sete anos.

### **3.1.2 Alunos**

Pretendendo este estudo descrever as práticas de quatro professoras do 1º ciclo que utilizam a Mediateca torna-se pertinente recolher dados sobre o que pensam os seus alunos das práticas ligadas à utilização da Mediateca. Estes dados poderão ser triangulados com outros recolhidos no estudo.

Assim, foi necessário constituir uma amostra de alunos de cada uma das quatro professoras, sujeitos desta investigação. A selecção da amostra, seis alunos de cada turma (1º, 2º 3º e 4º ano de escolaridade), foi feita de forma aleatória após o preenchimento do instrumento utilizado para a recolha de dados. O instrumento seria colocado, após o seu preenchimento, sobre a mesa da professora e o último aluno que o concluísse, procederia à sua mistura e retiraria seis, cujos autores fariam parte da amostra. Deste modo, a amostra dos alunos ficou constituída por vinte e quatro alunos da Escola, sendo seis de cada uma das quatro professoras, conforme já se referiu.

## 4. Recolha de Dados

A recolha de dados nesta investigação utiliza a entrevista semi-estruturada, o questionário de resposta aberta, os diários e outros documentos de trabalho dos professores.

A natureza distinta dos instrumentos de recolha de dados proporciona a possibilidade de triangulação metodológica (Cohen & Manion, 1990), o que é desejável, por permitir comprovar a validade dos resultados.

### 4.1 Instrumentos utilizados com os Professores

#### 4.1.1 Entrevista

Actualmente a entrevista é largamente utilizada na investigação qualitativa tendo aumentado consideravelmente a sua importância na educação. O interesse por aceder aos pensamentos, ao mundo dos significados e das percepções dos sujeitos será uma das razões que impulsionaram a sua utilização.

Segundo Jarry Richardson (1985), a melhor situação para participar na mente doutro ser humano é a interacção frente a frente, pois tem o carácter inquestionável da proximidade entre as pessoas o que proporciona as melhores possibilidades de penetrar na mente, vida e definição dos indivíduos.

Deste modo, a entrevista é essencialmente uma forma de interacção humana e pode variar desde a conversa mais descontraída até ao mais cuidadosamente pré-codificado e sistematizado conjunto de perguntas e respostas, disposto num programa ou guião de entrevista.

A interacção permite o desenvolvimento duma estreita relação entre as pessoas - um processo de comunicação bilateral, ou seja, produzido em ambos os sentidos. A interacção entre o indivíduo e o investigador tem um papel importante para estimular a comunicação (Contandriopoulos et al., 1994), prefigurando uma situação em que ambos actuam como

emissores e receptores, ou várias pessoas, no caso de entrevistas em grupo.

A linguagem utilizada pelo entrevistado pode ser crucial para algumas investigações, uma vez que é o meio através do qual o sujeito reflecte o seu pensamento e a sua percepção da realidade. Nalguns casos, como assinala Patton (1980:247), “tudo se reduz a zero se o investigador não recolhe as palavras reais da pessoa que está entrevistando.” Assim sendo e ainda que correndo o risco de uma relativa intimidação do entrevistado, mas sempre com o seu conhecimento, convém gravar as entrevistas.

A linguagem deve, segundo Patton (1980), ser acessível ao entrevistado, permitir uma resposta, motivar o entrevistado a responder e estar próxima do seu universo linguístico. Deste modo, a situação parece associável a um jogo de papéis, ou seja, à criação de uma situação artificial na qual são distribuídos papéis não habituais. O êxito desta situação artificial depende da adequação do entrevistador ao seu papel, do modo como se adapta ao entrevistado, da clareza da definição do papel e de uma motivação e controlo dos conflitos no processo de interacção.

A entrevista colectiva permite, através de perguntas, penetrar no mundo do outro, numa dimensão não observável directamente (pensamentos, sentimentos, intenções...), partindo do princípio, como recorda Patton (1980), de que a perspectiva das pessoas é significativa, a entrevista permite conhecê-la e torná-la explícita.

No presente estudo, a fim de aceder ao conhecimento das práticas dos professores que utilizam a Mediateca Escolar, optou-se por fazer, inicialmente e com carácter exploratório, uma entrevista colectiva a professores que, embora utilizando a Mediateca, não tinham sido seleccionados para fazerem parte da amostra do estudo. Após análise cuidada da entrevista colectiva, elaborou-se um guião e fez-se uma entrevista às quatro professoras que constituem a amostra deste estudo. Na opção pela técnica da entrevista, ponderou-se a sua melhor adequação aos objectivos definidos, considerando que esta é “a estratégia dominante para a recolha de dados” (Bogdan & Biklen, 1994: 134) e se constitui como a “ferramenta específica da investigação” (Cohen & Manion, 1990:377) em Ciências de Educação”.

Tendo em vista a adequação aos objectivos da investigação em curso, e após uma reflexão cuidada, optou-se pelo uso da entrevista semi-estruturada a cada um dos sujeitos (Fontana & Frey, 1994) procurando incluir no guião, além das questões levantadas na entrevista colectiva, todas as que levanta a revisão da literatura sobre a temática em estudo. Segundo Patton (1980), um guião é uma lista das questões ou assuntos que vão ser explorados no decurso de uma entrevista, em que o entrevistador é livre de explorar, sondar ou colocar questões que irão elucidar o tema. A vantagem do guião é garantir que o entrevistador decida a melhor maneira de usar o seu tempo e de delimitar os assuntos que vão ser debatidos.

Sabe-se que a sequencialização das perguntas vai afectar a qualidade das respostas. Todos os especialistas recomendam que se devem remeter as perguntas possíveis de maior grau de dificuldade ou comprometimento na sua resposta, para um momento mais intermédio ou final da própria entrevista. De qualquer forma, a entrevista numa perspectiva de investigação qualitativa deverá ter um grau assinalável de flexibilidade por parte do entrevistador e, portanto, a ordem das perguntas deve atender muito ao próprio ritmo da entrevista.

O entrevistador tem que proporcionar um ambiente adequado para que o entrevistado possa responder confortável, correcta e honestamente, introduzindo o entrevistado no seu mundo (Patton, 1980). Segundo Bell (1993), é difícil definir regras para conduzir a entrevista. O entrevistador deve mostrar-se como um “ouvinte benévolo”, que sabe escutar, com grande capacidade de empatia e que se adapta ao sujeito. A empatia pode manifestar-se por gestos de concordância no momento oportuno, sorriso, abanos de cabeça, expressões físicas de admiração, acenos, conforme refere Woods (1987, cit. por Abeledo, 1989).

Ainda que existam diversas formas de investigação qualitativa, todas partilham, até certo ponto, o objectivo de compreender os sujeitos com base nos seus pontos de vista. Para esse efeito, o investigador faz interpretações, devendo, portanto, possuir um esquema conceptual para as fazer. Assim, sendo a principal preocupação deste estudo compreender e descrever as práticas de quatro professoras de um escola do 1º ciclo que utilizam a Mediateca Escolar, também se tornava necessário, conhecer e compreender o pensamento dos alunos das quatro professoras que fazem

parte da investigação em curso. Neste sentido, poder-se-ia interpretar e inferir tal pensamento com base em dados recolhidos através das entrevistas aos professores, em informações recolhidas no Projecto Educativo de Escola, no Diário de Aula e ainda em questionários aplicados aos alunos dos professores deste estudo, como adiante se explica.

A investigação qualitativa é por vezes acusada de veicular a influência que os preconceitos e atitudes dos seus utilizadores possam ter nos dados recolhidos. Segundo Le Compte (1987, cit. por Bogdan & Biklen, 1994), os investigadores preocupam-se com os efeitos que a sua subjectividade possa ter nos dados que produzem, mas tentam estudar objectivamente os estados subjectivos dos seus sujeitos. Van der Maren (cit. por Hérbert, Goyette & Boutin, 1990) refere que a interpretação ocorre logo na ocasião da recolha de dados. Um questionário reflecte, sempre, na sua elaboração, as intenções e representações de quem o constrói.

Os investigadores qualitativos, tendo consciência dos possíveis enviesamentos, tentam evitar que ocorram “efeitos do observador”, interagindo com os seus sujeitos de forma natural, não intrusiva e não ameaçadora. Quanto mais controlada e intrusiva for a investigação, maior é a probabilidade de ocorrerem os “efeitos do observador” (Douglas, 1976, cit. por Bogdan & Biklen, 1994). Por essa razão os questionários do estudo em curso foram entregues aos professores para os encaminharem aos seus alunos. Desses questionários foi-lhes pedido que devolvessem apenas seis, a fim de conhecer e compreender a utilização da Mediateca Escolar dos alunos dos professores que fazem parte desta investigação, tendo-se optado por uma metodologia qualitativa.

#### **4.1.1.1 A Entrevista Preparatória**

Antes de iniciar as entrevistas procurou-se recolher o maior número de elementos e indicadores, junto dos docentes da Escola, para o que se tornou necessário fazer um trabalho exploratório de modo a construir um guião que fosse abrangente e representativo das situações relacionadas

com o universo de utilização da Mediateca. Assim, preparou-se um guião (Anexo 3) de entrevista utilizado nesta fase exploratória de que faziam parte três blocos. O primeiro referia-se à legitimação da entrevista, isto é, pretendia motivar os professores para a sua participação e informar acerca do estudo, garantindo a confidencialidade de todo o processo. O bloco seguinte, intitulado a Mediateca e as práticas dos professores, tinha como objectivo recolher informações sobre a utilização da Mediateca e as metodologias utilizadas, bem como da importância dos recursos da Mediateca para os diferentes alunos. O terceiro bloco versava a temática da avaliação das actividades da Mediateca, tendo como objectivo conhecer formas de avaliação da utilização dos recursos da Mediateca e avaliar a importância desta no desenvolvimento do ensino/aprendizagem.

Esta recolha prévia incidiu sobre seis professoras que mostraram maior disponibilidade em colaborar nesta fase preparatória da elaboração do guião da entrevista. Essas professoras não são aqui referidas com os seus verdadeiros nomes a fim de manter o anonimato, tal como foi acordado no primeiro contacto, sendo os nomes aqui referidos fictícios.

Todas pertencem ao Quadro de Vinculação Distrital com excepção de Cláudia que integra o Quadro de nomeação definitiva. Relativamente ao tempo de docência nesta Escola regista-se uma notória diferença, verificando-se uma distância de nove anos entre Fátima com apenas um ano e a professora Felisbela com dez anos de exercício na Escola. Seguem-se as professoras Manuela e Belmira respectivamente com três e sete anos, e por fim, as professoras Cláudia e Célia com quatro anos cada. Das professoras da Entrevista Colectiva três leccionam o segundo ano de escolaridade, duas o quarto ano e uma o terceiro ano. Sobre a utilização dos recursos da Mediateca Fátima utiliza-a há um ano e as restantes utilizam-na há quatro anos.

#### 4.1.1.2 O Guião da Entrevista

Tendo em vista a consecução dos objectivos definidos e formando como linha orientadora os princípios estabelecidos por Albano Estrela (1984) no que respeita a aspectos estruturais e organizativos, foi

construído o guião da entrevista a fazer às quatro professoras (Anexo 5), em função do tema “As práticas dos professores numa Escola do 1º ciclo com Mediateca Escolar”, tendo como objectivo geral “Conhecer a opinião dos professores relativamente à utilização da Mediateca Escolar nas suas práticas”.

Para uma melhor e mais consistente elaboração do guião da entrevista, procedeu-se primeiro a uma entrevista colectiva (como se descreve no ponto que se refere aos procedimentos adoptados) estruturando-se o guião a partir das questões e contributos obtidos na entrevista colectiva. Note-se que esta funciona como mero referencial orientativo e não como limitador de respostas no decurso do diálogo

A entrevista pode-se situar na tipologia de entrevistas semi-estruturadas dado que não houve lugar para limitação nas respostas colocadas obrigatoriamente. Por sua vez, as respostas evoluem num espaço de liberdade, sem perder de vista o objectivo geral da entrevista relativamente à utilização da Mediateca Escolar e contributo desta para as suas práticas, remetendo-se o entrevistador a um papel de clarificação e condução geral da entrevista.

Entrevistas deste tipo são designadas por Patton (1980) e Estrela (1984) como entrevistas feitas a partir de um guião, não existindo uma formulação exacta nem uma ordem pré-determinada das perguntas (Ghiglione e Matalon, 1993).

Deste modo, o guião está organizado em cinco grandes blocos, que embora diferenciados, se sucedem de forma complementar e num processo gradual de aprofundamento da temática em questão, exigindo uma cada vez maior capacidade de análise e reflexão dos entrevistados sobre a mesma.

Cada um destes blocos, e por referência ao objectivo geral enunciado, visa a prossecução de determinados objectivos, através da elaboração de questões que possibilitem a recolha dos dados pretendidos.

Os blocos ficaram, estruturados da seguinte maneira:

#### Bloco 1- Legitimação da Entrevista

Pretende-se informar os entrevistados da natureza e objectivos do trabalho em curso, sendo referida a imprescindibilidade da sua colaboração e assegurada a confidencialidade das declarações prestadas.

### Bloco 2- Dados Profissionais dos Professores

Procura-se com este bloco, recolher dados relativos à vida profissional do professor entrevistado: (I) Qual a sua formação académica e profissional? (II) Em que ano terminou o curso de formação inicial? (III) Há quantos anos lecciona? (IV) Nas escolas onde leccionou, havia Mediateca? (V) Quantos anos trabalhou sem e com Mediateca? (VI) Nesta escola há quanto tempo está?

### Bloco 3- A utilização da Mediateca

Levar os entrevistados a prestar informações relativas ao uso que fazem dos recursos da Mediateca, sua aplicação directa e importância que lhe atribuem é o objectivo deste bloco. Assim, formularam-se as seguintes questões:

- Quais os recursos da Mediateca que utiliza mais e porquê? E os que usa menos?
- Que áreas privilegia quando utiliza a Mediateca? Qual a razão dessa preferência? Que tipo de trabalho desenvolve na área referida? Porque não usa, ou usa menos, os meios da Mediateca nas outras áreas?
- Utiliza a Mediateca para a sua valorização pessoal e/ou profissional? De que forma? E com que finalidade?
- Procura na Mediateca contributo para a construção de materiais de apoio às práticas lectivas?
- Acha que a Mediateca deve ser utilizada de igual forma pelos quatro anos de escolaridade? No caso de achar que deve haver diferença, pensa que essa diferença se deve ao ano de escolaridade, ou a outra razão? Qual? A prática que está a desenvolver parece-lhe passível de ter continuidade nos outros anos de escolaridade? De que forma?
- Os recursos da Mediateca são facilitadores da aquisição de conteúdos, ou considera-os sobretudo indicados para o desenvolvimento de métodos ou hábitos de trabalho?
- Na sua opinião, quais os alunos ou grupo de alunos que mais necessitam de utilizar as actividades da Mediateca? Como caracteriza esses alunos? Como é que os organiza na sala de aula e na Mediateca? Que materiais utiliza?

- Os trabalhos dos seus alunos fazem parte do espólio da Mediateca? Com que objectivo? Todos os trabalhos? Como é que os selecciona?

#### Bloco 4- A Mediateca e as práticas dos Professores

Visando o aprofundamento do tema, este bloco tinha por finalidade conhecer a opinião dos professores sobre as metodologias utilizadas com os diferentes recursos da Mediateca. As questões colocadas foram as seguintes:

- Utiliza os meios da Mediateca nas suas práticas de sala de aula? Se sim, em que situações? E com que finalidade?
- Acha que os recursos da Mediateca facilitam a individualização e a diferenciação do ensino? De que modo contribui a Mediateca para a individualização? E para a diferenciação do ensino? Como organiza as suas práticas em função destes objectivos?
- Recorre aos meios da Mediateca para diversificar as suas metodologias?
- Os alunos vão espontaneamente à Mediateca? Faz uma avaliação da utilização dos meios da Mediateca? Que indicadores utiliza? De que modo se reflecte a utilização da Mediateca na avaliação global do aluno? Acha que os meios da Mediateca são facilitadores do ensino/aprendizagem?

#### Bloco 5- O Impacte da Mediateca na Comunidade.

Este último bloco visava obter dados sobre o impacte da Mediateca na Comunidade, levando o entrevistado a dar opinião sobre:

- Como é que os encarregados de educação, os pais e a comunidade em geral aceitam a integração das actividades da Mediateca nas práticas lectivas? Qual a importância que lhe atribuem? Há alguns registos das actividades da Mediateca que sejam comunicados aos pais e encarregados de educação?
- Que reflexos é que esta Mediateca tem tido noutras escolas? Noutros professores? Qual a importância que lhe é atribuída?

#### 4.1.2 A Entrevista de Aprofundamento

Após a análise de conteúdo dos dados recolhidos através da entrevista e diário de aula, fez-se sentir a necessidade de aprofundar, junto das quatro professoras, questões relacionadas com a avaliação da utilização da Mediateca e identificar as práticas das professoras relativamente aos alunos com necessidades de especiais de apoio e com outros ritmos de aprendizagem.

Nesse sentido, foi constituído um novo guião da entrevista (Anexo 15) com o objectivo de aprofundar o conhecimento acerca das questões referidas anteriormente. O guião era constituído por um único bloco referente à Mediateca e as práticas dos Professores. Com este bloco pretendia-se recolher dados sobre as metodologias utilizadas no caso de uma turma heterogénea. Assim, às professoras do presente estudo foram colocadas as seguintes questões:

- Como é que procede quando os alunos têm mais dificuldades? Como organiza a sala de aula? Como organiza as actividades? Recorre mais aos recursos da Mediateca quando os alunos têm mais dificuldades? Em que áreas os seus alunos têm mais dificuldades? O que faz para superar essas dificuldades?
- Nas actividades em que recorre aos materiais da Mediateca, como é que avalia as actividades? Que indicadores privilegia? De que modo essa avaliação se reflecte na avaliação trimestral?

Fez-se um contacto prévio com os professores, a fim de explicitar a necessidade da entrevista de aprofundamento, tendo sido fácil estabelecer um acordo quanto ao local e calendarização da mesma.

### 4.1.3 Documentos: Projecto Educativo de Escola e Diário de Aula

Os documentos escritos, fonte de evidência importante nos estudos de caso (Ying, 1987, C. Marcelo et al. 1991), são outras fontes a utilizar no estudo em curso.

Segundo Carlos Marcelo et al. (1991), os documentos são geralmente um complemento a métodos como a entrevista. Em situações excepcionais usam-se em exclusivo, como nos casos de carácter histórico. Este tipo de informação apresenta-se basicamente em duas formas: documentos oficiais e documentos pessoais (Bogdan & Biklen, 1994).

No presente estudo são utilizados documentos oficiais da escola, o Projecto Educativo e documentos pessoais.

Os documentos pessoais são narrativas na primeira pessoa que descrevem acções, experiências e perspectivas de participantes do estudo, permitindo aceder às perspectivas e sentimentos mais pessoais.

O documento pessoal mais privilegiado, neste estudo, será o diário. O diário só é escrito a pedido do investigador (Zabalza, 1994). Este mesmo autor refere que o diário proporciona, entre outras coisas, uma perspectiva da realidade do ponto de vista do sujeito que escreve. Mas também pode reflectir, por exemplo, o processo de planificação do professor (Yinger & Clark, 1985 cit. Carlos Marcelo et al, 1991).

## 4.2 Instrumentos Utilizados com os Alunos

### 4.2.1 Questionário

A opção pelo questionário teve como objectivo recolher de uma forma rápida informações dos alunos a partir das mesmas perguntas e, tanto quanto possível, nas mesmas circunstâncias, de modo a garantir que todas as perguntas significassem o mesmo para todos os inquiridos. A informação foi recolhida em questionário preenchido pelo próprio aluno inquirido, sendo a sua principal preocupação conhecer e compreender o

pensamento dos alunos das quatro professoras que participam da investigação em curso.

Foi elaborado um questionário para ser aplicado aos alunos das quatro professoras envolvidas no estudo, com o objectivo de conhecer e compreender o seu pensamento.

Pretendia-se assim recolher as representações dos alunos sobre a sua utilização da Mediateca, verificando se estas confirmavam (ou não) as informações das professoras.

Na elaboração do questionário foi solicitada a opinião das Professoras sobre a pertinência das questões, mas sobretudo sobre a adequação da linguagem aos seus alunos. Para além disso, em cada uma das turmas fez-se uma primeira aplicação a um grupo de alunos para verificar a compreensão e clareza das questões.

Verificou-se a existência de duas questões muito semelhantes, o que motivou a sua reformulação e posteriormente, uma semana depois, o questionário foi aplicado à totalidade dos alunos das quatro turmas nas, quais estavam envolvidos os professores do estudo.

Do questionário faziam parte cinco questões (Anexo 10):

- O que faço na Mediateca?
- O que gosto mais e o que gosto menos? Porquê?
- O que faço na sala de aula com os materiais da Mediateca?
- Dá sugestões de novas actividades e de novos materiais.
- O que achas que deve ser modificado na Mediateca?

As questões estavam elaboradas de uma forma aberta, permitindo respostas muito pessoais, onde se poderia reflectir em que medida se podia falar de efectiva e interiorizada prática de utilização da Mediateca e da importância que assumia para os alunos.

## 5. Procedimentos de Investigação

### 5.1 A Entrevista aos Professores

Tal como referido anteriormente, este estudo pretende descrever as práticas de sala de aula de quatro professoras de uma Escola do 1º ciclo com Mediateca Escolar, no que se refere à utilização deste importante equipamento.

Sendo a investigadora elemento da referida Escola, muitos dos procedimentos adoptados foram baseados na observação diária das actuações dos colegas que vieram a ser entrevistados.

Assim, foram seleccionados quatro professoras, uma por cada ano de escolaridade, para a realização de entrevistas individuais. A selecção teve por base, como já se disse, a maior utilização que essas professoras faziam dos serviços da Mediateca e a abrangência dos quatro anos de escolaridade, para que reflectisse as eventuais diferenças de utilização dos diferentes anos de escolaridade.

A Escola foi o ambiente escolhido para a entrevista colectiva tendo sido determinante para essa opção o maior grau de familiaridade do grupo com esse espaço. Decorreu numa das salas de aula e devido ao conhecimento mútuo dos docentes não foram necessárias apresentações, tendo sido transmitidos os objectivos daquele encontro, de acordo com o convite feito nos dias anteriores.

No início foi novamente reafirmada a garantia de confidencialidade e anonimato da gravação áudio da entrevista.

Apesar do relacionamento existente entre os presentes, era notória alguma ansiedade, patente nas interrogações formuladas acerca do tipo de questões que eventualmente lhe seriam colocadas e da sua própria capacidade de resposta a essas perguntas.

Referido novamente o carácter confidencial da entrevista, facto que introduziu alguma tranquilidade na sala, foi colocada a primeira questão. Alguma contenção inicial por parte dos professores, deu lugar logo a seguir a uma simultaneidade de respostas, pelo que foi necessário equacionar metodologias a utilizar no prosseguimento da entrevista e na

orgânica das intervenções. Introduziu-se um sistema de intervenção por inscrição tendo sido acordado evitar a repetição de opiniões idênticas.

Deste modo e no momento inicial da entrevista colectiva definiram-se conjuntamente as regras de funcionamento da mesma.

Algum constrangimento relacionado com a captação das respostas através de gravação directa rapidamente se dissipou no evoluir da entrevista e deixou de constituir qualquer obstáculo quanto à naturalidade da prestação de opiniões dos presentes.

No decurso da entrevista todos participaram na generalidade do universo das questões colocadas, mostrando disponibilidade para a investigação, espírito de grupo e, sobretudo, demonstraram conhecer os projectos em curso e estar integrados na Escola.

Subjacente a esta entrevista, encontrava-se um objectivo de recolha aberta de informação sobre as práticas dos professores que utilizam os recursos da Mediateca, no sentido de considerar e tratar a informação produzida, para utilização posterior na elaboração de um guião de nova entrevista, mais elaborada, visando o grupo de quatro professoras desta Escola anteriormente seleccionadas, de acordo com os critérios de utilização da Mediateca como anteriormente foi referido.

Assim, a entrevista decorreu num ambiente calmo e o mais aberto possível, de forma a que fossem levantadas todas as questões possíveis.

Ao fim da primeira hora de entrevista colectiva numa atmosfera tranquila e informal, contrastando com as péssimas condições atmosféricas no exterior, justificava-se o entusiasmo e interesse na abordagem das suas práticas de trabalho no contexto da Mediateca, por parte deste grupo de professores.

A recolha de informação, foi concluída duas horas depois, tendo os presentes manifestado o seu interesse pelo trabalho realizado, considerando-o pertinente e enriquecedor por se tratar de um excelente espaço de reflexão e de confronto de posições sobre um trabalho comum.

Realizada a entrevista, é prática corrente no processo de investigação, transcrevê-la para tratamento e análise. Após a gravação, a transcrição ocorreu com brevidade, no sentido de solucionar qualquer falha técnica ou para incluir ou reformular algumas palavras ou frase que uma análise ao seu próprio discurso justificasse.

A transcrição realizada na íntegra, procurou reproduzir com fidelidade os testemunhos, respeitando palavras e gírias linguísticas utilizadas pelos entrevistados, ou seja, mantendo as marcas da linguagem oral. Da transcrição foram produzidas cópias para cada um dos entrevistados, permitindo-lhes a reformulação para uma aproximação mais coerente ao pensamento expresso e uma identificação mais completa e verdadeira com o texto final.

Não se verificando alterações no conjunto das transcrições passou-se então à elaboração de um guião para as entrevistas individuais, já apresentado, com base nas questões levantadas na entrevista colectiva e no desenvolvimento da revisão da literatura.

A entrevista a cada uma das quatro professoras foi feita três meses depois da entrevista colectiva e decorreu com um intervalo de quinze dias entre cada uma.

Relativamente à selecção das quatro professoras foram utilizados como critérios a representação dos vários anos de escolaridade leccionados, o facto de possuírem um tempo de serviço superior a um ano naquela Escola e a utilização dos recursos da Mediateca no quotidiano do seu trabalho. Com os professores entrevistados, foi previamente estabelecido um contacto no sentido da clarificação dos objectivos da investigação, do respeito e garantia do anonimato e da obtenção de consentimento, para a recolha de depoimento, através de gravação áudio.

Tal como no grupo anterior (da entrevista colectiva), voltaram a surgir atitudes de apreensão e insegurança sobre as suas capacidades de resposta e colaboração na entrevista, que foram igualmente ultrapassadas por esclarecimentos adicionais mais detalhados sobre as finalidades da investigação, desdramatizando-se qualquer carga negativa ou avaliativa sobre o seu trabalho, esclarecendo-se que, pelo contrário, apenas se registariam com naturalidade e autenticidade, as suas práticas correntes no contexto escolar.

Às entrevistadas foi de novo assegurada a confidencialidade dos dados e, de acordo com as disponibilidades dos entrevistados, calendarizaram-se as entrevistas para o período de interrupção das actividades lectivas no Carnaval. Após acertos do calendário, procedeu-se à realização individual das entrevistas pela ordem a seguir indicada: em 1º lugar, a Professora do 4º ano de escolaridade, designada por Marta,

seguida da Professora Elizabete, correspondendo ao 3º ano, depois a Professora Rosa do 1º ano e finalmente a Professora Carla, do 2º ano de escolaridade.

As entrevistas foram no seu conjunto realizadas numa sala da escola, em ambiente idêntico e familiar a todos, tendo-se constatado alguma inibição por parte dos Professores Carla, Elizabete e Marta na fase de pré-gravação, rapidamente dissipada no decorrer do diálogo.

As entrevistas foram transcritas, na íntegra, procurando-se manter a fidelidade dos discursos orais dos entrevistados, pausas, repetições, hesitações, evitando-se assim qualquer tipo de alteração ou montagem.

Após a transcrição, as entrevistas foram entregues ao respectivo entrevistado, para eventuais correcções ou alterações, no sentido de uma maior adequação dos depoimentos ao seu discurso e pensamento.

As professoras Rosa, Elizabete e Marta não procederam a qualquer alteração ao conteúdo das ideias manifestadas, tendo referido alguma surpresa pelos aspectos formais do seu próprio modo de expressão e por algumas incorrecções detectadas.

A Professora Rosa rectificou algumas lacunas referentes a palavras e expressões, que por questões técnicas não eram totalmente perceptíveis na audição da gravação.

Segundo Patton (1980), o período pós-entrevista é um período crítico de reflexão, de controlo da qualidade para garantir que a informação obtida seja útil e válida. Assim após uma leitura “flutuante” (L. Bardin 1977), foi possível ter acesso a um conjunto de dados que posteriormente se foram tornando mais precisos, em função dos objectivos do estudo e em função da projecção de teorias sobre as quais incidiu a revisão de literatura referente à presente investigação. Após esta leitura procedeu-se à análise de conteúdo utilizando as categorias e subcategorias já definidas.

Terminada a fase da análise de conteúdo das entrevistas em meados do 2º período lectivo, foi-lhes nesse momento solicitada a realização do Diário de Aula (Anexo 8), cujo objectivo era a descrição das práticas em que são utilizados os meios da Mediateca, conforme ficha entregue para o efeito. Foram verbalmente informados de que a descrição deveria referir-se a dez dias de aulas seguidos ou interpolados.

Não tendo sido previamente acordada com precisão uma data para a elaboração do Diário de Aula, tal facto conduziu a alguma dispersão no tempo de entrega, o qual foi prolongado para o primeiro mês do terceiro período lectivo, seguindo-se um questionário para aplicação junto dos seus alunos que incidia sobre a opinião destes acerca da utilização da Mediateca.

A construção do Diário foi para as professoras envolvidas, uma tarefa que se revestiu de alguma novidade, devido ao facto da não existência de hábitos e rotinas a este nível de realização de materiais, limitando-se os professores a pequenos registos aleatórios e não sistematizados das aprendizagens, atitudes e comportamentos dos seus alunos, sem referência a indicadores de auto-reflexão sobre as práticas e metodologias usadas.

Revelando-se uma tarefa complexa e difícil, que a investigadora teve de apoiar e clarificar de um modo abrangente e cauteloso, evitando sempre conduzir e orientar a sua forma final antes, pelo contrário, tentando que a personalidade dos participantes neste estudo se revelasse e que as suas práticas pessoais transparecessem nesse documento.

Ao entregarem o diário, manifestaram as dificuldades sentidas nesta tarefa, tendo protelado o seu início e referido, após dez dias de registo, os problemas de alteração de rotina e de tempo que foi necessário ultrapassar com este tipo de trabalho.

No entanto, foram unânimes em afirmar da sua pertinência e valor como instrumento de reflexão, registando as ocorrências mais significativas.

Após a leitura dos quatro diários de aula (anexos 11,12,13,14) a sua análise vem, de certo modo, confirmar os dados recolhidos nas entrevistas, especificar outros, embora pouco relevantes, que pouco acrescentam aos aspectos tratados na primeira parte da recolha de dados.

## **5.2 O Questionário aos Alunos**

O questionário foi respondido por todos os alunos das quatro professoras que constituem a amostra deste estudo. Seleccionaram-se

depois seis alunos de cada turma, de forma aleatória, sendo os questionários depois de distribuídos e preenchidos colocados pelos alunos sobre a mesa da professora.

Quando o último aluno concluiu o seu preenchimento e o entregou, procedeu-se à mistura dos questionários e o referido aluno retirou do conjunto, seis exemplares que iriam fazer parte da amostra. Esta operação repetiu-se em todas as turmas, com excepção da operação de preenchimento dos questionários na turma da professora do 1º ano, uma vez que estes alunos não dominam na totalidade as técnicas de leitura e escrita, tendo sido necessária a colaboração da investigadora e da professora da turma.

Os alunos gostaram de participar, tendo manifestado, também o desejo de representar a Mediateca sob a forma de desenho.

Através da leitura atenta dos questionários e da análise do seu conteúdo, pretendia-se conhecer e compreender o universo individual dos seis alunos de cada uma das quatro professoras participantes no estudo, enquanto utilizadores da Mediateca.

Neste sentido, e porque a preocupação principal desta investigação é a compreensão dos significados, isto é, o sentido que os alunos dos diferentes anos de escolaridade dão à utilização da Mediateca, optou-se por uma análise qualitativa dos questionários (Patton, 1980).

Também o facto de a amostra, abrangendo um universo de 24 alunos, 6 de cada uma das 4 turmas, não permitir do ponto de vista estatístico, conclusões generalizáveis e o facto de o questionário construído poder conduzir à diversidade de respostas, mais reforçavam a opção de se proceder a uma análise qualitativa.

### **5.3 A Entrevista de Aprofundamento aos Professores**

Durante a entrevista de aprofundamento foi evidente uma postura menos tensa das professoras, embora os resultados, de certo modo, não se afastassem dos dados obtidos durante a primeira entrevista, que confirmaram, com excepção da Professora do 2º ano que aprofundou mais as suas ideias e da Professora do 3º ano que, por razões de foro pessoal,

apresentava alguns sinais de instabilidade emocional que acabaram por prejudicar a sua disponibilidade e capacidade de expressão.

Depois de realizadas as quatro entrevistas de aprofundamento, procedeu-se, como na anterior, à análise de conteúdo, de acordo com as categorias previamente definidas.

Foram recolhidas informações através de vários instrumentos: entrevistas (1ª entrevista e entrevista de aprofundamento) e Diário de Aula junto dos professores. Foi ainda aplicado um questionário aos alunos. A diversidade de fontes, devido à natureza distinta dos instrumentos de recolha utilizados, proceder à triangulação metodológica (Cohen & Manion, 1990), o que nos possibilitará comprovar a validade dos resultados.

## 6. Análise de Dados

Esta investigação recolheu um conjunto significativo de dados. Por cada professora foi organizado um dossier contendo os dados recolhidos nos quais se incluíam as transcrições das entrevistas (1ª entrevista e entrevista de aprofundamento), o Diário de Aula e o questionário aos seis alunos. A estes elementos foi acrescentado tudo aquilo que dizia respeito a cada professora, nomeadamente os comentários da investigadora, as transcrições e análise de conteúdo das entrevistas, do Diário de Aula, os resultados do questionário aos alunos e as descrições dos “casos”.

Assim, depois de ler e analisar atentamente as transcrições e notas de campo, com a finalidade de fazer ressaltar os aspectos mais evidentes dos dados, foi possível identificar as unidades de sentido.

Na opinião de Erickson (1986), cit. por Michelle Lessard et al. (1990), para um investigador que se inscreva no paradigma interpretativo, as unidades de base construídas por indução analítica, correspondem quer a categorias de acção, quer a categorias de opinião.

Da análise da informação recolhida, foram construídas categorias de acordo com o objectivo do estudo e tendo em consideração a perspectiva e conhecimento da autora do estudo e os dados explicitados pelos participantes.

Na análise de conteúdo seguiu-se um processo indutivo. A partir das múltiplas leituras dos protocolos das entrevistas e do diário de aula as temáticas foram emergindo. Assim, os dados recolhidos, através da entrevistas, permitiram prosseguir os intentos do presente estudo, constituindo-se através da análise e interpretação, catorze categorias:

- Recursos mais utilizados;
- Recursos menos utilizados;
- Áreas privilegiadas;
- Contributo da Mediateca para a valorização pessoal e profissional;
- Utilização da Mediateca pelos quatro anos de escolaridade;
- A Mediateca como facilitadora de aprendizagem,
- Alunos que necessitam mais da Mediateca;
- Trabalhos dos alunos na Mediateca;
- Metodologias;
- Registo de utilização dos recursos e avaliação do aluno;
- A Mediateca e a individualização e diferenciação do ensino;
- O Impacte da Mediateca na Comunidade educativa;
- Recursos humanos na Mediateca, formação dos Professores que trabalham na Mediateca;
- Mediateca e Sociedade de Informação.

A fim de assegurar a validação das análises feitas e da própria categorização foi solicitado às entrevistadas que se pronunciassem sobre a representatividade das categorias da análise de conteúdo elaboradas e se nela sentiam as suas práticas incluídas.

A opinião geral foi positiva, considerando as Professoras nada haver a acrescentar e/ou discordar.

A partir da análise dos dados, foi elaborada uma estrutura, para abordagem do “caso”, onde se identificaram os aspectos relevantes a ter em conta na sua descrição. Esta estrutura incluía a apresentação da professora e as categorias atrás descritas.

A análise de conteúdo permite aprofundar o conhecimento das práticas das quatro professoras e compreender o seu pensamento enquanto indivíduos, em vez de nos cingirmos a uma preocupação de generalização (Zabalza, 1988).

A análise dos dados foi realizada professora a professora. O procedimento para as quatro professoras foi o mesmo, tendo sido seguida a mesma sequência e as mesmas tarefas. Esta estrutura serviu de apoio à descrição dos “casos”.

A análise dos dados relativa a cada professora iniciou-se, para cada um dos instrumentos de recolha de dados, com leituras integrais da informação recolhida. A partir destas leituras foram identificados e assinalados os dados que informavam directamente sobre cada um dos domínios acima referidos. Para cada domínio foram adoptados códigos com as iniciais correspondentes esses domínios. A análise, domínio a domínio, seguiu a ordem da estrutura elaborada para a análise de conteúdo, referente às informações recolhidas junto das professoras, através da 1ª entrevista e da entrevista de aprofundamento.

A análise de conteúdo dos diários foi feita com base nos seguintes domínios: recursos utilizados, áreas em que foram utilizados os recursos, organização da sala de aula e metodologias. As informações obtidas nestes domínios vieram completar domínios idênticos da estrutura elaborada para a descrição do “caso”.

Dentro de cada domínio foram seleccionados para cada professora os elementos mais significativos para eventual aplicação na descrição do “caso”.

No que respeita à informação recolhida através de questionário, junto dos alunos, foram feitas várias leituras, tendo sido seguido como domínios, as próprias questões (O que faço na Mediateca? O que eu gosto mais de fazer na Mediateca. O que eu gosto menos de fazer na Mediateca. Com os materiais da Mediateca o que faço na sala de aula? Sugestões de novas actividades e de novos materiais. O que deve ser modificado na Mediateca?).

Dentro de cada questão e devido à diversidade de itens em análise, optou-se pela elaboração de gráficos que sintetizam a informação recolhida.

Para a realização deste tipo de análise procedeu-se à organização sistemática das respostas, recorrendo-se à revisão da literatura para fundamentar aspectos teóricos dos procedimentos.

Após uma leitura por parte de cada professora do respectivo “caso” e considerados os comentários julgados pertinentes, efectuou-se uma

análise vertical do mesmo. Seguiu-se uma análise transversal de todos os “casos” que permitiu a organização da comparação e análise dos casos com base em pontos comuns e não comuns considerados relevantes.

Em toda a fase de análise dos dados foram tomadas em consideração as referências teóricas seleccionadas para fundamentar o desenvolvimento deste estudo.



## **CAPÍTULO IV**

### **APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS**



## Introdução

O resultado de um estudo de caso assume normalmente a forma de uma narrativa cujo objectivo é contar uma história que acrescente algo de significativo ao conhecimento existente e seja tanto possível interessante e elucidativa (Stake, 1981).

Assim, o produto final desta investigação é apresentado de uma forma descritiva e analítica. Não serão feitas generalizações, uma vez que não é essa a intenção deste tipo de estudo, mas tentar descrever e interpretar uma determinada situação com o propósito de conhecer melhor o fenómeno sob investigação. Assim, apresentam-se e analisam-se os dados recolhidos, relativamente às quatro professoras que constituem a amostra.

Segundo Erickson (1986), os materiais recolhidos, notas de campo, gravações, ou até mesmo transcrições de entrevistas, não constituem dados em si mesmo, mas tão só e apenas, materiais documentais a partir dos quais se constroem dados. Os materiais são ou não transformados em dados, consoante o interesse e a perspectiva do investigado.

O capítulo desenvolve-se em quatro pontos, descrevendo-se em cada um deles as práticas de cada das quatro professoras envolvidas no estudo. Cada uma das professoras lecciona um dos anos de escolaridade do 1º ciclo, do 1º ao 4º ano (Rosa, Carla, Elizabete e Marta).

Assim, com base em duas entrevistas individuais a cada uma das professoras (houve necessidade de uma segunda entrevista de aprofundamento) e no Diário de Aula, onde registaram a sua actividade lectiva ao longo de dez dias, descreve-se a utilização que estas professoras fazem da Mediateca, de acordo como as seguintes unidades de análise:

- Percurso profissional da professora;
- Recursos da Mediateca: os mais e os menos utilizados;
- As áreas privilegiadas na utilização;
- A utilização dos recursos pelos 4 anos de escolaridade;
- A Mediateca como facilitadora da aprendizagem;

- Alunos que necessitam mais da Mediateca;
- Trabalhos dos alunos na Mediateca;
- Metodologias desenvolvidas a partir dos recursos da Mediateca;
- Registo e avaliação das actividades desenvolvidas a partir dos recursos da Mediateca;
- A Mediateca- Individualização e diferenciação do ensino;
- O contributo da Mediateca para a valorização pessoal e profissional do professor;
- O impacte da Mediateca na Comunidade educativa, Encarregados de educação, outras escolas;
- Os recursos humanos da Mediateca;
- Necessidades de formação do professor responsável da Mediateca;
- A sociedade da informação e a Mediateca.

Para a descrição das práticas das professoras foram também considerados os dados recolhidos junto dos respectivos alunos, através de questionário sobre a Mediateca, no sentido de se verificar se estes confirmam e validam a informação recolhida junto das quatro professoras.

## 1. Rosa

A Professora do 1º ano, a quem chamamos Rosa, tem como formação académica o décimo segundo ano e o Curso do Magistério Primário de três anos, tendo terminado o curso no ano lectivo de 1986/1987.

A sua opção pela profissão de professor foi determinada, entre outros motivos, por uma perspectiva social, inicialmente vivida e sentida como contributo pessoal para o apoio e valorização do outro e de si mesma.

Lecciona há oito anos em escolas do 1º ciclo e no caso vertente da escola onde se realiza este estudo lecciona há três anos. Nunca tinha trabalhado anteriormente em escolas com Mediateca. Rosa é professora do quadro distrital de vinculação e mantém-se nesta Escola por opção e por se reconhecer na dinâmica e espírito de equipa existente.

Dos recursos da Mediateca é o computador aquele que mais utiliza, tendo em conta a sua capacidade de motivação relativamente aos alunos. No entanto, também o uso do vídeo é privilegiado, conforme refere no início da sua entrevista:

“o recurso ao vídeo, também é muito bom, os miúdos vibram muito quando vão ver um vídeo, normalmente gostam muito de histórias nesta fase, (...) também é muito bom não ser só o livro, (...) contactarem com coisas diferentes, eles adoram (...).”

( 1ª Entrevista )

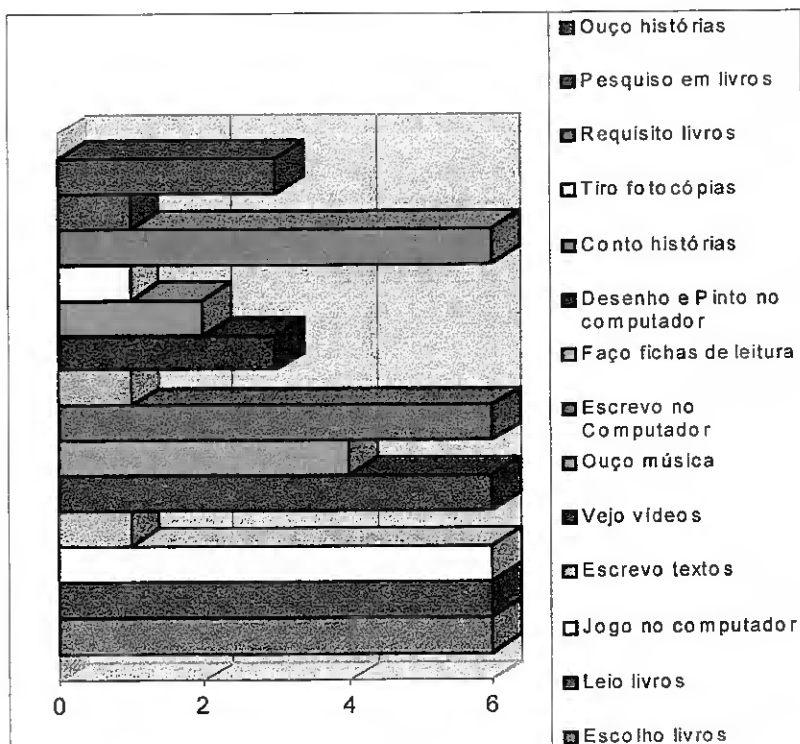
Na descrição das suas práticas no Diário de Aula, Rosa refere a utilização de:

“Vídeo, computador, televisor, calculadora multibásica, ábaco, material “cuisenaire”, dominó das somas e diferenças, livros, enciclopédia, terrário (...)”

(Diário de Aula)

Esta utilização dos materiais da Mediateca é comprovada pelos seis alunos desta professora que fazem parte da amostra, de acordo com a síntese gráfica (Gráfico 1 ) referente à questão: O que faço na Mediateca?

Gráfico 1  
O Que Faço na Mediateca?

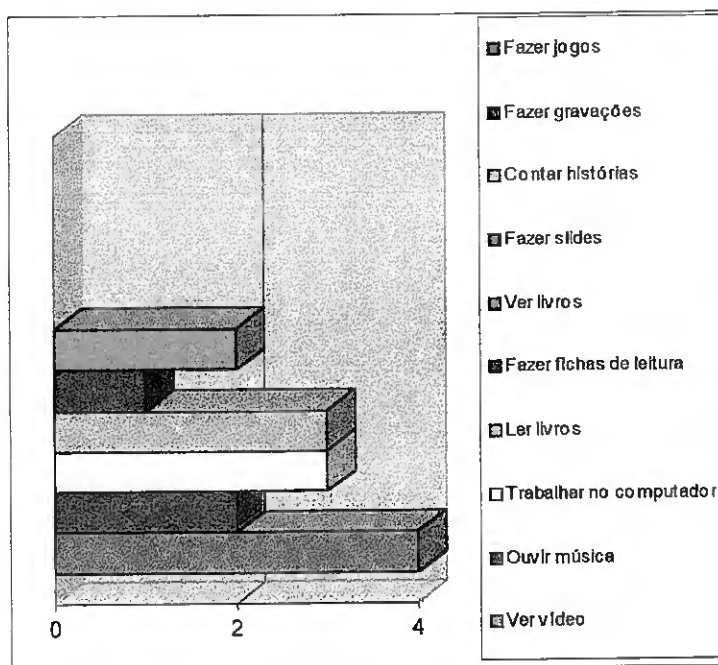


A análise cruzada dos dados sugere a utilização da informação em suporte vídeo, informático e livro por parte da generalidade dos alunos.

No entanto, no que diz respeito às suas preferências “O que gosto mais de fazer na Mediateca”, há uma nítida escolha do vídeo logo seguido do computador e dos livros, que são escolhidos pelo mesmo número de alunos (Gráfico 2).

Relativamente aos recursos de que menos gostam, um terço dos alunos não manifestou qualquer opinião e apenas dois alunos se referiram à consulta de livros e a desenhar e um ao vídeo. Ao comparar as respostas às duas questões nota-se que se contrariam em relação aos livros e ao vídeo.

Gráfico 2  
O Que Eu Gosto Mais de Fazer na Mediateca?



Rosa encara a Mediateca como um complemento das várias áreas do currículo e como facilitadora da diversificação dos meios de ensino, sendo a Língua Portuguesa a área que mais desenvolve a partir dos recursos da Mediateca. Considera também que a utilização da Mediateca

incute hábitos de trabalho e de descoberta nos alunos, como é referido no decorrer da entrevista:

“(...) a Mediateca é (um recurso) óptimo, porque é um complemento do que se faz, sobretudo na Língua Portuguesa, desenvolve bastante a oralidade, (...) os miúdos gostam imenso, o fruir, o manusear, o tocar no livro e estimulamos o gosto do livro, a amar o livro, a ter respeito, até porque depois são inculcadas as regras de responsabilização, de limpeza, o não riscar, o respeito (...)”  
(1ª Entrevista)

A importância que confere à área da Língua Portuguesa como lugar central e de interligação com outras áreas do Currículo está bem patente quando afirma:

“Privilegio três áreas: a Matemática, a Língua Portuguesa e o Estudo do Meio, mas eu acho que a Língua Portuguesa e o Estudo do Meio andam sempre tão ligadas, tão ligadas, que a pessoa não sabe onde começa uma e acaba a outra (...) vai tudo bater à Língua Portuguesa, (...) para interpretar um problema, para inventar um problema está a fazer Língua Portuguesa.(...)”  
(1ªEntrevista)

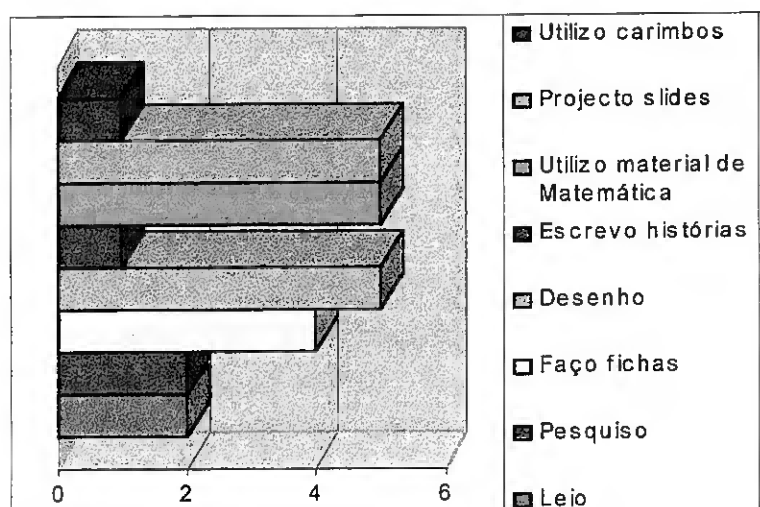
Verifica-se que há uma utilização diversificada dos materiais da Mediateca, nas diferentes áreas nas respostas dadas pelos alunos ao responderem à pergunta: Com os materiais da Mediateca o que faço na sala de aula? Pode-se verificar que as actividades que na sala de aula

utilizam materiais da Mediateca são de todas as áreas, desde a Língua Portuguesa à Matemática, passando também pela Expressão e Educação Plástica (Gráfico 3). No entanto, é de salientar que, dentro destas áreas, as actividades desenvolvidas com esses materiais pressupõem um processo activo e motivante de ensino/aprendizagem que dificilmente será esquecido, tornando-se desse modo num sistema que facilita as futuras e novas aprendizagens.

Também é de referir que das oito actividades apontadas pelos alunos, quatro estão relacionadas com a Língua Portuguesa, o que demonstra bem a importância que esta área tem e a valorização que o professor atribui tanto à leitura, como à escrita, tanto mais que se trata de alunos de 1º ano, em início de aprendizagem nesta área, fundamental para o futuro de cada aluno.

Gráfico 3

Com os Materiais da Mediateca o que faço na Sala de Aula?



Outra vertente que transparece do seu discurso é a valorização do livro, não como único recurso, mas como um dos mais importantes instrumentos de trabalho das várias componentes que rodeiam a sua utilização, transformando-o em núcleo central da aprendizagem da Língua Portuguesa:

“É a Mediateca em tudo o que se refere ao livro, desde a sua requisição, manuseamento e as fichinhas. Eles têm que desenhar e dizer o que sentiram, o que gostaram (...) eu acho que trabalhando a Língua Portuguesa, o livro, os outros meios para além do livro, tudo isso está muito ligado à Língua Portuguesa, e por isso eu colocava-a ao meio e as outras (áreas) à volta (...).” (1ª Entrevista)

Recorre à Mediateca interiorizando-a como complemento natural e prático para a sua valorização pessoal e profissional e como auxiliar da planificação e preparação das próprias aulas:

“eu recorro ao livro, porque posso requisitar e ler livros o mesmo se passando com o vídeo (...), mas é ao livro que recorro para executar fichas de trabalho(...). Uma vez que nós não temos turmas homogéneas, às vezes são mesmo muito heterogéneas, e temos de diversificar um bocadinho as actividades e ir ao encontro das necessidades das crianças (...) faço muitas montagens, ampliações, etc. A fotocopiadora tem dado muito jeito.”

(1ª Entrevista)

A utilização dos recursos da Mediateca é assim encarada com naturalidade e estímulo, ressaltando-se no entanto a sua adaptação a critérios de selecção, tendo em atenção o nível etário e curricular da turma em concreto:

“Eu acho que se podem utilizar os mesmos recursos do 1º ano ao 4º ano, tendo no entanto cuidado com os níveis de (...) vocabulário, os miúdos do 1º ano têm um vocabulário diferente, competindo ao professor descodificar um pouco esse vocabulário (...). Pode-se fazer o mesmo, mas de uma maneira mais sintética, adaptando-o no sentido de uma melhor percepção por parte dos alunos.”

(1ªEntrevista )

Os trabalhos desenvolvidos a partir dos recursos da Mediateca são considerados como facilitadores de aprendizagem, a partir da simulação das situações e problemas reais e do confronto criativo e projecção pessoal dos alunos na sua resolução e superação:

“(...) eles aprendem a trabalhar, pois considero importante não só o saber teórico, mas também o lado quotidiano e prático da vida. O saber consultar um horário, saber preencher documentos, essas coisas do quotidiano que as pessoas devem ser capazes de fazer autonomamente, sem andar a pedir (...).

(1ª Entrevista)

Considera a Mediateca como uma estrutura simplificadora das várias estratégias de trabalho, a nível da pesquisa individualizada ou em grupo, proporcionando desse modo autonomia e desenvolvendo a capacidade de expressão.

“Essas pesquisas, umas vezes de forma autónoma, outras vezes em grupo (...) é possível que eles consigam uma certa autonomia (...) e mais tarde sejam “desenrascados” e criem uma certa desenvoltura e liberdade de mexer, de ver, de procurar, de pesquisar, de socialização, do estar com o outro e de trabalhar em grupo”

(1ª Entrevista)

Também refere que o desenvolvimento deste trabalho favorece e contribui necessariamente para uma futura socialização, factor determinante para a intervenção, baseada no desenvolvimento pessoal, na expressão das ideias de forma crítica e progressivamente estruturada e construída.

“(...).Para a criança ir ficando cada vez mais autónoma para num futuro próximo (...) para eles se informarem, criarem hábitos de autonomia e espírito crítico, (...) saber dar a sua opinião, fomentar o seu saber, ter a consciência das coisas, liberdade para se expressar (...).”

(1ªEntrevista)

No decorrer da Entrevista, Rosa mostra que valoriza a aquisição de conteúdos feita pelos alunos, estabelece como fundamental e prioritário o

desenvolvimento de hábitos de trabalho como antecâmara do processo de pesquisa de informação e de aprendizagem:

“(...) as duas coisas são muito importantes, os conteúdos e os hábitos de trabalho, mas se não existissem hábitos de trabalho (...) chegaria aos conteúdos. Os hábitos de trabalho são importantíssimos.” ( 1ª Entrevista )

Ao referir-se aos alunos com mais dificuldades da sua turma e à forma de as superar que relaciona com os métodos de trabalho na sala de aula e na Mediateca, Rosa considera os recursos existentes como mais adequados e motivantes, sobretudo para os alunos com dificuldades económicas e culturais, oriundos de um universo material e cultural onde a riqueza dos mesmos e a sua diversidade é reduzida:

“(...) os miúdos mais carenciados (...) em termos económicos ou em termos culturais (...) não têm esses recursos em casa (...) penso que os materiais para esses miúdos, (...) são uma novidade que eles nunca viram, o próprio contacto físico (...). Eles costumam dizer que a escola é bela, já ouvi alguém dizer que a Escola é bonita, que é muito boa, que está muito bem apetrechada e que tem coisas muito interessantes Os miúdos gostam muito da escola.” (1ª Entrevista)

Reconhece os benefícios que a Escola pode oferecer.

“Eles vêem coisas interessantes na Escola. A escola cativa, os miúdos e sobretudo aqueles miúdos que têm menos, se calhar sentem-se mais, muito mais motivados (...)”  
(1ªEntrevista)

Com os alunos que apresentam mais dificuldade, Rosa desenvolve um trabalho apoiado numa programação diferente, diversificando as formas de abordagem pedagógica, apoiando individualmente o aluno que mais necessitar, desenvolvendo trabalho em grupos pequenos ou em grande grupo, quando tal se revele necessário para manter a unidade da turma e desenvolver o espírito de grupo.

Desenvolve com os alunos uma avaliação formativa de modo a analisar e a reformular estratégias, tentando assim corresponder às suas necessidades dos alunos e à superação das dificuldades surgidas.

“(...) normalmente quando detecto alunos que têm mais dificuldades (...) tento agrupá-los de modo a poder dar um apoio o mais efectivo possível (...) o que não quer dizer que não haja momentos em que as crianças façam um trabalho todo em conjunto, por exemplo no Estudo do Meio, nas experiências, ou nas áreas de Expressão. Normalmente onde há (assim) mais dificuldade é na Língua Portuguesa e quando isso é detectado, é feito um grupo e é feito um trabalho com uma programação mais especial para esses alunos (...) para dar um bocadinho mais de resposta (...) porque a pessoa nunca sabe até que ponto poderá realmente colmatar essa dificuldade, mas tenta especificar um trabalho para ver se vai superando essas dificuldades.”

(Entrevista de Aprofundamento)

Procura detectar as dificuldades dos alunos para o que recorre à avaliação formativa.

“Para detectarmos as dificuldades normalmente é feita uma avaliação formativa e um registo das actividades ao longo do tempo e assim, vai-se detectando que há diversidade de capacidades entre as crianças, que há disparidade de conhecimentos entre eles (...)”

(Entrevista de Aprofundamento)

Em anos anteriores, os alunos de Rosa ofereceram trabalhos à Mediateca. No presente, com um 1º ano de escolaridade, as produções ainda são diminutas, mas já participaram nessa entrega. Este aspecto é considerado motivante, sendo estimulada esta perspectiva de produção pessoal como critério estruturante da formação do aluno:

“O objectivo de colocar os trabalhos dos alunos na Mediateca é para enriquece-la e dar um contributo pessoal .Eles gostam de ver os seus trabalhos na Mediateca: - Olha, afinal eu já contribuí, afinal eu não sou tão pequeno como isso, já contribuí para a Mediateca ficar mais rica com um trabalho meu, afinal também posso ser um autor (...) como os outros autores grandes que se vêem na televisão.” (1ª Entrevista)

Para além desta motivação e interesse, a valorização dada aos trabalhos dos alunos também é considerado por esta professora como um factor importante no percurso do desenvolvimento pessoal de cada aluno.

A selecção dos trabalhos para o espólio da Mediateca é feita democraticamente pelos alunos de uma forma participada segundo regras definidas na sala de aula.

“Estes trabalhos são úteis sobretudo para estimular o crescimento do próprio e dos outros (...). Normalmente a selecção dos trabalhos, são eles que gostam de escolher, eles gostam de seleccionar, gostam muito de serem eles a fazer (...) são muito críticos, mesmo pequeninos.”

(1ªEntrevista )

Procurando estimular uma forte motivação dos alunos e numa perspectiva diversificada, o trabalho desenvolvido com a turma não é igual para todos:

“Tento dar a maior atenção a todos, mas dou mais a quem precisa mais, a esses grupos que sinto que têm mais dificuldades. Tento fazer grupos para poder desdobrar-me, se assim posso dizer, desdobrar-me para dar mais apoio a essas crianças, sem me esquecer das outras, não é?”

(1ª Entrevista)

Apesar das dificuldades sentidas na gestão dos apoios, Rosa acredita na opção pedagógica da diversificação e da diferenciação:

“ Isto às vezes é o cabo dos trabalhos, querer desdobrar-me e às vezes não conseguir chegar a toda a gente, todos querem ao mesmo tempo e às vezes é um problema (...) tento todos os dias chegar mais um bocadinho a cada um dos que têm mais dificuldades. Enquanto os outros têm tarefas sugeridas, ou tarefas autónomas onde eles próprios acabam o trabalho e vão para os tais cantinhos, (ou vão ler, ou vão jogar, ou vão fazer qualquer outra coisa), segundo regras (...)

(1ªEntrevista )

Com a diversificação procura responder à heterogeneidade da turma e ao ritmo pessoal da criança.

“Esses alunos têm que ter trabalhos mais diversificados (...) por exemplo: o ficheiro, (...), o cantinho da biblioteca quando eles já estavam cansados (... ). O ir à Mediateca: o computador, o escrever no computador também ajudou bastante. É o diversificar para não estar sempre com a mesma estratégia. Fizeram um trabalho nem sempre com o professor ali ao pé, mas também eles próprios fizeram pesquisa para ganhar gosto e autonomia e mostrar depois aos outros que também são capazes de realizar alguma coisa por eles próprios.” (Entrevista de Aprofundamento)

A diversificação aparece logo quando planeia as actividades para os diferentes alunos, quer para os que têm mais dificuldades quer para os que são mais autónomos.

“ A programação dentro da sala de aula é diferente tem que se programar para uns alunos uma actividade, para os alunos com mais dificuldades, outra (...) para poder haver um momento em que possa estar com esse grupo um bocadinho porque o professor não pode estar o dia todo só com o grupo que tem mais dificuldades.

Normalmente fazem ao mesmo tempo Língua Portuguesa, mas as actividades são diferentes.”

(Entrevista de Aprofundamento)

Rosa desenvolve um trabalho diferenciado e diversificado, indo ao encontro das necessidades e dos interesses dos alunos e procura simultaneamente desenvolver trabalho directo e indirecto, de forma a que os menos autónomos e com mais dificuldades sejam objecto de um apoio mais direccionado, enquanto os outros desenvolvem trabalho autónomo, como seja o pesquisar em livros ou no computador, ou mesmo recorrer à utilização de ficheiros auto-correctivos.

“Para os alunos que têm mais dificuldades são feitas programações específicas, de modo a que haja tempo para estar com eles e de modo a que as outras actividades para o resto da turma (...) me proporcionem a mim um certo tempo para poder trabalhar com esses meninos com mais problemas. Assim as actividades para uns terão de ser actividades em que eles são autónomos, actividades que eles possam realizar com a ajuda de ficheiros auto-correctivos, trabalho que me liberte para eu poder ficar com os outros. Os alunos com mais dificuldades em Língua Portuguesa fazem trabalho de texto um pouco diferente do dos outros, porque a caminhada é diferente.” (Entrevista de Aprofundamento)

A diversidade abrange todas as áreas, sendo o aproveitamento dos saberes específicos e dos contextos culturais dos alunos outro recurso a considerar na diferenciação das actividades, não apenas para os alunos com dificuldades de aprendizagem, mas também para promover a integração de origens culturais diferentes, como é o caso dos alunos de etnia cigana a que se refere no Diário de Aula. Aí procura valorizar os saberes dos alunos e partir deles para outras aprendizagens :

“O Helder e a Inês fizeram pesquisas e trouxeram caracóis, o Vasco e a Margarida (meninos de etnia cigana), sabiam muitas coisas sobre a vida dos caracóis. (etapas de crescimento através das suas argolinhas existentes na casca, etc....)

Um grupo ficou com a tarefa de cuidar dos caracóis e outro grupo foi pesquisar no livro “A minha primeira Enciclopédia ” sobre caracóis e lesmas; enquanto outro grupo fazia o desenho dos nossos caracóis e do nosso terrário. Ficou dito que estes compromissos eram rotativos, caso contrário não era bem aceite.”

(Diário de Aula)

A frequência de utilização da Mediateca é assinalada em registo próprio, afixado na sala de aula e autonomamente preenchido pelos alunos. No que se refere à avaliação das práticas, em que se utilizam recursos da Mediateca, a avaliação é feita pelo professor, registada por ele e é parte integrante da avaliação global dos alunos:

“Na avaliação global do aluno há sempre reflexo das actividades em que foram utilizados os recursos da Mediateca; é uma coisa que se fez, tem sempre reflexo e tem que ser avaliado,(...).Não há na avaliação um item sobre a Mediateca, se gostou ou não da Mediateca, não é assim. Há uma globalidade, vê-se em termos de Língua Portuguesa se gostou, se leu o livro, se o manuseou. Quando se diz livro, está-se a pensar no livro que há na sala e na Mediateca, quando se diz, esteve atento, participou oralmente, está-se a pensar não só na oralidade, na sala, mas naquilo que em que colabora na Mediateca, se mostrou interesse, se fez trabalhos, se não fez. Em todas as áreas está implícito o trabalho com os recursos da Mediateca e assim está-se sempre a avaliar a sua utilização.” (1ªEntrevista)

É referido por Rosa o recurso aos materiais da Mediateca, procurando registar a sua utilização em todas as áreas curriculares.

Confirma esse registo na entrevista de aprofundamento, ao afirmar:

“Normalmente nas actividades em que utilizo a Mediateca as actividades são registadas (...) porque em todas as áreas precisamos de material que vamos requisitar à Mediateca (...) porque não se trabalha só com o que está na sala de aula, é preciso recorrer à Mediateca.”

(Entrevista de Aprofundamento)

A Mediateca introduziu factores de complementaridade assinaláveis no processo de ensino/aprendizagem ao diversificar as actividades e meios disponíveis.

“Eu acho que o que se valoriza mais na Mediateca (para a avaliação) é a oralidade, o poder de desinibir-se (...) Eu acho que na Mediateca é importante o ouvir histórias, recontar, o ter que registar aquilo que mais gostou do livro. Estou a falar em termos do 1º ano. Porque as crianças no princípio tinham dificuldades a esse nível, isso permitiu o uso do gravador, da audição de histórias, o ver filmes, o escrever o seu próprio texto no computador, isso criou uma certa autonomia e responsabilidade e motivou e criou interesse para depois poder desenvolver e aceitar melhor as actividades propostas na sala de aula (...) “

(Entrevista de Aprofundamento)

Os alunos integram na própria auto-avaliação os trabalhos realizados a partir dos recursos daquela estrutura educativa:

“Na organização da sala de aula diariamente fazemos o plano do dia logo que entramos, fazemos a planificação do que vai acontecer ao longo do dia e no final de cada dia faz-se o balanço das actividades que se desenvolveram, há assim uma mini-avaliação. Não sei se pode dizer assim? Normalmente eles registam o que gostaram mais ou menos e até no diário da turma vão lá registar o que acharam do dia e os que não sabem escrever registam com uma cruzinha. “

(Entrevista de Aprofundamento)

Embora sem grande rigidez, o conceito de avaliação é introduzido como elemento de valorização de todo o trabalho globalmente considerado e não apenas de aspectos pontuais do processo de aprendizagem:

“No meu registo de avaliação não é assim, faço os meus registos um pouco libertinos e normalmente por baixo da planificação. Registo aquilo que é mais importante para cada aluno, no aspecto da responsabilidade, da autonomia, do interesse e da motivação (...). Eu noto que desde o princípio do ano estas atitudes que valorizo têm contribuído para desenvolver as aprendizagens, para eles próprios tomarem conhecimento de que os registos não são sempre iguais, pois sempre que se adquiriu uma capacidade, o registo reflecte isso e os registos evoluem de acordo com as capacidades que ia sendo necessário adquirir. A avaliação trimestral no fundo é a síntese destes pequenos registos.”

(Entrevista de Aprofundamento)

A importância do registo é ainda realçada quando diz:

“ Eu registo tudo o que cada um diz. Para que se apercebam o quanto é importante o que dizem.”

(Diário de Aula)

O reflexo e o impacto positivo da Mediateca, quer na Comunidade Escolar, quer em outras Escolas, é referido por Rosa que a considera um elemento significativo da própria identidade da Escola no quadro do território escolar onde se situa:

“ (...) os Pais acham que a escola está bem apetrechada, que é uma escola com um bom recheio, gostam muito, acham que é edificante e que pode instruir mais os filhos deles (...) recursos que outras escolas não têm.

Eu do que me tenho apercebido, acho que todos dizem que é para beneficiar e é para enriquecimento cultural e pessoal e (que) é importante. Alguns até comparam com as outras escolas particulares que têm mais coisas, mas que são pagas.

(...) já o facto de ter determinados recursos é um estímulo para todos, tanto para os pais como para os colegas.”  
(1ªEntrevista)

A questão de pessoal próprio, colocado na Mediateca é considerado como um factor facilitador da organização dos recursos e uma importante conquista na gestão do pessoal:

“Se não houvesse ninguém na Mediateca seria talvez uma anarquia, um sítio desorganizado e pouco atractivo (...)”.  
(1ªEntrevista)

No entanto, quanto à formação do pessoal para desenvolver actividades na Mediateca, valoriza mais a formação pedagógica do que a técnica:

“Muitas vezes essas pessoas são muito boas naquilo que fazem, mas é num determinado ramo de actividade, por exemplo um técnico de informática poderá não saber lidar com crianças, (...) Eu valorizo mais um colega apetrechado pedagogicamente ” (1ªEntrevista )

Quanto à sua própria formação refere necessidades e apetências nas tecnologias e na pré-disposição para a inovação:

“Mais formação em computadores, (...) naquelas coisas mais inovadoras, mais recentes (...) e não estar de pé atrás. Se calhar não sei lidar com aquilo (com a novidade) e na nossa mente, é um preconceito.”

(1ªEntrevista)

Afirma que a aprendizagem passa pela formação contínua e pelo permanente diagnóstico de necessidades e procura da formação que as satisfaça.

“Eu acho que as pessoas devem (...) autoformar constantemente (...) acho é que as pessoas devem ir ao encontro daquilo que estão a fazer no momento e ao

encontro das suas necessidades, tal como nós também defendemos isso para os nossos meninos ir ao encontro das necessidades deles.” (1ªEntrevista)

Valoriza a Escola onde trabalha por considerar que o Projecto da Mediateca poderá contribuir para a auto-formação dos Professores:

“a Mediateca deve acompanhar a evolução e os interesses de momento nas escolas.(...) a escola tem que andar sempre a par e passo (com a sociedade) e como tem Mediateca não pode ficar desactualizada, tem que estimular novos projectos.”

(1ªEntrevista )

**Síntese** – Rosa tem como formação académica o Curso do Magistério Primário, terminado no ano lectivo de 1986/1987, a sua opção pela profissão docente ficou a dever-se essencialmente ao carácter social da profissão, sentida como um apoio à valorização do outro e um contributo para o seu desenvolvimento pessoal e relacional.

Tem 8 anos de serviço lectivo e na escola objecto deste estudo, lecciona há três anos.

Rosa está vinculada a esta escola por opção, pois embora pudesse estar colocada numa escola mais próximo da sua residência prefere manter-se nesta situação pelos aspectos relacionados com a dinâmica, espírito de equipa e recursos que a escola possui, na sua opinião.

Iniciou actividades lectivas, nesta escola, já com a Mediateca em funcionamento e utiliza os seus vários suportes, privilegiando mais o computador e o vídeo. Justifica esta atitude por considerá-los bastante motivantes para os alunos. Utiliza menos o retroprojector, por razões que se prendem mais com aspectos logísticos de disponibilidade e de

deslocação para a sala de aula e não por considerá-lo menos apelativo que os outros.

A Mediateca, para Rosa, é como um complemento às várias áreas do currículo, facilitando a diversificação de meios de ensino e passível de permitir o seu uso em todas elas.

É no entanto a Língua Portuguesa a área que desenvolve mais com os recursos da Mediateca à sua disposição.

Outras vertentes da utilização e diversificação dos recursos, segundo Rosa, são o desenvolvimento de hábitos de trabalho, do sentido da descoberta e da aquisição de competências e conhecimentos.

Para esta professora, a Língua Portuguesa é central em relação a todo o currículo, isto é, percorre transversalmente todas as áreas, não se podendo desligar e autonomizar destas, o mesmo acontecendo com a aquisição de hábitos de trabalho, também eles transversais dessas mesmas áreas.

Rosa considera importante desenvolver e incentivar o gosto pelo livro e pela leitura, diversificando para tanto os manuais, os suportes e as fontes de conhecimento.

Para esta Professora as práticas da Mediateca já estão de tal forma interiorizadas que as considera como um complemento natural para as suas práticas da sala de aula, para a sua valorização pessoal e profissional, partindo dos recursos daquela estrutura para apoiar a sua programação e preparação lectiva.

De um modo geral procura adaptar os recursos utilizados às características dos seus alunos, tanto ao seu nível etário, como às suas capacidades e interesses, em articulação com os conteúdos curriculares.

Considera a Mediateca um instrumento diversificador de estratégias, da individualização do ensino, do trabalho de grupo, do desenvolvimento da autonomia e da capacidade de expressão.

Também refere o contributo da Mediateca como sistema facilitador de socialização, do enriquecimento de ideias, de expressão e comunicação dessas ideias, do desenvolvimento do espírito crítico e fundamentalmente na construção dos próprios saberes e conhecimentos através do trabalho de pesquisa.

Para os alunos com mais dificuldades, quer por serem oriundos de meios sócio-económicos e culturais débeis, quer por terem problemas

emocionais e físicos, a riqueza qualitativa dos recursos da Mediateca favorece as suas aprendizagens, complementada com os métodos activos de trabalho.

Baseada numa avaliação formativa, Rosa desenvolve um trabalho apoiado numa programação diferenciada de acordo com os alunos e diversificando as formas de abordagem pedagógica, apoiando individualmente o aluno que mais necessita. O trabalho poderá ser desenvolvido em pequeno ou grande grupo, evitando sempre perder-se a unidade da turma.

Os alunos de Rosa integram na própria auto-avaliação a utilização e os trabalhos realizados com os recursos da Mediateca. Esta professora privilegia neste trabalho os seguintes indicadores: a responsabilidade, a autonomia, o interesse, a utilização dos diversos recursos, a capacidade de ouvir, recontar, a oralidade, pois trata-se de um 1º ano.

No caso da turma de Rosa, onde coexistem alunos de diversas culturas, procura valorizar os saberes dos alunos e partir deles para outras aprendizagens.

Ao desenvolver um trabalho diferenciado e diversificado procura ir ao encontro dos interesses dos alunos e para isso desenvolve trabalho directo e indirecto com estes conforme o seu grau de autonomia .

Igualmente considera Rosa que a Mediateca, exerce uma influência positiva na própria Comunidade Educativa, reforçando a sua autoestima.

Defende a existência de um professor na Mediateca, pois considera ser isso mais adequado à organização dos materiais e recursos do que o recrutamento de um técnico, pois considera que é mais importante a visão pedagógica na adaptabilidade e dinamização dos meios relativamente ao escalão etário dos alunos e aos seus interesses.

No tocante à sua própria capacidade e formação para desempenhar funções na Mediateca, considera necessitar de aprofundar ainda alguns aspectos ligados às tecnologias da informação.

Sente necessidade de uma formação contínua nessas áreas para poder acompanhar as exigências profissionais e reconhece na Mediateca um bom caminho e alternativa para a auto-formação dos Professores, desde que esta se mantenha sempre actualizada de forma a acompanhar a sociedade e as suas aspirações.



## 2. Carla

Carla pertence ao Quadro Geral de Professores e justifica a escolha pela profissão com o apreço que manifestou desde cedo pelas crianças, por considerar gratificante o contacto relacional com elas. O facto de ter havido na sua família três tios professores contribuiu necessariamente para a interiorização e reforço dessa sua tendência.

Tem 26 anos de serviço lectivo e tem-se mantido nesta Escola há 15 anos, porque considera existir uma boa relação entre os colegas e pessoalmente ter-se habituado a esta tipologia de escola de área aberta (tipo P3). Um conjunto crescente de apoios e projectos nela desenvolvidos para melhoria das aprendizagens - Mediateca, Cantina, Ocupação de Tempos Livres, Integração no Território Educativo de Intervenção Prioritária, aulas de Inglês, expressão e educação físico-motora, expressão e educação musical, com professores especializados - mais reforçou esta sua opção de permanência nesta Escola.

Carla, no que concerne à utilização dos recursos da Mediateca, utiliza mais os relacionados com o sector da biblioteca, quer quanto a actividades programadas pela colega responsável pela Mediateca, quer quanto a actividades originadas na sala de aula, as quais são ponto de partida e/ou chegada para as aprendizagens que os diversos grupos, organizados na turma têm que realizar. Deste modo, na descrição das actividades em que utiliza os recursos da Mediateca, Carla refere-se precisamente a algumas actividades em colaboração com a professora da Mediateca e os seus alunos:

“Na Biblioteca, os alunos foram distribuídos por dois grupos de quatro. Uns, entregaram os livros que estiveram em seu poder, durante uma semana; outros, requisitaram.

O trabalho de biblioteca, iniciou-se com o grupo que devolveu os livros.

1º.- Cada aluno entregou a ficha de leitura, que foi preenchida em casa, depois de lido o livro.

- 2º.- Individualmente, todos os alunos contaram aos colegas presentes, aquilo que leram (há alunos que o fizeram pormenorizadamente, outros contaram duma forma tão diferente que alteraram a imaginação do autor).
- 3º.- Depois, seguiu-se o momento das perguntas. Estas foram colocadas, quer pela professora, quer pelos colegas/ouvintes.

A Segunda fase do trabalho de biblioteca foi feita com o grupo de alunos que requisitou livros.

- 1º.- Livrementemente, os alunos dirigiram-se às prateleiras e, consoante os temas, escolheram o livro que queriam.
- 2º.- Depois de escolhido o livro, a professora registou, na ficha de cada aluno, o título do livro e a data da entrega.
- 3º.- A cada aluno, foi entregue uma ficha que será preenchida após a leitura do livro. Esta será entregue, com o livro, na semana seguinte.”

(Diário de Aula)

São igualmente referenciadas actividades da iniciativa da turma, do professor ou dos alunos com o apoio dos recursos da Mediateca:

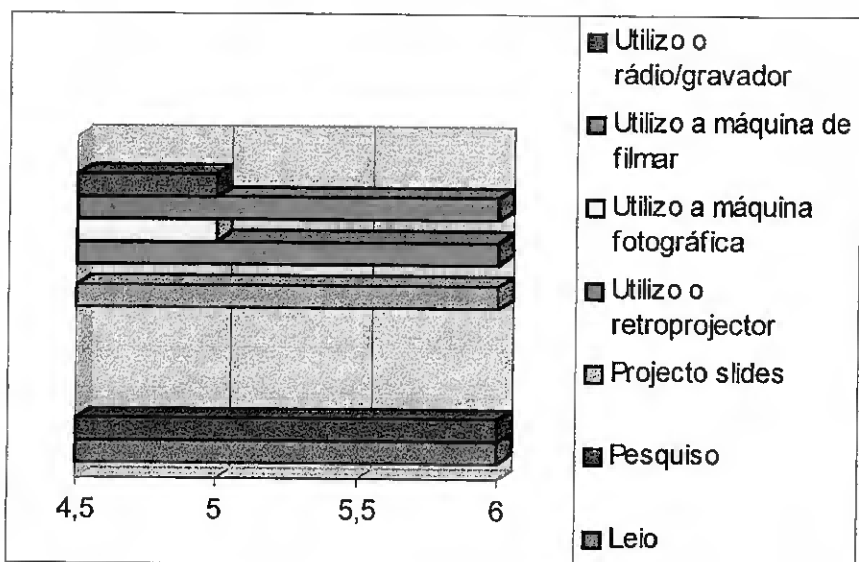
‘Na biblioteca da escola, fizeram uma pesquisa, recolha e organização de adivinhas, lengalengas e provérbios, alusivos ao tema : “Seres Vivos” (grupo de alunos).  
Apresentaram o trabalho aos restantes alunos.’

(Diário de Aula)

A Videoteca também é referida como um dos recursos mais utilizados, o qual ao ser utilizado envolve toda a turma em grande grupo e é empregue como fonte de documentação, para aprofundar uma noção ou como factor de motivação para temáticas de adesão mais problemática ou

Gráfico 5

Com os Materiais da Mediateca o que Faço na Sala de Aula?



Em relação aos recursos menos utilizados, esta professora refere o trabalho de computador, atribuindo este facto ao deficiente nível de conhecimentos de informática. No entanto, os seus alunos não estão privados da sua utilização porque contam com o apoio complementar da professora da Mediateca para as actividades relacionadas com a informática.

Sendo o uso do computador uma limitação para este professor, tal situação não o inibe de desenvolver e apoiar actividades recorrendo ao computador, que não constitui uma limitação para os seus alunos, uma vez que a totalidade utiliza o computador para a expressão escrita, gráfica e plástica, manifestando o desejo de aquisição de mais computadores para a Escola.

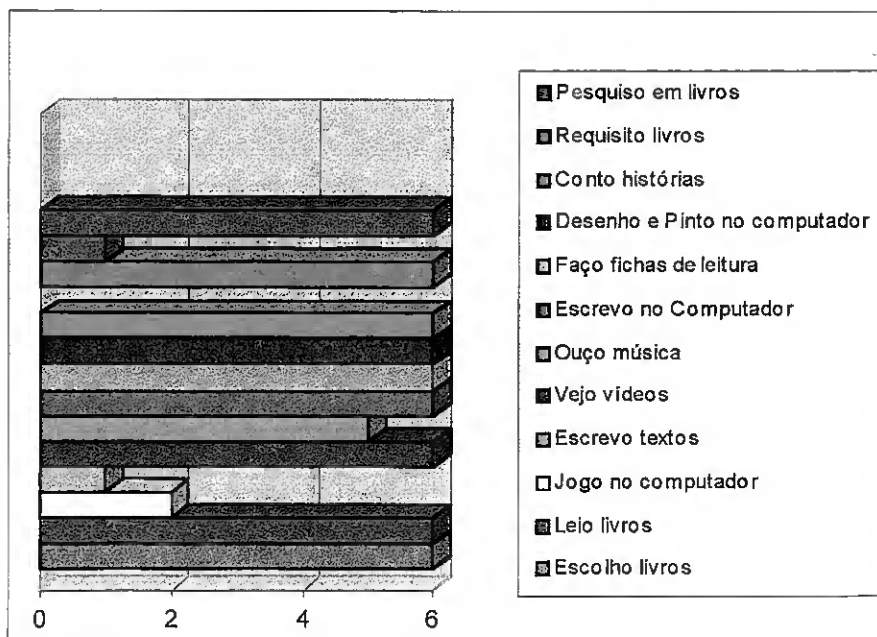
Para esta professora, as áreas privilegiadas na utilização dos recursos da Mediateca são fundamentalmente a Língua Portuguesa e o Estudo do Meio, considerando aquela uma área de preparação básica e o livro um recurso através do qual é necessário desenvolver a descoberta, o interesse e o prazer da leitura no interior e no exterior da escola, tal como afirma na entrevista:

difícil por parte da maioria da turma. Surge então o vídeo, como recurso potenciador dessa motivação. Deve-se sublinhar, a partir do que esta Professora afirma, que a utilização deste recurso é feita através de vídeos recreativos, documentais ou mesmo vídeos produzidos pela turma, como seja o caso, por exemplo, de uma visita de estudo, a qual é objecto de tomada de imagens, sendo estas posteriormente exploradas e analisadas através do vídeo.

Ao confrontar estes dados com os que foram recolhidos junto dos seus alunos (Gráficos 4 e 5), pode-se afirmar que as actividades relacionadas com a Biblioteca têm uma grande aceitação junto dos mesmos, como seja, a requisição de livros, leitura, fichas de leitura e todas as actividades relacionadas com a pesquisa e visionamento de vídeos, como se pode inferir dos gráficos 4 e 5 nos quais podemos observar as respostas às questões: i) O que faço na Mediateca? ii) Com os materiais da Mediateca o que faço na sala de aula?

Gráfico 4

O Que Faço na Mediateca?



“(...) sobretudo a Língua Portuguesa e o Estudo do Meio.

Estudo do Meio, porque me fornece elementos que, de outro modo, (...) não tenho ao meu dispor. E a Língua Portuguesa porque a Escola tem de (...) fornecer aos alunos uma preparação básica para que eles fiquem em condições de fazer por si sós as suas aprendizagens. A Leitura e a Escrita são, por isso, essenciais. O recurso ao Livro é, (...), fundamental. Procuro que os alunos sejam atraídos para o livro, para o texto, que reconheçam o valor informativo e recreativo da leitura e (...) o poder da comunicação das ideias através da leitura e da escrita.”

(1ª Entrevista)

A Mediateca como contributo para a valorização pessoal e profissional leva Carla a afirmar que é alguma falta de disponibilidade que por vezes mais dificulta um maior aproveitamento e rentabilidade dos recursos existentes na Mediateca, tanto na preparação de aulas como para a sua valorização pessoal. No entanto, salienta que o maior índice de utilização é na preparação de aulas:

“(...) mais contribuiria se eu tivesse maior disponibilidade de tempo. Na Mediateca, posso encontrar material, quer para me documentar em termos de Pedagogia e Didáctica, quer para apoio às aprendizagens que os alunos têm de fazer (...). Também neste aspecto, tenho de fazer opções, (...) recorro menos ao material que aumentaria a minha formação, mas no entanto faço-o e troco livros com colegas. Aproveito o tempo que tenho disponível para procurar material que possa indicar aos alunos ou de que me possa servir para preparar alguma lição. Encontro recursos, que me permitem construir material nas várias áreas de ensino: Matemática, Língua Portuguesa, Áreas de Expressão.”

(1ª Entrevista)

Quanto à utilização dos recursos pelos quatro anos de escolaridade salienta que a mesma não é feita de forma uniforme e rígida devido à natural evolução das atitudes, competências e interesses do conjunto dos alunos. Refere também um crescimento do grau de autonomia dos alunos ao longo dos 4 anos de escolaridade, o que favorece a utilização dos recursos, não tanto em termos de quantidade, mas mais em termos de qualidade e pertinência, evitando o perigo de alguma banalização dos mesmos. Considera esta professora, no decorrer da entrevista, que o factor mais importante é a aquisição de hábitos de trabalho e não tanto a aquisição de conteúdos relativamente à utilização da Mediateca como centro de recursos:

“ Em meu entender, a criação de hábitos de trabalho, de autonomia e de sociabilidade são superiores à aquisição de conteúdos que as crianças fazem com os recursos da Mediateca. Acho (...) que mais importante do que adquirir saberes é saber como adquiri-los.”

(1ª Entrevista)

Assim, esta professora considera que os alunos que mais necessitam de aprender a trabalhar, a pesquisar, a desenvolver formas de autonomia, ou que sejam mais imaturos ou desmotivados, mais devem recorrer aos meios e às actividades da Mediateca. Neste sentido, e perante alunos com as dificuldades educativas atrás referidas, orienta o seu trabalho na sala de aula com um grau de adaptabilidade constante, sempre de acordo com a situação do aluno e da turma:

“(...) quando os alunos têm mais dificuldades eu procedo de várias maneiras, depende do tipo de dificuldades, da área em que o aluno tem mais dificuldades e também depende do próprio aluno e até mesmo da turma, se é uma turma com alunos bem comportados, se obedecem às regras ou não, se já têm

hábitos de trabalho, se já trabalham sem a minha ajuda, enfim se já têm um certo grau de autonomia (...) assim, com os alunos com dificuldades umas vezes dou apoio individualizado numa altura em que os outros alunos estão entregues a trabalhos que não necessitam do meu apoio directo ou precisam pouco.”

(Entrevista de Aprofundamento)

É de salientar a organização flexível da sala de aula, facilitando as diferentes modalidades de agrupamentos de alunos, quer pela especificidade das suas dificuldades, quer pelas suas capacidades, ao nível dos hábitos de trabalho, quer pelos seus conhecimentos, permitindo assim adaptar o trabalho do professor e responsabilizando todos os alunos, não só pela sua própria aprendizagem, mas também pela evolução de todo o grupo turma.

“(...) procuro fazer grupos heterogéneos para que se possam ajudar mutuamente, beneficiando assim tanto ao alunos com mais dificuldades como também os alunos melhores, porque estes também têm que fazer um tipo de raciocínio diferente para explicar aos colegas mais fracos. Eu acho que isto desenvolve muito o espírito de cooperação e amizade e para os mais fracos, é facilitador porque entre eles a linguagem é diferente e até parece que eles entendem com mais facilidade do que se for só eu a explicar e a demonstrar com o material.

Pois as minhas actividades na sala de aula são muito diferentes umas das outras, nem sempre tenho a mesma organização na sala, procuro diversificar tanto a organização como o material. No entanto, há sempre um material presente que são os ficheiros para as diferentes áreas com graus de dificuldades diferentes, para corresponderem aos diferentes alunos e às suas capacidades.”

(Entrevista de Aprofundamento)

Na organização diversificada do seu trabalho, a Carla sublinha o carácter facilitador da organização e material diversificado da Mediateca, como é referido numa das entrevistas:

“Todo o material diversificado da Mediateca é facilitador não só na construção de material didáctico diferenciado; fichas de trabalho, ficheiro, etc., como também os diferentes aparelhos: vídeo, slides, disquetes, cassetes servem para apoiar de forma diferente as diferentes áreas e no fundo ser um motor de motivação para cativar os alunos para a aprendizagem. Isto, assim, permite diversificar as actividades e por exemplo em relação aos livros que eles têm das diferentes áreas, eles não ficam só com o contacto desses livros é - lhes proporcionado o contacto com diferentes livros, enciclopédias, etc., e é esta diversificação que enriquece bastante as nossas aulas e enriquece os nossos alunos, porque não faz mais sentido o livro único.

(...) com a variedade de materiais que temos, na Mediateca, e a forma como eles estão organizados e são dinamizados e postos à disposição de professores e alunos é possível melhorarmos as nossas práticas, sem despendermos muito tempo.”

(Entrevista de Aprofundamento)

E é no sentido de diferenciar as actividades para os alunos de uma turma heterogénea e sobretudo superar as dificuldades dos alunos com mais dificuldades que esta professora sente a importância de motivar e para isso recorre aos meios diversificados e facilitadores dessa motivação.

“E para os alunos com mais dificuldades quanto mais material tivermos e possibilidade de renovarmos as

formas de trabalhar é muito bom (...), porque muitas das vezes o primeiro passo a ter com estes alunos é cativá-los para a aprendizagem e para isso é preciso sermos dinâmicos, diversificarmos e irmos ao encontro das necessidades e interesses deles.”

(Entrevista de Aprofundamento)

Também para esta professora a área de mais dificuldade para os alunos é a Língua Portuguesa, atribuindo esse facto à inserção da escola num meio pobre económica e culturalmente, à diversidade de etnias e culturas, sendo a constatação do insucesso nesta área que levou a escola a desenvolver um projecto de Mediateca para desenvolver prioritariamente o gosto pela leitura e a escrita, recorrendo a meios diversificados.

Ainda é de sublinhar o trabalho desenvolvido entre Carla e o professor da Mediateca, de forma a superar fundamentalmente as dificuldades dos alunos em Língua Portuguesa.

“Este apoio que é dado na Mediateca, pelas minhas colegas, têm o seu reflexo na sala de aula porque os alunos vão superando as suas dificuldades na leitura e também na escrita e para além disso ficam mais motivados. Este trabalho muitas das vezes tem continuidade na sala de aula em colaboração com a colega da Mediateca. Há muitas vezes o diálogo entre mim e a colega da Mediateca para coordenarmos o trabalho, para que tanto o trabalho da Mediateca como o da sala de aula tenham a mesma linha de actuação de acordo com as necessidades da turma, no caso de querermos dar uma resposta a um projecto de turma, quer aos alunos individualmente de acordo com as suas necessidades.

Porque (para) os alunos com mais dificuldades eu não só faço uma planificação diferente para atender a cada um, como faço uma planificação com a minha colega da

Mediateca para apoiar esses alunos em tarefas específicas.”

(Entrevista de Aprofundamento)

A Professora do 2º ano de escolaridade revela uma preocupação para com os alunos com maiores dificuldades, não descurando os outros, como fica demonstrado pelo tipo de programação de actividades, que incluem a organização da sala de aula e os recursos específicos a utilizar em casos também eles particulares e diferenciados:

“Dentro da sala de aula faço para os alunos com dificuldades em Língua Portuguesa basicamente o que faço noutra área, organizo-me de forma a que tenham trabalho só comigo ou trabalho individual mas ajudado pelo grupo, trabalho de ficheiro e também momentos em grande grupo. Tudo isto é preciso para que o aluno supere as suas dificuldades, não criando monotonia, nem isoladamente, para que o aluno não se sinta diminuído, para isso acho fundamental as tarefas também em comum e em grande grupo. Penso que todas as formas de trabalho e materiais são bons para a aprendizagem, é preciso é ver qual o que interessa mais ao aluno e qual a maneira de trabalhar e o material que o motiva e o desenvolve mais. Tanto para o desenvolvimento de hábitos de trabalho como de conteúdos.”

(Entrevista de Aprofundamento)

A Mediateca funciona para esta professora, entre outras razões, como um incentivo à produção de materiais pelos próprios alunos, sendo esse um dos interesses que leva os alunos a depositarem os seus trabalhos para fazerem parte do espólio da Mediateca.

“O objectivo dessa inclusão dos trabalhos dos alunos no espólio da Mediateca é duplo: incentivar os alunos, que sentem orgulho em verem-se aí representados (...) e contribuir para o enriquecimento da própria Mediateca. Não são, no entanto, todos os trabalhos, mas apenas os de maior qualidade e, (...) no caso da produção de textos, são as crianças que escolhem os que acham melhores. Os trabalhos dos meus alunos actuais -2º ano- incluídos no material da Mediateca são textos publicados no Jornal Escolar, cassetes vídeo sobre visitas de estudo, gravações áudio de entrevistas, fotografias da sua participação em festas da escola. De anos anteriores, há, além dos trabalhos do mesmo género, cartazes sobre o Estudo do Meio, colectâneas de contos, etc. (...)”

(1ª Entrevista)

Quando se refere às metodologias utilizadas com os recursos da Mediateca retoma a ideia de atribuir mais importância ao desenvolvimento de hábitos de trabalho do que à aquisição de conteúdos.

“Em meu entender, a criação de hábitos de trabalho, de autonomia e de sociabilidade são superiores à aquisição de conteúdos que as crianças fazem com os recursos da Mediateca. Acho (...) que mais importante do que adquirir saberes é saber como adquiri-los.” (1ª Entrevista)

Carla diz ter uma turma heterogénea de alunos com capacidades diferentes, quer no seu ritmo de aprendizagem, quer na preferência que manifestam pelas diversas matérias, quer ainda pelas suas atitudes na relação com o professor e com os colegas e também na capacidade que revelam na execução dos trabalhos solicitados. Assim, ao considerar os alunos diferentes uns dos outros, entende não poder desenvolver o mesmo

tipo de trabalho para todos eles, procura apoiar mais uns, incentivar a autonomia de outros mas também, quando entende ser caso disso, prescindir dos recursos e apoiar directamente um aluno com determinadas dificuldades de aprendizagem:

“Quer para a diferenciação, quer para a individualização, a Mediateca dá um bom contributo: posso usar métodos diferentes (...), dedicar-me mais a um grupo que precisa da minha atenção mais directa, enquanto outro ou outros grupos trabalham sem precisarem da minha presença, com materiais diferentes, em matérias diferentes; (...) no caso de um aluno que, por dificuldades de aprendizagem de determinada matéria ou por atraso geral em relação à turma, precisa de individualização, (...) eu prefiro apoiá-lo directamente, utilizando, por vezes, os recursos da Mediateca para ocupar os outros alunos.”

(1ª Entrevista)

Nesta perspectiva de diferenciação do ensino é determinante que a professora tenha uma organização de sala de aula flexível, quer dizer, adaptada às actividades propostas e às necessidades e/ou facilidades dos alunos:

“Depois essa diferenciação é feita quando organizo grupos, maiores ou menores conforme os casos:

- diferenciação de matérias: por exemplo, um conjunto de alunos tem maior facilidade na aquisição de conhecimentos através de determinada área. Nesse caso, esse conjunto (...) de alunos trabalhará mais nessa área para que tenha mais apetência;
- diferenciação de métodos: por exemplo, para a aprendizagem da leitura para um grupo de alunos

resultará melhor um método analítico, para outro grupo outro método e, portanto haverá aqui uma diferenciação de métodos;

- diferenciação de materiais: por exemplo, um grupo de alunos pode atingir melhor o que se pretende, utilizando o computador, outro grupo utilizando o vídeo. Assim haverá 2 grupos, um utilizando o primeiro e outro o segundo;

- diferenciação de grupos para recuperação nas matérias em que têm dificuldades de aprendizagem.”

(1ª Entrevista)

Das afirmações de Carla é de salientar a interligação que existe entre as actividades da Mediateca e as da sala de aula, contribuindo assim para uma melhoria do ambiente educativo, para a rentabilização de recursos humanos e materiais e constituindo um elemento facilitador do sucesso educativo dos alunos. Para que se realize este trabalho parece fundamental a relação estabelecida entre os recursos da Mediateca e a sala de aula:

“E entre a sala de aula e a Mediateca, as minhas práticas repartem-se, prestando eu atenção directa a uns grupos, e sendo outros supervisionados pela orientadora da Mediateca, pela encarregada da secção de informática ou em trabalho em que os alunos estão completamente entregues a si próprios.

Quando se trata de fazer individualização recorro aos meios da Mediateca para essa prática. Faço essa individualização em trabalho directo com o aluno, mas libertando-me dos outros, por vezes, com recurso à Mediateca para a produção de textos escritos que, depois, são trabalhados colectivamente para serem clarificados e enriquecidos e, por fim, registados nos

seus cadernos e em computador sob a supervisão da orientadora, a professora da Mediateca.” (1ª Entrevista)

Sendo toda a actividade desenvolvida na escola passível de ser avaliada e sendo esta contínua, são também registadas e avaliadas as actividades programadas para a Biblioteca e para a Informática, embora o sistema de registos seja pouco elaborado. No entanto, toda a actividade relacionada com os recursos da Mediateca tem segundo este professor uma influência positiva ao participar trimestralmente na avaliação global do aluno, como elemento contínuo e transversal a todas as áreas.

“ (...) faço registos, não muito elaborados (...) e para a Mediateca também faço, (...) embora para mim as actividades e os materiais que utilizo da Mediateca são (...) parte integrante das minhas práticas e assim não tenho nada à parte. A não ser para as actividades programadas da Mediateca, em que eles vão em grupo. Eu utilizo grelhas de auto-avaliação e de hetero-avaliação e aí eu registo tanto a aquisição de hábitos de trabalho, como de conteúdos. E nessa avaliação está implícito ou melhor está incluído tudo o que tem a ver com a utilização da Mediateca. Esta prática está incluída de tal forma nas práticas que só se ela deixasse de existir é que iríamos se calhar interrogarmo-nos.

Agora ela faz parte do quotidiano da escola e está presente em toda a avaliação que nós fazemos do aluno.”

(Entrevista de Aprofundamento)

No entanto, ao considerar que as actividades desenvolvidas com os recursos da Mediateca são avaliadas de uma forma inclusiva e diluída em todas as áreas curriculares, não deixa de salientar alguns indicadores que considera serem mais desenvolvidos, com particular incidência nos que mais directamente estão relacionados com a aquisição e desenvolvimento de hábitos de trabalho, destacando:

“Penso que com a utilização da Mediateca damos mais relevo à capacidade de pesquisa, o saber procurar informação, o saber recolher a informação de que se necessita, a autonomia, a responsabilidade e também o espírito crítico e cooperativo, penso que ao valorizar estes indicadores estou a contribuir para o desenvolvimento global dos alunos e para uma melhor preparação para a sociedade de hoje.

O espírito crítico e criatividade acho que têm sido dos indicadores que também tem sido bastante desenvolvidos pela oportunidade que os alunos têm em consultar diferentes meios de informação: os livros, o vídeo, o computador, etc. O diversificar as fontes, penso que faz alargar os horizontes e faz criar novas ideias.

Ora tudo isto se reflecte na avaliação trimestral do aluno, porque ele é um todo e então tudo isto tem reflexos nas áreas todas.”

(Entrevista de Aprofundamento)

Ao privilegiar hábitos de trabalho que levam à autonomia, ao desenvolvimento do espírito crítico e sobretudo ao adquirir hábitos de pesquisa, contribuindo assim para a construção do próprio saber dos alunos, considera este professor que está a contribuir não só para a aquisição de mais saberes, mas sobretudo a desenvolver ferramentas para que estes possam ser adquiridos ao longo da vida, acompanhando, paralelamente, a evolução do conhecimento.

Da análise das palavras do professor, é revelador o impacto da Mediateca na Comunidade Educativa:

“Pelas conversas que tenho com os encarregados de educação, pela procura crescente desta Escola em que os Pais querem matricular os seus filhos, pelo interesse demonstrado pela Comissão de Pais e pela Comunidade em geral, vê-se que as actividades da Mediateca têm uma grande aceitação.

Consideram que isso enriquece as crianças e acompanha a evolução da sociedade.”

(1º Entrevista)

Também é referenciado por Carla o interesse que outras escolas têm manifestado pela experiência da Mediateca que entendeu como forma de enriquecimento da escola, dos professores e sobretudo dos alunos.

“Outros professores com que tenho falado mostram o seu interesse pela existência duma Mediateca (...). Alguns professores do concelho dos vários níveis de ensino tem visitado a Mediateca. Tanto quanto sei, outras escolas têm querido seguir os passos desta Escola”

(1ª Entrevista)

Carla manifesta, ao longo do seu discurso, as potencialidades dos recursos e da organização da Mediateca, salientando a importância de professores destinados apenas às actividades da Mediateca. E quanto ao perfil profissional do pessoal para a Mediateca, pensa ser preferível um professor a um técnico especializado. No entanto, no seu caso pessoal, considera importante dever aprofundar os conhecimentos de informática através da formação contínua e acha que a formação inicial deveria desde logo incluir uma área relacionada com actividades de Mediateca.

“ Acho que poderia ser contemplado este aspecto em Acções de Formação Contínua, para além de esta ser matéria que deveria começar por estar incluída na formação inicial.”  
(1º Entrevista)

A formação do professor, para Carla, é encarada como um sistema contínuo em que deve haver permanente actualização de forma a acompanhar a evolução da sociedade e do conhecimento e para esse objectivo acha imprescindível que ao nível de cada escola se desenvolvam projectos próximos das Mediatecas que acompanhem a evolução da comunicação, da informação e do conhecimento nos diversos suportes, para que alunos e professores se mantenham actualizados, de acordo com os currículos e com as exigências de desenvolvimento da sociedade do conhecimento e da tecnologia.

“As escolas, em geral, deveriam organizar-se um pouco à semelhança desta Escola, ou melhor, (...) deveriam ter uma Mediateca que acompanhasse a evolução do conhecimento, de modo a que tanto professores como alunos pudessem pesquisar e actualizar-se sempre que fosse necessário. Hoje acho fundamental todos os meios de pesquisa e informação na escola para nós professores estarmos actualizados e podermos motivar e interessar os nossos alunos pelos temas do currículo, mas também por temáticas do quotidiano, da vida e do mundo. Por isso penso que é muito importante ensinar a pesquisar, a procurar (a informação) nos diferentes meios livros, enciclopédias, vídeos C.D.-ROM etc .É preciso a escola acompanhar a evolução da sociedade e da informação e do conhecimento.”

(1ª Entrevista)

A ideia de necessidade de valorização e do acompanhamento da evolução está bem patente, quer no que acabou de ser afirmado pela professora Carla, quer no que, de certo modo, é reafirmado pelos seus alunos ao manifestarem no questionário (a totalidade dos alunos) o desejo de ampliação do espaço da Mediateca e a criação de novos espaços para ateliers de Expressões, como forma activa de conhecimento, comunicação e desenvolvimento pessoal.

**Síntese** – Carla, professora de Quadro Geral de Professores, possui como habilitação profissional o Curso do Magistério Primário e justifica a sua escolha pela docência por razões familiares, destacando que desde cedo manifestou esse desejo que atribui ao facto de ter tido três tios professores e igualmente por razões pessoais ligadas ao apreço que sempre manifestou por crianças.

Carla lecciona há 26 anos, 15 dos quais nesta Escola, o que lhe permitiu acompanhar a implantação da Mediateca e passar assim pela experiência de trabalhar com e sem este tipo de estrutura ao longo da sua carreira.

Podendo concorrer para escolas mais próximas da sua residência continua no entanto a optar por esta Escola, por considerar que existem boas relações interpessoais, pelos hábitos adquiridos, pela tipologia do edifício (tipo P3) e pela crescente dinâmica e projectos que a Escola tem desenvolvido dos quais a Mediateca é um bom exemplo.

Da utilização dos recursos da Mediateca nas suas práticas de sala de aula diz privilegiar os directamente relacionados com a Biblioteca, articulando essa utilização conjuntamente com a professora da Mediateca. Deste trabalho fazem parte a pesquisa, a escolha e requisição de livros, bem como o reconto oral e escrito dos livros lidos, quer na sala de aula, na Mediateca ou em casa dos alunos.

Também utiliza o vídeo como fonte de pesquisa nas temáticas mais difíceis de abordar e como processo para aumentar a atractividade e motivação dos alunos.

Em relação aos recursos menos utilizados, Carla refere o computador por ser um recurso que ainda domina pouco, apesar dos seus alunos o utilizarem bastante com o apoio da professora destacada na

Mediateca .

Carla considera ser a Língua Portuguesa uma área de preparação básica fundamental, assim como, o incentivo para o livro e a leitura. Assim é a área da Língua Portuguesa e o Estudo do Meio aquelas em que utiliza mais os recursos da Mediateca, embora não esquecendo as restantes áreas. Carla pensa que a motivação e o despertar para o livro e a leitura são fundamentais para a futura autonomia e atitude de pesquisa perante as novas aprendizagens.

A preparação das aulas é feita, segundo Carla, com o apoio dos materiais e meios da Mediateca, o que contribui para a sua valorização profissional e pessoal, recorrendo sempre que possível à recolha de materiais na área da Pedagogia e das Didácticas.

Carla doseia e aplica os recursos da Mediateca de forma diversificada pelos quatro anos de escolaridade, devido à natural evolução das atitudes, competências e interesses dos vários escalões etários.

Esta professora considera que a Mediateca veio facilitar a aquisição de hábitos de trabalho, isto é, a autonomia, a sociabilidade o que por sua vez desenvolve a aquisição de conhecimentos.

Nesta perspectiva Carla considera que os alunos que revelam maiores dificuldades e têm poucos hábitos de trabalho, seja por imaturidade ou desmotivação, deverão ser prioritariamente beneficiados pela acção da Mediateca, pelo que procura articular o trabalho da sala de aula com esta estrutura, adequando-o aos alunos e à turma.

Esta professora procura ter uma organização flexível da sala de aula de acordo com as dificuldades e capacidades dos alunos, utilizando metodologias adaptadas às dificuldades e à área em que o aluno regista mais problemas.

No caso concreto da turma da Carla, a área onde detecta mais dificuldades é na Língua Portuguesa, atribuindo tal situação às origens socioculturais dos alunos de um meio escolar carente do ponto de vista económico, condições que Carla considera como estando na base do desenvolvimento do Projecto de Mediateca Escolar.

A Mediateca também é vista por Carla como um incentivo à produção de materiais, por parte dos alunos, o que enriquece o espólio da Mediateca, ficando à disposição livre e directa dos outros utilizadores, facto que em sua opinião contribuiu para estimular outras produções e

motivá-los para a pesquisa pois a linguagem destes materiais é mais próxima do seu nível etário.

Há sem dúvida por parte desta professora uma grande preocupação com os alunos com maiores dificuldades, mas também uma grande importância atribuída a metodologias que levem essencialmente à aquisição de hábitos de trabalho, em detrimento da aquisição de conhecimentos, defendendo esta professora o primado do aprender a aprender e aumento do grau de autonomia na pesquisa da informação.

Assim, procura apoiar uns, incentivar a autonomia de outros, com materiais e em matérias diferentes. As práticas de Carla inserem-se numa perspectiva de diferenciação do ensino dentro de uma organização flexível de gestão de sala de aula.

No que diz respeito à avaliação, Carla afirma que todas as actividades desenvolvidas na escola são objecto de avaliação, sendo registadas e avaliadas. No entanto, os registos dessa avaliação não são muito elaborados.

A utilização dos recursos da Mediateca faz parte integrante da avaliação trimestral de cada aluno, como elemento contínuo e transversal a todas as áreas, considerando este aspecto como muito positivo. As modalidades mais utilizadas são a auto-avaliação, a hetero-avaliação, sendo a síntese destes registos feita de forma inclusiva e diluída em todas as áreas curriculares. Os indicadores que mais privilegia na utilização dos recursos da Mediateca são os que estão relacionados com a aquisição e desenvolvimento de hábitos de trabalho: capacidade de pesquisa, o saber procurar informação, a autonomia, a responsabilidade, a criatividade, o espírito crítico e cooperativo. Conforme é afirmado, Carla julga serem estes os indicadores que contribuem para o desenvolvimento global dos alunos, visando a sua inserção na sociedade actual, criando novas atitudes e ideias, alargando o leque das suas competências a partir de diversos meios.

Carla refere o impacte positivo da Mediateca e dos seus processos de trabalho na Comunidade Educativa, manifestado através da crescente insistência de matrícula nesta Escola por parte de Encarregados de Educação de outras zonas da cidade. Também através da visita que outras Escolas têm realizado e do manifesto interesse pela experiência, considerando a Mediateca como uma forma de enriquecimento da escola,

dos professores e sobretudo dos alunos.

Esta professora considera que para potenciar os recursos da Mediateca se torna necessário um professor a tempo inteiro e não um técnico especializado. No seu caso pessoal julga importante aprofundar os conhecimentos de informática através da formação contínua, mas salienta a importância e o peso que a formação na área das Mediatecas deveria ter logo na formação inicial.

No entanto, sublinha que a formação e o desenvolvimento pessoal do professor se deve processar de uma forma continuada e permanente, de modo a acompanhar a evolução da sociedade e do conhecimento humano. Nesse aspecto considera fundamental a existência de Mediatecas em todas as Escolas, como meio de fazer evoluir os currículos e de poder acompanhar o desenvolvimento do conhecimento, da tecnologia e da própria formação.



### 3. Elizabete

Elizabete é professora do 3º ano de escolaridade. Tem 38 anos de idade, possui o Curso do Magistério Primário, tendo iniciado a sua actividade profissional em 1970 como professora da Telescola, onde leccionou durante seis anos a área de Línguas (Português e Línguas Estrangeiras). Ao voltar ao 1º ciclo do Ensino Básico, esteve colocada fora da sua área de residência durante dez anos, tendo sido colocada nesta Escola como professora do Quadro Distrital de Vinculação, onde permanece há nove anos, por opção, preterindo outras escolas mais próximas da sua residência. Esta professora refere que essa sua opção foi determinada pelo relacionamento com o grupo de trabalho, pelo espaço agradável da Escola e pelos recursos materiais que encontrou, considerando-os elementos bastante conciliáveis com as suas práticas educativas e capazes de a ajudar a encontrar respostas para a heterogeneidade dos alunos.

Relativamente aos recursos da Mediateca, Elizabete utiliza com maior frequência os livros, por considerar que os alunos do 3º ano de escolaridade necessitam de um maior contacto com novas formas de escrita, de diversificar textos e autores, de desenvolver a capacidade de pesquisa e consulta de informação, isto é, de criar formas autónomas de auto-formação. No entanto, não abandona os outros recursos, mas emprega-os como complemento ao livro. Também faz referência à pluralidade dos livros utilizados, evitando basear-se apenas no livro adoptado e assim enriquecer e motivar os alunos para a aprendizagem.

“Neste momento (...) estou a utilizar mais os livros. Porque os miúdos já estão no 3º ano e necessitam de ter uma certa prática de consulta e é por isso (que) neste momento estou a usar mais os livros do que o vídeo.

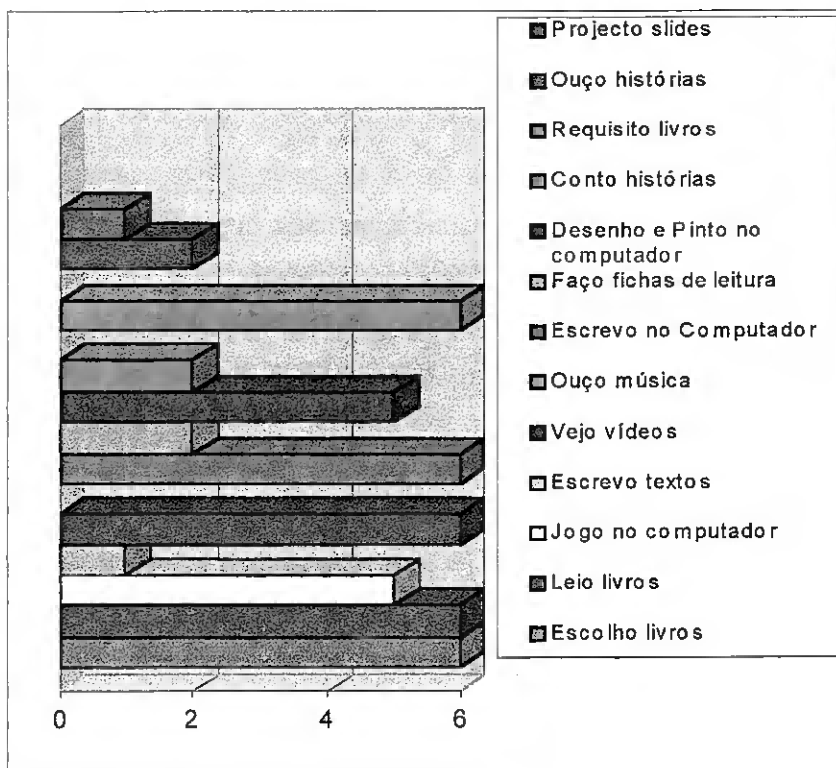
A finalidade é motivar os miúdos, evitando a utilização apenas do livro adoptado o que é desmotivante. A razão principal é motivá-los..”

(1ª Entrevista)

O recurso menos utilizado no 3º ano é o vídeo. Tal situação prende-se com o carácter de enriquecimento e reforço da informação com que o mesmo é entendido. Nos dois primeiros anos de escolaridade, quando os alunos ainda dominavam mal a leitura e a escrita, utilizou mais o vídeo.

No entanto, quando os seus alunos se referem às actividades da Mediateca, todos eles se referem do mesmo modo ao vídeo e ao livro (selecção e requisição de livros e leitura), como se pode constatar no gráfico 6.

Gráfico nº6  
O Que Faço na Mediateca?



A área em que utiliza mais os recursos da Mediateca é o Estudo do Meio e, indirectamente, a Língua Portuguesa porque os materiais que existem na Mediateca, de acordo com as suas afirmações, privilegiam estas duas áreas e também porque esta professora considera da maior importância desenvolver nos alunos o gosto pela leitura, tendo em conta o

actual défice de leitura por oposição a uma maior influência do suporte audiovisual da televisão, embora esta por vezes obrigue a ler legendas.

Assim, a área em que mais utiliza a Mediateca é:

“(...) o Estudo do Meio, mas ao mesmo tempo quando estão a fazer consultas, estou a privilegiar também a Língua Portuguesa (...) o que fica através da televisão são as imagens. Cada vez se lê menos e de facto o nosso trabalho fundamental é preparar os alunos para saber ler, não (apenas) ler as palavras, mas perceber o que estão a ler.”

(1ª Entrevista)

Daí que seja possível, através das próprias matérias e dos recursos da Mediateca, os alunos desenvolverem a produção de trabalhos, visando a comunicação inter-turmas com reflexos positivos no desenvolvimento da capacidade de diálogo, de intervenção e do espírito crítico.

“(...) por exemplo, no Estudo do Meio quando se faz um trabalho, depois (...), faz-se um cartaz, faz-se Língua Portuguesa e há comunicação desse trabalho para o exterior.”

(1ª Entrevista)

É através do trabalho de pesquisa, como está descrito no Diário de Aula, que os alunos vão construindo materiais que servem de suporte para pequenas comunicações entre eles, provocando o diálogo e o desenvolvimento de capacidade de interrogar.

Também é notório que usam diversos suportes para recolher informação e para a comunicar aos outros, desinibindo-se e desenvolvendo a expressividade.

“Concluída a pesquisa combinou-se que no dia seguinte cada grupo iria apresentar aos colegas o que tinha descoberto.

Todos os alunos ouviram com muito interesse. Esta situação provocou diálogo orientado por mim, pois levei os alunos a fazer perguntas entre si.

Os dois grupos que tinham feito a pesquisa sobre os golfinhos foram apresentar o seu trabalho aos colegas da sala ao lado e estes por sua vez também fizeram a apresentação do seu trabalho.

Com o projector existente na Mediateca os alunos apresentaram o diaporama aos colegas da sala e depois aos do núcleo.”

(Diário de Aula)

Esta professora encara a Mediateca numa dupla perspectiva de auto-formação e de recurso para a planificação e selecção dos instrumentos da didácticos da aula.

“Nos recursos da Mediateca não há só livros para pesquisar, também há livros de apoio ao Professor, desde livros de fichas, etc... procuro aquilo que me interessa e construo as minhas próprias fichas de acordo com o nível dos alunos e com aquilo que eles necessitam no momento.

(...) se já está previsto o tema que vou tratar, vou em primeiro lugar (...) ver quais são os recursos que existem na Mediateca que podem servir para esse trabalho, se é uma coisa que surge de momento, então vamos ver o que é que há.”

(1ª Entrevista)

Conforme é descrito no Diário de Aula, são os alunos que procuram material sobre a informação que faz falta às temáticas tratadas na sala de aula.

“Um grupo de alunos foi à Mediateca fazer um levantamento do material lá existente, sobre os dois animais. Verificaram que havia um vídeo sobre os periquitos, outro sobre os golfinhos e também alguns livros.”  
(Diário de Aula)

Elizabete não utiliza os recursos da Mediateca de igual forma desde o 1º ano até ao 4º ano de escolaridade. Na base dessa opção pedagógica subjaz a convicção da docente relativamente à necessidade de uma articulação entre os materiais e a capacidade evidenciada, de acordo com a faixa etária dos alunos, para desenvolverem trabalho com esses materiais. Do mesmo modo, considera que os próprios recursos da Mediateca devem corresponder ao nível de desenvolvimento dos alunos no sentido de proporcionarem graus de exploração diferentes, mantendo uma forma apelativa.

“ (...) Se neste momento eles conseguem pesquisar, por exemplo, livros, é porque desde o 1º ano têm contacto com eles, os livros não são só palavras, também são imagens e desde o 1º ano que se mantém o contacto com os livros. A nível do 1º ano usava livros com mais imagens do que texto, agora já se pode usar livros com mais texto, embora tenham que ter sempre imagens, porque a imagem é um elemento muito atractivo.”

(1ª Entrevista)

Também são referidas por Elizabete as capacidades e atitudes que a utilização dos recursos da Mediateca desenvolve, salientando o gosto

pelo livro, pela pesquisa e os comportamentos desenvolvidos através da sua utilização, quer em trabalhos de carácter individual, quer em trabalhos de pequeno grupo, permitindo ainda o desenvolvimento de um certo grau de autonomia nas aprendizagens. Este aspecto é sublinhado como um momento muito positivo no processo de ensino/aprendizagem pela forma como através do trabalho de pesquisa se faz a apropriação quer dos conhecimentos, quer dos métodos de trabalho.

“Eles às vezes têm dificuldade em memorizar determinadas coisas, mas neste caso, porque foram eles que procuraram, foram eles que descobriram, o saber foi melhor adquirido.(...) os recursos da Mediateca são facilitadores da aquisição de conteúdos e para o desenvolvimento de hábitos de trabalho, (...) acho que as duas coisas estão interligadas, os hábitos de trabalho e os conteúdos (...)”  
(1ª Entrevista)

Portanto, para esta professora, todos os recursos da Mediateca são facilitadores do ensino/aprendizagem, ajudando o próprio aluno a descobrir e a construir o seu auto-conhecimento, por processos que poderão ter repercussões nas aprendizagens ao longo do seu percurso escolar e pessoal.

“Se o aluno pesquisa, se o aluno procura ele está a construir o seu caminho e isso fica, esse conhecimento vai ficar e vai ficar também o hábito para o futuro, quando alguma vez quiser saber alguma coisa, sabe como pode adquirir o conhecimento (...). Os recursos da Mediateca são facilitadores do ensino/aprendizagem Através da pesquisa, dos livros, do computador, através do visionamento de vídeos, audição de cassetes (...) tudo isto são materiais que facilitam o ensino/aprendizagem.”  
(1ª Entrevista)

A organização do trabalho de pesquisa é feita pelos alunos conforme os seus interesses. Desta constituição resultam grupos heterogêneos, aos quais a professora tenta dar um maior acompanhamento de forma a assegurar a participação de todos.

Neste tipo de trabalho há sempre alunos com ritmos diferentes e que finalizam rapidamente e por esse facto há para estes alunos trabalhos diversificados como seja o trabalho de ficheiro, o computador, de forma a que não haja quebras e tempos de inactividade muito prolongados.

“(…) Iniciou-se o trabalho de pesquisa. Como cada grupo já sabia sobre o que se iria debruçar, rapidamente se organizaram e iniciaram o trabalho. Em alguns grupos havia alunos com algumas dificuldades, preoquei-me em acompanhar mais de perto o trabalho desses grupos, de forma a que houvesse uma maior participação desses alunos. Como nem todos os grupos iriam terminar a pesquisa ao mesmo tempo, combinou-se previamente que, conforme fossem acabando o trabalho, alguns alunos iriam fazer fichas (...) e outros, (...) iriam (...) ao computador praticar jogos de cálculo mental, utilizando para isso material existente na Mediateca.

Concluída a pesquisa, combinou-se que no dia seguinte cada grupo iria apresentar aos colegas o que tinha descoberto.”

(Diário de Aula)

Embora considerando que todos os alunos necessitam igualmente dos recursos da Mediateca porque eles são motivantes, salienta a importância da diversificação dos recursos para os alunos com maior dificuldade de motivação para a aprendizagem. Normalmente considera nesta categorização alunos que, por motivos económicos e culturais, provêm de meios mais desfavorecidos e não possuem hábitos de leitura, tornando-se nestes casos necessário dosear e diversificar com mais rigor os recursos para uma maior motivação para a aprendizagem.

“Eu penso que é todo o grupo de alunos que precisa da Mediateca, porque (...) os recursos da Mediateca são recursos motivadores

Os alunos que têm mais dificuldade são os de mais difícil motivação por isso a Mediateca ajuda-os imenso como recurso motivador. Quanto mais dificuldades tem o aluno, mais materiais se necessita utilizar para o levar à descoberta, às aprendizagens. Nesse aspecto se calhar esses alunos são os que necessitam mais, porque necessitam de maior motivação. Quanto mais variados forem os recursos mais fácil e motivador (...) para os alunos.”

(1ª Entrevista)

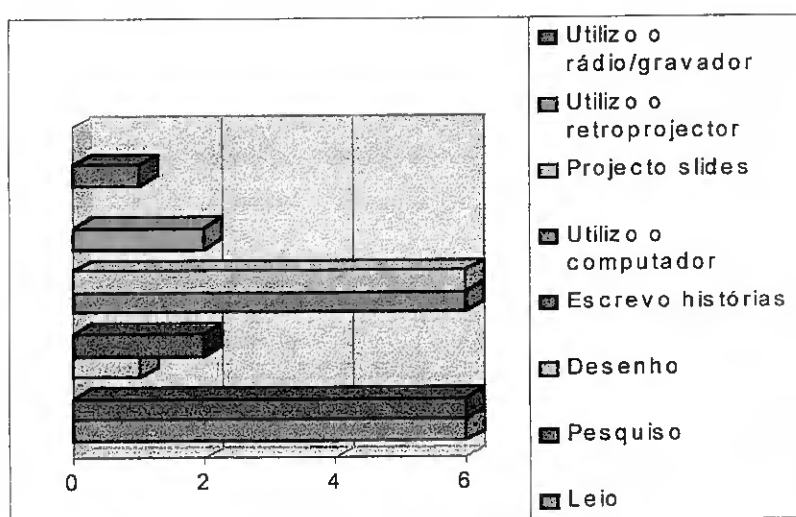
De um modo geral, todos os seus alunos exprimem um grande interesse por tudo o que se refere à utilização dos recursos da Mediateca, pelos métodos proporcionados por ela sob forma de trabalho de pesquisa, incluindo os alunos com mais dificuldades, que são auxiliados na sua participação pelos colegas, durante o trabalho de grupo.

“A vantagem que eu encontro é que neste tipo de trabalho todos os alunos ficam interessados. Mesmo aqueles que têm mais dificuldades (...). Eles sentem isto como uma coisa que não foi imposta pelo professor, mas como eles gostam muito de fazer isto, de pegar nuns livros, de procurar coisas e mesmo aqueles alunos que estão mais desmotivados, que têm mais dificuldades, com um trabalho de grupo, de pesquisa, ficam todos interessados. Mesmo quando chega ao fim do trabalho e (...) o trabalho está pronto a ser apresentado, todos eles gostam de dizer, mesmo aqueles que participaram menos (...) dizem – olha, isto fiz eu. Mesmo que a sua participação tenha sido pouca,(...) mas como estiveram no grupo, também leram, também mexeram nos livros,

fizeram desenhos (...) eles dizem com todo o orgulho:-  
este trabalho é meu.” (1ª Entrevista)

Na verdade, ao analisar o gráfico síntese dos alunos da Elizabete (gráfico nº7) sobre a questão: Com o material da Mediateca o que faço na sala de aula?, observa-se que na sua totalidade referem o trabalho de pesquisa, a leitura, a utilização do computador e a projecção de diapositivos, confirmando assim o grande incentivo e importância que este professor dá aos livros e ao trabalho de pesquisa, sem no entanto descurar os outros meios.

Gráfico nº7  
Com o Material da Mediateca o que Faço na Sala de Aula?



Os trabalhos dos alunos deste professor fazem parte do espólio da Mediateca, como fazem parte os livros de autor, os vídeos ou os C.D., etc., sendo esta atitude encorajada, pois o professor considera que a mesma contribui para a auto-estima de cada aluno. Assim, valoriza a comunicação do trabalho de cada criança perante os colegas e a escola e dá sentido ao produto desenvolvido pelo aluno ou grupo de alunos.

“Os trabalhos dos alunos fazem parte do espólio da Mediateca, porque se não, não se via a utilidade em fazer os trabalhos (...) é a maneira de valorizar o trabalho. Se

se faz o trabalho, ficou muito bonito, eles trabalharam imenso e depois joga-se fora? Então, para que é que serviu o trabalho? Esta é a maneira de valorizar o trabalho, para que ele possa vir a ser utilizado por outras pessoas, por outros alunos. Por isso, os trabalhos são sempre arquivados, não são jogados fora. (...) a importância dada a esses trabalhos é igual à dos livros que existem (...) os livros de autor.

(...) o objectivo é valorizar o trabalho, para que ele possa depois ser utilizado por outros alunos, desenvolver nos alunos (...) a auto - estima.”

(1ª Entrevista)

Os trabalhos dos alunos que vão para a Mediateca passam primeiro pela fase da escolha temática, depois pela escolha do suporte em que irá ser construído. Todas as fases são decididas em diálogo com a professora e alunos de modo a que as decisões sejam tomadas o mais democraticamente possível.

“A fase que se seguiu foi decidir-se a forma que se iria dar aos trabalhos. Como se aproximava a publicação do Jornal Maravilhas eu e a minha colega pensámos que o estudo dos golfinhos poderia ser apresentado no jornal. Fiz esta proposta aos alunos que a aceitaram com muito entusiasmo.

Em relação ao estudo feito sobre os periquitos lembrámo-nos que se poderia fazer um livro, como já se tem feito em outras ocasiões, livro esse que fará depois parte do material da Mediateca podendo servir para consulta de outros alunos.”

(Diário de Aula)

Existem no entanto critérios de selecção dos trabalhos a serem integrados na Mediateca, pois nem todos contêm matéria formativa e

informativa relevante para esse efeito. A selecção dos trabalhos passa também por uma escolha democrática realizada pelo conjunto dos alunos da turma.

As metodologias utilizadas por este professor com o 3º ano de escolaridade dependem muito dos interesses dos seus alunos mas também das dificuldades ou desenvolvimento que estes têm. No entanto, este professor afirma que nem sempre os assuntos a tratar e a estudar são da iniciativa e interesse dos alunos, pois tenta sempre compatibilizar estes com opções programáticas obrigatórias.

O trabalho na sala de aula desenvolve-se quer individualmente, quer em grupo ou mesmo em tutoria, isto é, há alunos que têm dificuldades e são muitas vezes os colegas que os ajudam nos trabalhos, por serem às vezes os colegas que melhor se aproximam da sua linguagem. Neste sentido, faz-se notar nas práticas deste professor uma grande diversidade de metodologias, conforme o contexto que se apresenta em cada momento na sala de aula.

“Os trabalhos feitos a partir da Mediateca, algumas vezes sou eu que proponho, outras vezes também são eles. Há temas que eles estão interessados em estudar, ou querem saber, ou têm curiosidade, então podem ir à Mediateca que tem bastantes documentos, aí podem consultar (...). Desde que se inicia o dia até ao final não estão todos a fazer a mesma coisa. (...). Outro material que utilizo são as fichas do ficheiro, algumas fichas auto - correctivas (...), há miúdos que utilizam esses materiais quando acabam esses trabalhos, não ficam à espera (...).”

(1ª Entrevista)

Embora o trabalho de pesquisa seja dos interesses dos alunos, a professora em diálogo com eles, vai de certo modo estruturá-lo fomentando as primeiras interrogações que servirão de base orientadora do trabalho.

“Em diálogo muito participado decidiu-se o que se iria estudar sobre cada animal. Combinou-se procurar resposta para as seguintes questões:

- Onde vivem (habitat)?
- Como é o corpo?
- Como se deslocam?
- Como se alimentam?
- Como respiram?
- Como se reproduzem?

Acordou-se ainda que fariam histórias (...)

(Diário de Aula)

Dentro das áreas curriculares, considera serem pontos de partida na sua programação a Língua Portuguesa e o Estudo do Meio, a partir das quais opera a interdisciplinaridade de uma forma integrada. Considera que para todas elas recorre aos recursos da Mediateca, sendo a Matemática a área onde utiliza menos recursos. Para todas as áreas organiza a sala de aula de forma a desenvolver o trabalho directo com os alunos, praticando o ensino individualizado, ou o trabalho directo com toda a turma em que o conjunto de alunos é a unidade, ou formando grupos conforme os interesses e dificuldades dos alunos. Neste caso, os alunos, ou trabalham em pequenos grupos, ou aos pares com a ajuda dos colegas, ou ainda em trabalho directo e individual com o professor, no caso de alunos menos autónomos.

“Tento fazer sempre um ensino individualizado. Há uma série de actividades que são comuns, mas é claro que dentro da sala de aula nem todos estão ao mesmo nível, não são capazes de fazer a mesma coisa, ou nem todos têm a mesma autonomia para realizar o trabalho,(...) dependem mais do professor.

Há outros momentos em que o trabalho é comum a todos. E outro em que eu própria digo que eles podem explicar uns aos outros, ajudar, acho que é muito

importante desenvolver nos alunos esse espírito de entreatajuda. Eles gostam de ajudar e às vezes eles conseguem ajudar mais que eu, porque a sua linguagem é melhor percebida pelos outros que têm dificuldade.”

(1ª Entrevista)

O recurso à Mediateca, na perspectiva deste professor, é facilitador da individualização do ensino e da diversificação das actividades, pois é possível trabalhar de acordo com as diferentes necessidades e interesses da turma, contando para isso com os materiais e a organização da Mediateca.

“(...) há dias em que os miúdos vão à Mediateca, os que estão na Mediateca estão a fazer um tipo de trabalho, os que estão na sala de aula estão a fazer outro (...) por exemplo o computador não é utilizado por todos ao mesmo tempo (...) utilizo também material diversificado a nível de fichas. Sem os recursos da Mediateca era mais difícil organizar o trabalho de maneira a individualizar o ensino, claro não era impossível, mas há uma maior diversificação de actividades, (...), podem estar a fazer pesquisa, (...), se estou com um grupo de alunos que têm maior dificuldade em determinado assunto, os outros estão a fazer um trabalho mais independente. Há facilidade de facto, de diversificação de actividades na sala de aula.”

(1ª Entrevista)

Quando refere em pormenor o seu trabalho em relação aos alunos com mais dificuldades, destaca a organização da sala de aula, quer ao nível da formação de grupos de trabalho, quer da localização na sala dos recursos que utiliza, considerando a Língua Portuguesa e a Matemática as áreas onde é necessário um maior esforço de apoio. Embora anteriormente tenha referido a pouca utilização dos recursos na área da

Matemática, acaba por indicar o computador e fichas auto-correctivas, como meios da Mediateca empregues nesta área disciplinar.

“A sala está organizada por grupos. Em cada grupo há alunos com mais e menos dificuldades, porque acredito no espírito de entreajuda e penso que os alunos podem-se ajudar uns aos outros a superar algumas dificuldades. Quando os alunos têm mais dificuldades, apoio-os individualmente e diversifico ao máximo as actividades e os materiais. Diversifico as actividades apoiando-me nalguns materiais existentes na Mediateca, como livros de informação, gravuras, vídeos, C. D. Recorro ao apoio individual, a fichas de ficheiro, a fichas auto - correctivas, ao trabalho no computador, usando jogos de Matemática, escrita de textos, ilustrações dos mesmos.”

(Entrevista de Aprofundamento)

Do registo da avaliação do aluno no que diz respeito à utilização da Mediateca, Elizabete manifesta ser o interesse o indicador que mais privilegia pois considera este o ponto de partida para tudo. Se não houver interesse, não há motivação para aprender. No entanto, considera igualmente importante o espírito crítico, o espírito de entreajuda e a capacidade de encontrar soluções para os problemas. Faz as suas próprias anotações em relação ao desempenho dos seus alunos, mas privilegia a auto-avaliação.

“O indicador que mais valorizo, de facto, é o interesse que é o ponto de partida para tudo.”

(1ª Entrevista)

Na Entrevista de Aprofundamento volta a referir a importância que dá ao elemento interesse como ponto fulcral de partida para o despertar

das aprendizagens e ainda privilegia na utilização dos recursos da Mediateca o espírito de entreajuda a capacidade de encontrar soluções para os problemas.

“Privilegio os seguintes indicadores: o interesse, o espírito de entre ajuda, o espírito crítico, a capacidade de encontrar soluções para os problemas (...)”

( Entrevista de Aprofundamento)

No que se refere à avaliação sublinhe-se que os seus registos privilegiam tanto os aspectos positivos como os negativos. Dá grande ênfase à auto-avaliação, no sentido da própria tarefa, mas também em sintonia com os objectivos pretendidos.

“Faço anotações pontuais quando as reacções dos alunos se destacam ou pela positiva ou pela negativa. Os alunos por sua vez preenchem uma grelha de auto - avaliação elaborada de acordo com as actividades realizadas e os objectivos pretendidos com a mesma. (...) As anotações e a auto - avaliação de cada aluno são feitas trimestralmente.”

(Entrevista de Aprofundamento)

O trabalho a partir da Mediateca está interligado com todas as áreas, reflectindo-se desse modo na avaliação trimestral e de forma implícita na ficha de informação trimestral. Além disso, existem outros sistemas de comunicar aos Pais e Encarregados de Educação dos alunos o trabalho que estes desenvolvem, quer através do Jornal da Escola, quer pelas exposições de trabalhos que a Escola promove, funcionando assim como espaço de socialização e interacção acrescida da própria comunidade educativa.

“Os trabalhos que os alunos fazem podem ser mostrados individualmente aos Pais, mas há sempre uma exposição de trabalhos que é outra forma de valorizar o que eles fizeram e nessa exposição os Pais vêm à Escola (...) através do Jornal da Escola.” (1ª Entrevista)

A opinião dos Pais e Encarregados de Educação dos alunos desta professora sobre a Mediateca é, segundo a própria, muito positiva, por a considerarem como mais um meio de desenvolvimento, interesse e estima pelas actividades escolares, reforçando o papel do professor como um elemento orientador das dinâmicas de informação e de motivação, centrado nos recursos existentes na Mediateca e à disposição dos alunos.

“As opiniões, os contactos que tenho tido com Encarregados de Educação é que eles consideram importantíssimo (...) a existência da Mediateca. É mais uma actividade, um meio para desenvolver a aprendizagem, para desenvolver o gosto por outras actividades, a Escola não se limita (...) ao professor a debitar determinados assuntos, (...) há outros meios que os alunos podem utilizar (...).” (1ª Entrevista)

Relativamente aos Pais cujos filhos frequentam outras escolas, refere na sua primeira entrevista, que os mesmos manifestaram o desejo de transferência dos seus filhos para esta escola, pelo facto de existirem bastantes recursos potenciadores de aprendizagens comparativamente com outros estabelecimentos de ensino do 1º ciclo. Opinião idêntica têm os professores, seus colegas de outras escolas, manifestando interesse pela experiência e um evidente desejo de implementarem uma estrutura de tipo Mediateca na sua escola.

Esta professora considera fundamental que na Mediateca permaneça a tempo inteiro um professor, como única e sólida

possibilidade de uma eficaz organização dos recursos, facilitando assim o trabalho de professores e alunos.

“Os professores a tempo inteiro na Mediateca servem não só os alunos, mas também os outros professores da Escola. Quer dizer uma Mediateca sem professores a tempo inteiro acho que não funcionava lá muito bem, não funcionava bem a nível de organização.”

(1ª Entrevista)

O tipo de perfil que Elizabete considera mais importante para o desempenho das funções na Mediateca configuraria sempre um professor com alguma formação técnica adicional. Este último aspecto é, na opinião desta professora, uma situação a resolver por um acréscimo de formação, pois uma eventual introdução de técnicos na escola não resolveria o problema da interligação pedagógica entre a linguagem técnica dos meios, as necessidades de desenvolvimento curricular e os níveis etários e de desenvolvimento dos alunos.

“Não concordo, por exemplo, com um técnico de computadores na Escola, porque os computadores são para ser utilizados por miúdos e um técnico de informática não tem preparação adequada para trabalhar com os miúdos, para saber o que pode tirar daquela máquina.

A formação específica devem ter os professores, nunca um técnico.(...) não posso separar a formação técnica da formação pedagógica.”

(1ª Entrevista)

A ideia de evolução, actualização e sobretudo da acção, do movimento do espólio da Mediateca e actividades a ela inerentes em

correspondência com as necessidades do ensino, está patente nas afirmações proferidas por esta professora.

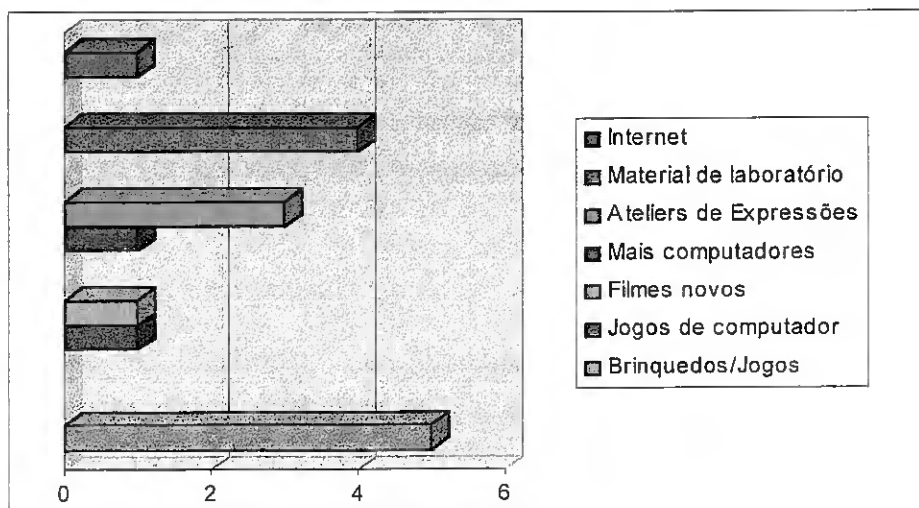
“A Mediateca não é uma coisa que se constrói num determinado momento. Existe a Mediateca na Escola, já existem livros, existem vídeos e agora acabou !

Não, a Mediateca vai-se construindo ao longo dos anos, ao longo da sua existência, vão surgindo materiais novos, livros novos, vídeos novos ... a Mediateca não é uma coisa que esteja parada está sempre em evolução.”

(1ª Entrevista)

É notória, por parte dos alunos desta professora, a necessidade expressa pela constante evolução da Mediateca, à inovação como seja a Internet, a informática, a actividade experimental e, como não poderia deixar de ser, neste nível etário, o interesse pelo aspecto lúdico, quando manifestam o desejo da existência de mais jogos e mais brinquedos, revelando assim a simpatia e interesse que este espaço representa aos olhos dos alunos, como se constata pelos gráficos seguintes (gráficos 8 e 9) relativamente às sugestões e alterações:

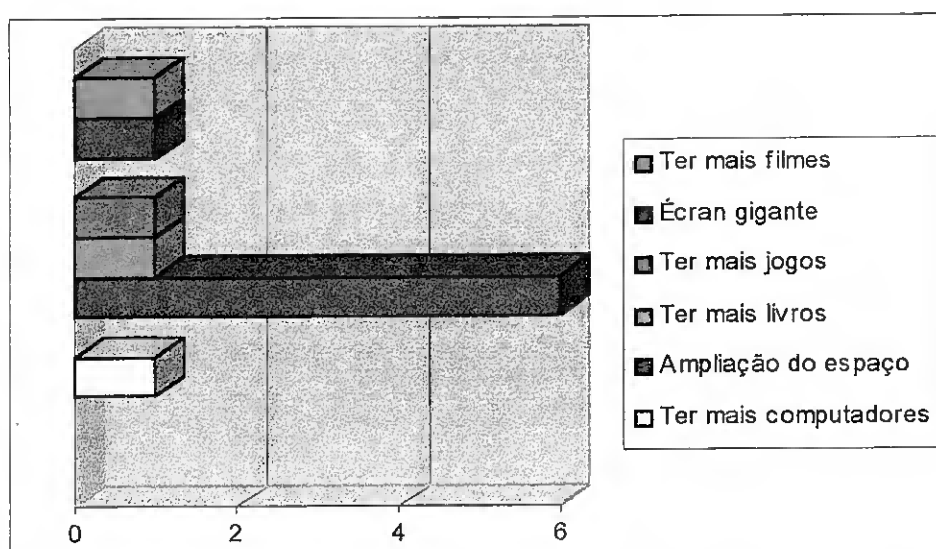
Gráfico nº 8  
Dá Sugestões de Novas Actividades e de novos Materiais



É significativa a opinião unânime dos alunos em relação à modificação do espaço da Mediateca propondo uma ampliação para as actuais e futuras actividades.

Gráfico nº9

O Que achas que Deveria Ser Modificado na Mediateca



**Síntese** – Elizabete lecciona o 3º ano de escolaridade, tem 38 anos de idade, possui como habilitações literárias o Magistério Primário. Leccionando há 17 anos, iniciou a sua actividade profissional como professora da Telescola onde, durante seis anos, foi responsável pela área de Línguas. Há 9 anos exerce a docência na escola onde se desenvolve este estudo, na situação de Professora do Quadro Distrital de Vinculação. Permanece nesta Escola por opção em detrimento de outras escolas mais próximas da sua residência. Esta opção foi determinada por aspectos de relação interpessoal no grupo de trabalho, pela tipologia de espaços e pelos recursos materiais que encontrou, considerando-os elementos bastante positivos e compatíveis com as suas práticas educativas para a heterogeneidade dos alunos que tem.

Relativamente aos recursos utilizados com maior frequência, surgem os livros, por considerar importante que os alunos do 3º ano de escolaridade contactem com um maior número de formas de escrita, de textos e autores e desenvolvam a capacidade de pesquisa e de criação de

formas autónomas de formação. Não recusa os outros meios, mas utiliza-os como complemento dos livros, considerando-os globalmente como uma forma importante de motivação.

Refere ter utilizado preferencialmente o vídeo nos dois primeiros anos de escolaridade, quando os alunos ainda não dominavam a leitura e a escrita.

Embora esta professora não refira o computador, os seus alunos fazem-no com alguma frequência e a própria professora indica ao longo da recolha de informação, a realização de trabalho no computador.

A área em que mais utiliza os recursos da Mediateca é o Estudo do Meio e indirectamente a Língua Portuguesa, sendo esta preferência justificada, segundo Elizabete, pelo facto desses recursos contemplarem mais facilmente aquelas áreas e também por considerar fundamental desenvolver nos alunos o gosto pela leitura, numa tentativa de equilibrar a grande influência do audiovisual.

Elizabete considera ser possível, através das matérias pesquisadas e dos recursos da Mediateca, os alunos desenvolverem e produzirem trabalhos para comunicarem às outras turmas, facilitando desse modo o desenvolvimento da capacidade de socialização, de diálogo, de intervenção e de espírito crítico. Nestas comunicações inter-turmas os alunos através dos diversos meios à sua disposição praticam igualmente a expressividade e a desinibição, atitudes relevantes na construção das suas personalidades.

Elizabete encara a Mediateca numa dupla perspectiva de auto-formação e de recurso para a planificação e aplicação dos instrumentos da didáctica na sala de aula.

Esses recursos, segundo esta professora, não são utilizados de igual forma do 1º ao 4º ano de escolaridade, antes adequados à faixa etária e às capacidades dos alunos para com eles trabalharem. Também é salientada por esta professora a importância do próprio espólio da Mediateca e que este deve adaptar-se e corresponder ao nível de desenvolvimento dos alunos no sentido de proporcionar graus de exploração diferentes, devendo esse mesmo espólio ser apelativo de forma a proporcionar a apetência pela pesquisa e pelos comportamentos conducentes à aquisição de hábitos de trabalho e de autonomia.

Elizabete considera que todos os alunos necessitam igualmente dos

recursos da Mediateca, porque eles são motivantes, mas salienta a grande importância que estes têm particularmente para os alunos com mais dificuldades e que requerem uma maior diversificação de materiais.

Esta professora salienta o interesse e a motivação como pontos mais salientes do trabalho desenvolvido pelos recursos da Mediateca, tendo-se revelado para os alunos com maiores dificuldades e essencialmente provenientes de um meio social e cultural mais débil, de grande oportunidade e adesão.

Elizabete encoraja os alunos para a produção de materiais, que irão fazer parte do espólio da Mediateca, como os livros de autor, os vídeos, albuns temáticos, etc., considerando esta atitude um contributo muito útil para a autoestima dos alunos, uma vez que através da intercomunicação, dá um sentido objectivo aos seus produtos e trabalhos.

Os trabalhos dos alunos que fazem parte do espólio da Mediateca passam por várias fases, destacando-se a escolha temática e o suporte em que irá ser apresentado como as principais, aos quais se junta a forma democrática de escolha pelo professor e alunos com base em critérios, formativos e informativos.

Na sala de aula, Elizabete desenvolve metodologias assentes no trabalho de grupo e tutoria, o que de acordo com esta professora, é uma das formas de os alunos com mais dificuldades serem ajudados pelos colegas, devido à proximidade de linguagens, tentando compatibilizar os seus interesses e iniciativas com a programação obrigatória.

A individualização do ensino é praticada sobretudo para os alunos com mais dificuldades, diversificando as metodologias conforme os contextos, privilegiando bastante o trabalho de pesquisa e procurando a interdisciplinaridade a partir tanto da Língua Portuguesa como do Estudo do Meio.

Assim, a gestão da sala de aula para Elizabete baseia-se na localização e disponibilidade dos recursos requisitados à Mediateca, de forma a desenvolver o trabalho directo com toda a turma ou o ensino individualizado, diversificando as metodologias e procurando desenvolver nos alunos a capacidade de autonomia de forma a deslocar para eles o centro das aprendizagens.

Elizabete considera que os recursos da Mediateca vêm facilitar a individualização do ensino e a diferenciação, bem como, a diversificação

das actividades, valorizando nesse sentido a necessidade da continuidade da organização dos recursos da Mediateca de uma forma actualizada e sistemática.

Do registo da avaliação em relação à utilização dos recursos da Mediateca Elizabete privilegia os seguintes indicadores de avaliação: o interesse, a motivação, o desenvolvimento do espírito de entreajuda e a capacidade de encontrar soluções para os problemas.

Refere igualmente que a modalidade que mais privilegia é a auto-avaliação, para além das suas descrições individuais para cada aluno. A avaliação para Elizabete faz parte de um todo, que é toda a actividade do aluno na Escola, daí que a avaliação da Mediateca se reflecta de forma integrada no registo trimestral dos alunos em todas as áreas do currículo.

Para além desta avaliação mais formal, Elizabete também considera que as exposições de trabalhos, o jornal escolar são formas de registar e socializar a evolução/avaliação dos alunos junto dos seus Encarregados de Educação.

É de opinião que é positiva a experiência da Mediateca, junto dos Encarregados de Educação, pois estes consideram-na como um meio de desenvolvimento e de interesse e estima pelas actividades escolares, para além de reforçar a identidade do professor, como orientador das dinâmicas de informação e de motivação centradas no livre acesso dos recursos da Mediateca.

Esse impacte positivo é reforçado pelo facto de alguns Encarregados de Educação desejarem a transferência dos seus educandos para esta Escola por razões que se prendem com a qualidade dos materiais e equipamentos e a relação dessa realidade com o tipo de aprendizagens e dinâmicas de trabalho.

Por outro lado, professores de outras escolas, têm igualmente manifestado o interesse pela implementação de estruturas similares.

É por isso fundamental para Elizabete, ao nível dos recursos humanos um professor a tempo inteiro, para a organização e facilitação dos recursos da Mediateca para alunos e professores. Prefere nesse caso um professor na Mediateca a um técnico da área multimédia por considerar que este não resolveria de forma globalizante a interligação pedagógica entre as necessidades, o desenvolvimento dos alunos e os conteúdos programáticos.

Daí considerar como tipologia ideal de Professor para a Mediateca aquele que, para além da formação inicial, tenha uma formação especializada na área da Mediateca e Informática, numa perspectiva de formação contínua e acompanhando a evolução e necessidades do ensino/aprendizagem.



#### 4. Marta

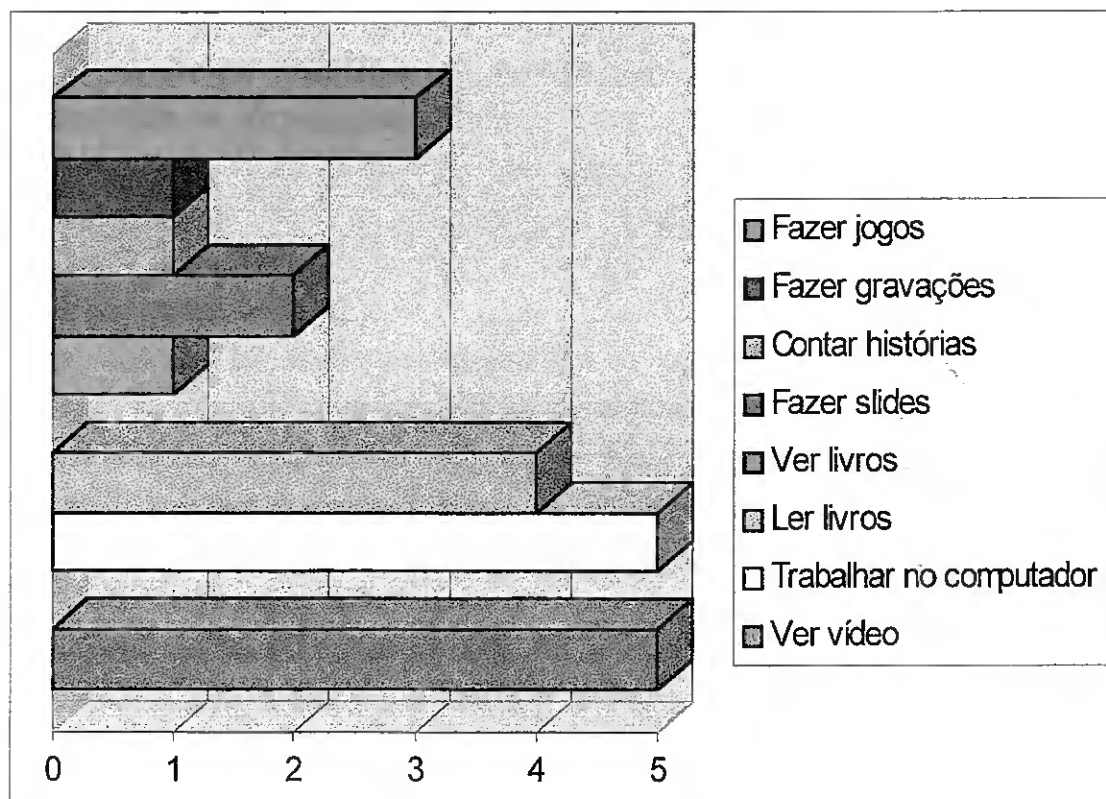
Marta professora do 4º ano de escolaridade, de 43 anos de idade, possui o Curso do Magistério Primário, iniciou as suas funções lectivas em 1978, tendo sido colocada nos primeiros anos em escolas distantes do seu local de residência, maioritariamente escolas isoladas e rurais.

Durante um ano leccionou na Madeira, na tentativa de se efectivar, atendendo à facilidade de se atingir este objectivo nesta região. No entanto, isso não veio a acontecer, regressando ao Continente no ano seguinte sem conseguir até ao momento pertencer ao Quadro Geral. Permanece nesta escola há 9 anos, como 1ª opção no Concurso de Vinculação Distrital, apesar da possibilidade de colocação em escolas mais próximas da sua residência. Marta justifica a sua continuidade nesta escola por razões de uma óptima relação profissional e parceria de trabalho de equipa com outra colega e também pelas condições que a Escola apresenta ao nível dos recursos humanos e materiais, apesar da sua inserção numa área problemática do ponto de vista sociocultural.

Na utilização dos recursos da Mediateca, os mais utilizados por Marta são fundamentalmente os livros, o vídeo e o computador. Refere a utilização do computador ao nível da Matemática e da Língua Portuguesa (escrita). Nesta área indica a existência de alunos seus que preferem escrever mais a computador do que à mão, afirmação que é comprovada nas respostas dos seus alunos à questão: O que gosto mais de fazer na Mediateca? O computador e o vídeo recolhem a totalidade das preferências dos alunos, logo seguidos da leitura do livro que ultrapassa mais de metade dessas preferências (gráfico 10).

Gráfico nº10

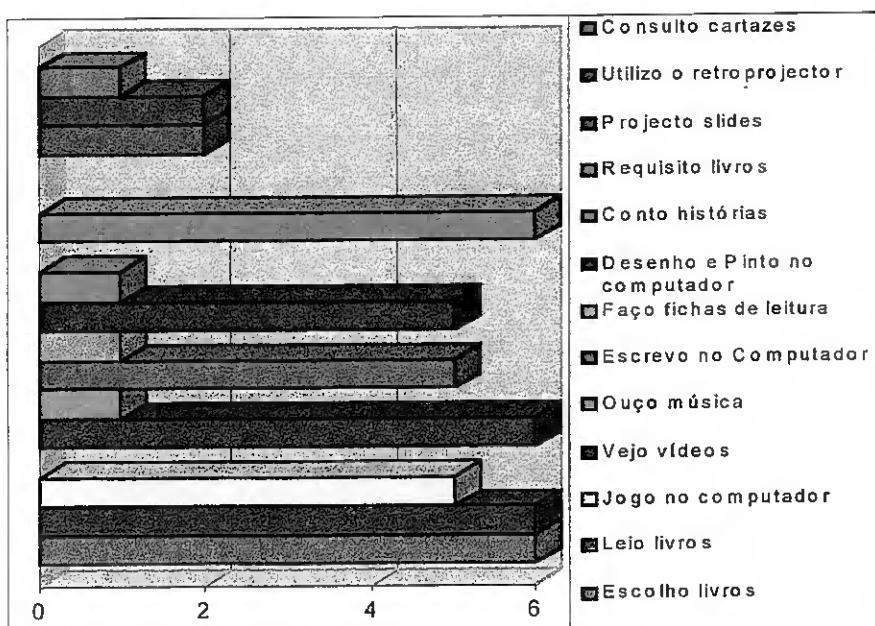
O Que gosto mais de fazer na Mediateca?



Apesar da diversidade de actividades expressas nas respostas dos alunos da professora Marta, quando questionados sobre “O que faço na Mediateca?”, a maioria dos alunos referem as relacionadas com o livro, o computador e o vídeo, conforme o gráfico 11.

Gráfico nº11

O que Faço na Mediateca?



Em síntese, e cruzando o resultado dos gráficos com as afirmações dos seus alunos, pode-se inferir que os recursos mais utilizados pelo professor têm alguma correspondência com os mais utilizados e com as preferências dos alunos.

“(...) O que uso mais é o vídeo, os livros e depois há o trabalho de computador, (...) o que utilizo mais é o livro e acho que é fundamental .

(...) O computador, usa - se também o computador na sala de aula, a nível da Matemática e de texto. Há miúdos que gostam de escrever mais no computador do que à mão. E desenho também fazem no computador .”

(1ª Entrevista)

Já no que se refere aos recursos menos utilizados pela Marta encontra-se o retroprojector, o qual não pertencendo às preferências dos seus alunos, é referenciado como sendo utilizado por estes.

As áreas curriculares mais privilegiadas no âmbito da utilização dos recursos da Mediateca são a Língua Portuguesa e o Estudo do Meio, basicamente no suporte livro, pois Marta considera fundamentais os livros, como incentivo à leitura no 1º ciclo e forma de consolidação e interiorização do gosto pela leitura antes da transição para o 2º ciclo.

“Na Língua Portuguesa (...), para já faz parte em termos de organização da própria escola, os miúdos vão buscar livros à Mediateca, depois (...), esse livro é trabalhado na Mediateca e muitas vezes se há miúdos que estão interessados em contar o que leram isso também é trabalhado na sala de aula, portanto em termos de leitura. Depois há também trabalho a nível do Estudo do Meio (...). Em termos de leitura, eu acho que é fundamental incentivar os miúdos para a prática da leitura, acho que para miúdos ao nível do 1º ciclo é fundamental porque depois quando transitam para o 2º ciclo vão muito motivados.”

(1ª Entrevista)

O contributo da Mediateca para a valorização pessoal e profissional desta professora é importante pois permite à diversificação dos trabalhos, evitando o abuso de rotinas pedagógicas e proporcionando meios para a planificação e preparação das aulas. Permite igualmente dosear os níveis de aprofundamento, remediação e enriquecimento das temáticas a abordar com a pluralidades dos alunos em diferentes situações de aprendizagem.

Desta forma, toda a estrutura do trabalho através da Mediateca vem contribuir para a sua valorização profissional, constituindo também um estímulo para o desenvolvimento pessoal assente numa constante disponibilidade que a renovação de hábitos de trabalho proporciona.

“Eu acho que contribui para desenvolver hábitos de trabalho no professor, porque a Mediateca faz com que não se trabalhe sempre da mesma maneira os temas que temos a tratar. (...) quando se vai dar um determinado tema o professor vai à Mediateca e vai ver que materiais é que dispõe para utilizar, porque não se vai dar o trabalho para os miúdos sem primeiro termos conhecimento dele, não é? Portanto, primeiro vou lá consultar, vejo o que é interessante.(...) Inclusive às vezes nem sou eu que vou requisitar os livros, mas já sei quais são os livros e mando-os, são eles que vão buscar os livros que interessam para determinado trabalho.

Vou buscar material para dar as aulas à Mediateca (...) faço consulta, para fazer trabalho de fichas pois para lhes dar trabalho temos que consultar, pesquisar temos que ir lá buscar.

É evidente que inclusive os próprios professores tiram benefícios da Mediateca, portanto valorizam-se muito mais.

(...) noutras salas se calhar onde o professor é mais directivo onde a criança depende mais do professor, se calhar a Mediateca serviu para despoletar todos estes comportamentos diferentes e ajudá-lo a que se formasse dum maneira muito mais aberta.”

(1ª Entrevista)

A utilização dos mesmos recursos da Mediateca não se faz, para este professor, de igual forma para os quatro anos de escolaridade. Tudo obedece a uma evolução, salientando, por exemplo, que a incidência na relação com o livro, no 1º ano de escolaridade, deve ser explorada, pois ainda que sem capacidade de leitura os alunos devem ser incentivados a levar os livros para casa como passo decisivo na apropriação e pré-sensibilização para as práticas futuras de leitura e sua evolução progressiva nos outros anos de escolaridade.

Relativamente aos outros recursos, Marta considera que a sua forma de utilização se deve revestir dos mesmos cuidados e tendo sempre em conta as características dos níveis em causa.

“Eu acho que essas coisas não se utilizam da mesma forma. Acho que essas coisas vão evoluindo.(...) ao nível do vídeo acho que não se deve estender com vídeos demasiado prolongados, porque o tempo de atenção é muito limitado, torna-se cansativo se for um vídeo demasiado longo (...) evidente que nos 1<sup>os</sup> anos, os miúdos estão mais interessados nos vídeos com animação sem legendas.”

(1<sup>a</sup> Entrevista)

Marta, ao considerar o papel do professor como um orientador, gestor de recursos de forma a simplificar a construção de todo o processo de aprendizagem aos seus alunos, encara a Mediateca como o lugar intermédio e facilitador da aprendizagem e também do ensino. Assim, afirma que a Mediateca contribui para criar hábitos de trabalho quer nos alunos, quer nos professores. Proporciona o trabalho de pesquisa, o trabalho de grupo e o espírito de entreajuda.

“Eu acho que contribui para desenvolver hábitos de trabalho nas crianças e no professor, porque a Mediateca faz com que não se trabalhe sempre da mesma maneira os temas que temos a tratar.

(...)habitua-se a trabalhar em grupo, ao espírito de entre-ajuda. Acho que isso é fundamental, porque eles quando vão, por exemplo fazer um jogo no computador nunca vão sozinhos vão sempre dois ou três no máximo se há um que não é capaz de completar, por exemplo, o puzzle do corpo humano o outro ajuda, nesse aspecto é fundamental, ajuda o outro que tem mais dificuldades e o

outro que tem mais conhecimentos está a contribuir para que o outro aprenda e se sinta mais seguro.”

(1ª Entrevista)

No entanto, refere que o trabalho desenvolvido com os alunos tem uma componente importante de gradualismo das actividades, pois é necessário no caso, por exemplo, de um trabalho de pesquisa, uma orientação inicial de apoio do professor até que os alunos ganhem autonomia suficiente para essa pesquisa e aquisição dos conhecimentos. A incidência é assim dirigida à aquisição de hábitos de trabalho, embora entre a apropriação dos conhecimentos e hábitos de trabalho existam pontos de contacto e interligação. Este processo de trabalho faz com que o centro da aprendizagem não esteja apenas centrado no professor, mas se desloque igualmente para a capacidade dos alunos utilizarem os recursos disponibilizados.

“É evidente que no princípio do trabalho de pesquisa tem que o professor ajudar, orientar inclusive chamar a atenção: olha o tema que interessa está aqui procura, ajuda-se, à medida que o tempo vai passando eles vão-se tornando autónomos e independentes. Eu considero que conteúdos e hábitos de trabalho devem estar mais ou menos interligados. Dá-me ideia que é isso (...) é evidente se os alunos tiverem bons hábitos de trabalho é mais fácil chegarmos aos conteúdos.”

(1ª Entrevista)

Ao nível da aprendizagem e do conhecimento que é construído e descoberto pelo próprio aluno, tal facto é considerado muito positivo e motivante para outras aprendizagens, uma vez que todo o seu processo de aquisição se processou em moldes activos ao contrário de um processo passivo adquirido por mera transmissão do professor.

“Em termos de conhecimento acho que se constrói muito mais o conhecimento através da experimentação, da prática, da procura, de serem eles a procurar do que a serem debitados pelo professor. O professor é um mero orientador dá-lhes os materiais, facilita-lhes os materiais, mas são eles que constroem todo o processo.”

(1ª Entrevista)

Dando importância aos recursos da Mediateca para todos os alunos da turma, Marta considera no entanto fundamental a diversificação de recursos sobretudo para os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem, pois é para estes que a aposta da motivação é mais difícil por constituírem geralmente o núcleo de crianças oriundas de meios sócio culturais débeis e desestruturados.

“Eu acho que a Mediateca é importante para todos os alunos, mas considero que ela deve ser(...), que os materiais da Mediateca devem ser mais aproveitados pelos alunos com mais dificuldades de aprendizagem, crianças de um meio sócio cultural mais deficiente que não têm computador, não têm televisão, quer dizer televisão têm, mas têm pouco contacto com o livro com essas coisas portanto acho que esses miúdos beneficiam muito mais (...) acho que deve estar essencialmente apontado para esses miúdos independentemente de ser para toda a turma.”

(1ª Entrevista)

Também considera que os recursos da Mediateca são fundamentais para as crianças que revelam problemas emocionais e por esse facto estão inibidos no interesse para a aprendizagem, sendo neste caso importante diversificar os materiais e as actividades, justificando-se assim o papel da Mediateca como espaço de descompressão e desinibição:

“Considero que a Mediateca é fundamental. Portanto é muito mais fácil para esses miúdos que em geral têm dificuldades, na motivação, são miúdos que têm dificuldade em ouvir o professor, por muito tempo. São miúdos para quem se tem de variar muito os trabalhos, portanto têm que ter trabalhos muito diversificados. Essas materiais são bastante facilitadores.(...) miúdos com maior dificuldade de aprendizagem, com problemas emocionais, são miúdos que estão afastados dos Pais, esses miúdos são carenciados em termos gerais quer afectivos, quer culturais, portanto são alunos com mais dificuldades. São miúdos de meios sócio - económicos bastante degradados (...).” (1ª Entrevista)

Em relação aos trabalhos produzidos pelos seus alunos, sobretudo livros e cartazes, muitos fazem parte do espólio da Mediateca, sendo a maioria deles feitos já com essa intenção.

Esta professora acha esta atitude bastante positiva porque ela contribui para a valorização do aluno, é uma forma de comunicação indirecta com os outros, pois em qualquer momento os próprios pais e adultos e sobretudo os colegas podem aceder a esses materiais, servindo de estímulo para trabalhos futuros e particularmente os alunos com mais dificuldades que assim se confrontam com trabalhos mais próximos do seu nível etário.

“(...) é evidente que é muito mais interessante para a criança estar a fazer um trabalho que sabe que vai ser útil para os outros, que é visto pelos colegas, que é valorizado pelos colegas e depois por toda a escola: vêem os professores, vêem os pais, porque os trabalhos vão para exposições, as crianças fazem-no com muito mais gosto, acho que é errado não valorizar o seu trabalho, e para as crianças com mais dificuldades essa valorização é altamente estimulante.” (1ª Entrevista)

A professora Marta considera fundamental a Mediateca como fonte de motivação a partir dos recursos que proporciona, mas pensa ter sentido apoiar as produções dos alunos pois essa atitude contribui para fomentar um estatuto de aproximação entre os trabalhos de autor e os dos alunos.

“Considero que é um elemento bastante motivador eles terem conhecimento que “gente” da sua idade também é capaz de produzir material que virá a ser utilizado mais tarde para transmitir conhecimentos a outros colegas.”

( Entrevista de Aprofundamento)

Esta professora organiza e modela o espaço da sala de aula de acordo com as actividades da turma, centrando o ensino/aprendizagem nas propostas ao e para o aluno, evitando ocupar uma posição demasiado unidireccional e central, dentro da sala de aula. Uma das preocupações de Marta na formação dos grupos é que exista uma certa iniciativa dos alunos não descurando que nessa composição a heterogeneidade impere na perspectiva de uma inter-ajuda mútua.

“Em termos de, organização de sala de aula depende do trabalho portanto, em determinado (...) na maioria dos casos no início do dia a sala está em U , dou a liberdade de se sentarem onde querem (...). Quando é necessário as mesas mudam-se, põe-se em grupo, em termos de trabalho acho que deve haver material para os alunos consultarem, ficheiros, há ficheiro na sala de aula, têm os materiais à sua disposição, vão buscar e consultar. (...) deixo-lhes sempre uma certa liberdade para que eles tomem a iniciativa (...) (1ª Entrevista)

Em relação às metodologias, aplica claramente um trabalho de metodologia de projecto, privilegiando o trabalho de pesquisa, a

expressão e a comunicação de forma a desenvolver a capacidade de resolução de problemas e hábitos de trabalho nos alunos, afastando-se das pedagogias mais directivas dentro da sala de aula. Insiste na necessidade de progressivamente se ajudar o aluno a ganhar esses hábitos de trabalho, no sentido de uma lógica de autonomia.

“(...) em vez de ser só expositiva, só com o professor apresentando matéria , portanto há uma prática muito mais diversificada se os alunos fizerem este tipo de coisas (...) aprendem, isto é, criam hábitos de leitura, criam hábitos de trabalho, hábitos de apresentar aos colegas (...) acho que isso é fundamental, comunicar com os colegas, há debate na turma, acaba por ser um trabalho muito mais enriquecedor (...)”

(1ª Entrevista)

No Diário de Aula Marta descreve uma situação de comunicação de trabalhos entre os seus alunos e os de outra turma. Nesta comunicação os alunos não só desenvolveram as suas capacidades de expressão/comunicação, mas igualmente a utilização das técnicas para utilização da aparelhagem.

“A primeira projecção foi só para a turma; não houve problemas, o trabalho tinha resultado.

Posto isto, foram convidar os colegas da sala ao lado e fizeram nova projecção.

No final gerou-se um pequeno debate acerca dos trabalhos.

A pedido dos colegas da outra turma, os alunos responsáveis pelo trabalho explicaram todos os “passos” dados para a sua realização.”

(Diário de Aula)

Assumindo-se contra o livro único, aposta na diversificação das fontes de leitura, considerando esta e a escrita as actividades a que no 1º ciclo dá mais importância, no sentido do desenvolvimento do gosto pela leitura e suas consequências futuras no quotidiano dos alunos e na abertura ao ler e ao escrever na perspectiva da procura do conhecimento, do imaginário e do lúdico na aprendizagem.

“(…) eu dou muita importância à leitura e à escrita acho que é fundamental no 1º ciclo que os alunos se habituem a ler acho que isso está à frente de tudo e por isso aposto muito na leitura e na escrita e portanto se os miúdos se habituarem a ler, a discutir os livros, a fazer trabalhos sobre os livros, por exemplo em vez de estarmos a debater a nível do funcionamento da Língua, serem eles a procurarem nos textos que leram, nos bocadinhos dos livros, portanto habituarem-se a fazer perguntas eles próprios sobre aquilo que leram, conversarem, acho que isso é importante (….) não é o livro único, para além do livro que tem na sala de aula, são utilizados os livros de autor, os livros que eles vão buscar à Biblioteca, os seus próprios livros. (….) portanto isto em termos de futuro acho que é fundamental (….) que os miúdos, são miúdos de 4º ano, (….) quando vão para o 2º ciclo sabem trabalhar os temas, sabem comentar um livro, ficam a saber que quando fazem recolha de determinados trabalhos e vão consultar certos livros, devem citar as fontes.”

(1ª Entrevista)

Embora este professor dinamize nas suas práticas o trabalho de grupo, recorre igualmente ao trabalho de parceria entre os alunos na superação de dificuldades, contribuindo assim para o desenvolvimento de capacidades de metacognição, bem como para o sentido de amizade e de ajuda entre os alunos, numa linha de educação para os valores.

“Esses miúdos, como já o disse, não estão isolados, procuro pô-los próximo dos colegas que são bons alunos para haver incentivos ao desenvolvimento do espírito de entreajuda, de colaboração. (...) é habitual é que eles ajudem os colegas que têm mais dificuldade, acho que isso é fundamental para desenvolver a amizade, o espírito de entreajuda e inclusive para que os que têm mais dificuldades (...), não apresentem sempre as coisas mal feitas, portanto verem que são capazes de se saírem bem, que são capazes de fazer coisas, mesmo que não seja ao mesmo nível, mas ver que têm capacidades, que não são incapazes, acho que é fundamental para desenvolver a auto - estima e o espírito de entreajuda entre os miúdos. (1ª Entrevista)

Marta privilegia os grupos heterogéneos para contribuir para o desenvolvimento da entreajuda. Considera positivo os alunos ultrapassarem dificuldades entre si, colaborando uns com os outros.

“Faço questão em formar grupos que sejam heterogéneos para que os alunos com mais conhecimentos ajudem os que revelam mais dificuldades.

Considero que esta forma de organização de sala de aula contribui bastante para desenvolver o espírito de entreajuda, podendo os alunos que têm mais conhecimentos ajudar aqueles que revelam mais dificuldades nas aprendizagens.”

(Entrevista de Aprofundamento)

Através do Diário de Aula é possível apercebermo-nos da organização flexível da sala de aula, permitindo simultaneamente diversificar actividades, contribuindo para o estudo das temáticas em questão. Refira-se que Marta não descurou o trabalho de pares, para proporcionar a entreajuda e o trabalho directo com alunos com menos

autonomia, assim como o trabalho de pesquisa autónoma para os mais desenvolvidos.

“Um grupo de alunos foi à Mediateca e requisitou alguns livros para pesquisa de conteúdos relacionados com o tema a trabalhar.

Em seguida, dividi-os em 2 grandes grupos.

Um responsável pelos Rios e o outro responsável pelas Serras.

O responsável pelos recados foi à Mediateca pedir para que tirassem as fotocópias necessárias.

Os alunos com mais dificuldades irão trabalhar a pares.

A minha maior intervenção (colaboração) foi junto de 2 grupos (1 grupo de 2 elementos e outro grupo composto por 3).

A composição destes grupos foi intencional: trata-se de alunos com menos autonomia, pelo que o trabalho em grupo, neste tipo de tarefas, me pareceu fundamental.

O resto da turma esteve a fazer pesquisa individual, embora me tenha apercebido que, por vezes, pediam ajuda a um ou outro colega, o que considerei bastante positivo.”

(Diário de Aula)

Depois de detectadas dificuldades nos seus alunos, Marta propõe-lhes actividades de acordo com o seu nível de desenvolvimento, de uma forma individualizada e o mais diversificada possível, utilizando vídeo, gravador, livros diversos, apresentando-as de uma forma lúdica. Também reafirma a importância dos recursos da Mediateca considerando-os fundamentais para os alunos com mais dificuldades e/ou mais desmotivados.

“Considero que os recursos de que a Mediateca dispõe são fundamentais para as crianças com mais dificuldades de aprendizagem.”

(Entrevista de Aprofundamento)

Em termos de avaliação da Mediateca, esta professora destaca o contributo dessa estrutura na criação de novas situações de autonomia dos alunos, proporcionando assim ao professor mais espaço para os momentos de observação da turma relativamente ao ensino/aprendizagem, contribuindo para a concretização de estratégias de superação mais eficazes para o desenvolvimento global do aluno, quer em termos de aquisição de conhecimentos, quer a nível de hábitos de trabalho com reflexos evidentes na avaliação global do aluno.

“Iniciámos a aula com a apresentação do trabalho utilizando o retroprojector. Havia dois alunos responsáveis pelo manuseamento do aparelho.

Cada aluno fez a sua intervenção, mostrando os conhecimentos adquiridos.

Já está preparada uma ficha de verificação, que apresentarei aos alunos nos próximos dias para que haja um registo escrito dos conhecimentos adquiridos.

Na fase do debate apresentaram algumas dúvidas e fizeram perguntas.”

(Diário de Aula)

Para Marta tudo é relevante para a avaliação, tudo o que o aluno faz é considerado e tido em conta na apreciação global que é descrita trimestralmente.

“A partir do momento em que os miúdos utilizam a Mediateca, estão a fazer novas aprendizagens e estão a seguir, a fazer aprendizagens que têm a ver com os programas e têm a ver com o currículo. Isso é inevitável. A partir dos materiais que usam, as aprendizagens serão melhores, isto é, eles fazem melhores aprendizagens. É inevitável que isso conta na avaliação, como é que eu posso separar a avaliação do aluno da Mediateca?”

(1ª Entrevista)

De um modo geral, este professor regista a avaliação após observação directa durante o desenvolvimento das actividades, privilegiando mais as atitudes e os comportamentos em detrimento das meras respostas ou apenas dos conhecimentos isolados.

“A avaliação das actividades a que recorro na Mediateca: Observo o comportamento dos alunos, registo atitudes e comportamentos que considero importantes quer sejam positivos ou negativos, faço fichas de verificação para ver até que ponto os temas tratados foram assimilados, promovo pequenos debates sobre esses temas, (...). Privilegio os seguintes indicadores:- Interesse, espírito de entreajuda, espírito crítico, participação nas actividades, capacidade em resolver determinadas situações que se revelam problemáticas, fazendo os alunos propostas para solucioná-las.”

( Entrevista de Aprofundamento)

Quanto ao impacte da Mediateca na comunidade educativa é de opinião que a sua existência é bastante positiva ao nível de escola, proporcionando uma mudança significativa no dinamismo da escola, facilitando as práticas activas através dos recursos que disponibiliza.

“(…), notou-se uma grande diferença na Escola no momento em que apareceu a Mediateca na Escola, portanto o dinamismo que houve na Escola foi muito maior porque, por exemplo, em termos de trabalho da Mediateca. É que na Mediateca não se faz só a leitura do livro os miúdos são capazes de dramatizar de fazer uma série de experiências, de música de muitas coisas que estão relacionadas com o livro (...) acho que isso é fundamental.”

(1ª Entrevista)

Outros elementos da comunidade educativa como os Pais estão informados e sensibilizados sobre as actividades que a Mediateca proporciona e estão bastante satisfeitos com a motivação que isso proporciona aos seus filhos. Em relação a outras escolas e professores, a Mediateca teve um impacte positivo no sentido de igualmente proporcionar o desenvolvimento de projectos nesse domínio.

“Eu acho que os Professores das outras escolas ficam de certa maneira encantados com a nossa escola (...) não têm Mediateca, mas tentam que a escola lhes seja apetrechada com uma série de materiais que a nossa escola tem. A Mediateca costuma ser visitada por outras Escolas para de certo modo colherem ideias.”

(1ª Entrevista)

Marta considera dois o número desejável de professores, um vocacionado para a Biblioteca e outro para o sector da Informática, visando uma maior articulação e capacidade de atendimento.

Quanto à formação desses professores, ela passa naturalmente pelos conhecimentos na área de computadores, programas, multimédia e audiovisuais. Considera, no entanto, que a componente técnica nunca se deverá sobrepor ao aspecto lúdico e à dinâmica pedagógica.

“(...) não pode ir para a Mediateca, pelo menos para os computadores uma pessoa que nunca tenha visto um computador.

Mas a formação inicial em computadores dá perfeitamente para trabalhar com as crianças na Mediateca com os computadores.

Porque o fundamental não é a utilização da máquina até às últimas consequências, mas a forma como se utiliza, portanto aquilo é mais um meio para ser tratado, mas de forma pedagógica e não só técnica, acho que o pessoal

da Mediateca nunca deve ser substituído por técnicos, mas sim devem ser professores, portanto as pessoas devem estar preparadas para usar os materiais e isso é suficiente para utilizá-los.” (1ª Entrevista)

O facto de dominar minimamente os computadores é suficiente como formação para o trabalho na sala de aula, mas considera que, se trabalhasse apenas na Mediateca, seria necessária uma formação mais aprofundada nessa área.

“(...) o fundamental não é a utilização da máquina até às últimas consequências, mas a forma como se utiliza, portanto aquilo é mais um meio para ser tratado, mas de forma pedagógica e não só técnica, acho que a Mediateca o pessoal da Mediateca nunca deve ser substituído por técnicos, mas sim devem ser professores, portanto as pessoas devem estar preparadas para usar os materiais e isso é suficiente para utilizá-los.

Acho que necessito de formação, não domino em termos de computador, não me sinto (...) uma coisa é utilizar na sala de aula com os meus alunos e outra coisa é utilizar na Mediateca com todos os alunos.

Sinto-me uma pessoa um pouco limitada em termos de máquinas; na sala de aula sim (...)”

(1ª Entrevista)

A aposta na Mediateca é para Marta um aspecto com futuro e com potencialidades pedagógicas adequadas à constante evolução do saber, da informação, e das aprendizagens contemporâneas.

“uma escola que tenha Mediateca está de facto a facilitar as crianças para que estejam a acompanhar a evolução. É

evidente que inclusive os próprios professores tiram benefícios da Mediateca, portanto valorizam-se muito mais. (...) uma escola que centraliza o ensino só no professor acho que é muito mais pobre atendendo à evolução que as coisas têm, às mudanças e desafios a que a sociedade está sujeita. É muito mais fácil se a Escola estiver apetrechada com meios audiovisuais e não só (...) livros de modo a acompanhar o evoluir da vida, da sociedade, da técnica e do conhecimento.”

(1ª Entrevista)

Marta considera que hoje é pouco estimulante centralizar o ensino só no professor, atendendo à evolução da vida, da sociedade, do estágio de desenvolvimento da técnica e dos conhecimentos.

**Síntese** - Marta professora de 4º ano de escolaridade, possui o Curso do Magistério Primário, iniciou funções em 1987. Pertence ao Quadro Distrital de Vinculação e exerce a docência nesta Escola há 9 anos, sendo esta a sua 1ª opção no Concurso de Vinculação Distrital.

Marta justifica a escolha desta Escola pela existência de uma óptima relação profissional e de trabalho de equipa com a outra colega de núcleo e também pelas condições que a Escola apresenta ao nível dos recursos humanos e materiais, apesar da sua inserção numa zona de intervenção prioritária. São estes factores que explicam a sua permanência nesta Escola apesar da possibilidade de colocação noutras mais próximas de sua residência.

Os recursos da Mediateca que mais utiliza são os livros, o vídeo e o computador.

As áreas curriculares mais privilegiadas no âmbito da utilização dos recursos da Mediateca são a Língua Portuguesa e o Estudo do Meio.

Marta tem como grande preocupação a utilização e o incentivo da leitura e o gosto e interesse pelo livro, considerando fundamental que no 1º ciclo se consolidem e interiorizem estas atitudes e hábitos.

Esta professora considera que a Mediateca dá um grande contributo

para a sua valorização pessoal e profissional, permitindo a diversificação e inovação de trabalhos, evitando demasiadas rotinas pedagógicas, permitindo apoiar a planificação das aulas, defendendo os recursos da Mediateca como um estímulo também para o seu desenvolvimento pessoal devido à capacidade de renovação de hábitos de trabalho que proporciona.

Para Marta os recursos da Mediateca podem ser utilizados pelos 4 anos de escolaridade, mas sempre tendo em atenção a evolução dos alunos do 1º ao 4º ano, o seu desenvolvimento e características individuais.

Esta professora assume o papel do professor como o de um orientador e um gestor de recursos, sendo a Mediateca o lugar intermédio, facilitador da relação ensino/aprendizagem e das práticas activas de trabalho de descoberta e pesquisa.

Os recursos são considerados importantes para todos os alunos, fundamentais para a diversificação e para a diferenciação, sobretudo para os alunos com dificuldades de aprendizagem e de motivação, funcionando a Mediateca igualmente como um espaço de descompressão e desinibição.

Marta incentiva a produção de trabalhos em diversos suportes, com o objectivo de valorizar o aluno e a comunicação indirecta com outros colegas, dando sentido às aprendizagens e estimulando futuros trabalhos, que ficarão a fazer parte do espólio da Mediateca.

As metodologias preconizadas por Marta têm por base uma concepção de organização do espaço da sala de aula de acordo com as propostas dos alunos e as necessidades e dificuldades dos alunos, evitando uma situação de centralização em si, antes orientando e sugerindo as actividades, procurando na formação dos grupos uma composição heterogénea para que haja um trabalho de interajuda e trabalho de pares.

Nas metodologias utilizadas também privilegia nitidamente a metodologia de Projecto, partindo de um tema, subdividindo-o em pequenos projectos em conjunto com os alunos e atribuindo a cada um ou a cada grupo, tarefas diferentes, contribuindo para a globalidade do trabalho da turma.

Assim, ainda dentro desta metodologia são privilegiados o trabalho

de pesquisa, a expressão/comunicação, reforçando a capacidade de resolução de problemas, a aquisição de hábitos de trabalho, bem como, o desenvolvimento da autonomia.

Assume-se desfavoravelmente em relação ao livro único, aposta na diversificação das fontes do saber, como forma de criar o gosto pela leitura e incentivar à escrita na perspectiva da procura do conhecimento e do enriquecimento do imaginário e do lúdico.

É visível em Marta a preocupação de diversificar as formas de trabalhar e atender simultaneamente às dificuldades de aprendizagem dos alunos, usando o trabalho de grupo, o trabalho de tutoria e o trabalho de pares.

Individualiza e apoia directamente o aluno quando este necessita da sua ajuda, propondo para estes alunos o trabalho de parceria, o que contribui não só para superar as dificuldades dos que têm dificuldades, mas para promover o desenvolvimento de capacidades metacognitivas, bem como, o sentido de entreajuda numa perspectiva de educação para a cidadania.

Para Marta, a Mediateca proporciona novas formas e oportunidades de observação dos alunos relativamente ao ensino/aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias de superação mais eficazes ao nível de aquisição de conhecimentos.

Marta regista o que observa, privilegiando os comportamentos e as atitudes, sendo estes parte integrante do conjunto da avaliação do aluno. Os indicadores de avaliação mais valorizados ao nível da utilização dos recursos da Mediateca são os seguintes: o interesse, o espírito de entreajuda, espírito crítico, participação nas actividades e capacidade para resolver situações problemáticas.

Marta considera que seria desejável haver dois professores para desempenharem funções na Mediateca, um para a Biblioteca/Videoteca e outro para a Informática, visando uma maior eficácia na organização e articulação destes sectores.

Quanto à formação, acha que deverão ser professores com alguns conhecimentos técnicos, sem que contudo este aspecto se sobreponha aos aspectos lúdicos e à dinâmica pedagógica.

Marta considera que se desempenhasse funções na Mediateca necessitava de aprofundar os conhecimentos de informática.

O impacto da Mediateca é na sua opinião muito positivo, porque ela proporcionou uma mudança e um dinamismo diferente na Escola, facilitando as práticas activas através dos seus recursos, estando os próprios Pais dos alunos informados do que se passa, o que tem reflexos na motivação dos seus filhos proporcionada pela Mediateca.

A Mediateca, segundo Marta, teve igualmente um impacto positivo noutras escolas, uma vez que outros professores querem iniciar a instalação de estruturas idênticas e isso justifica as visitas de alunos e colegas dessas escolas.

A aposta na Mediateca revela-se assim uma aposta no futuro e com potencialidades adequadas à evolução do saber, da informação das aprendizagens contemporâneas, abrindo-se à vida, à sociedade, à técnica e ao conhecimento.

## **CAPÍTULO V**

### **ANÁLISE DOS RESULTADOS**



**Introdução**

Neste capítulo apresenta-se a análise dos resultados, realçando os diferentes domínios e variáveis abordados nesta investigação.

O estudo comparativo salienta tanto as semelhanças encontradas como as diferenças mais relevantes entre as quatro professoras. São também indicadas conclusões convergentes com outras investigações neste domínio, sempre que tal se revele oportuno.

**Percursos Profissionais dos Professores**

Do ponto de vista académico e profissional todas as professoras frequentaram o Curso do Magistério Primário na mesma instituição, mas em momentos diferentes. A média das suas idades é de 37 anos, verificando-se uma diferença de 18 anos entre a professora mais nova (Rosa) e a professora mais velha (Carla). Esta diferença atenua-se ligeiramente relativamente ao tempo de serviço, fixando-se a média nos 16 anos entre as referidas professoras. Desta situação resulta que Carla é a única que já pertence ao Quadro de Nomeação Definitiva enquanto as restantes se encontram no Quadro Distrital de Vinculação.

No que diz respeito ao tempo de serviço nesta Escola, Carla é naturalmente aquela que regista um maior período de trabalho docente com cerca de 12 anos, enquanto que Marta e Elizabete estão há 9 anos e Rosa apenas há 2 anos.

Este aspecto é importante pois Carla, Marta e Elizabete assistiram e participaram no projecto da Mediateca desde a sua fase inicial até ao actual estágio de desenvolvimento, enquanto que a entrada de Rosa na Escola aconteceu com a Mediateca já em plena actividade. Rosa, professora do 1º ano e mais nova em idade e em tempo de serviço é a que tem menos anos de docência nesta Escola.

A média das idades das restantes professoras é de 40 anos de idade. Carla é a professora que tem mais anos de serviço docente e a que lecciona há mais tempo nesta escola. À excepção de Carla, todas as

professoras estão no Quadro Distrital de Vinculação.

As professoras Marta e Elizabete têm o mesmo tempo de serviço docente e número de anos de colocação nesta Escola.

Rosa é a única das professoras do presente estudo que iniciou actividades nesta escola quando já existia Mediateca. Talvez por isso não justifique directamente a sua permanência nesta escola pelos recursos existentes na Mediateca, mas pelo facto de se reconhecer na dinâmica e espírito de equipa existente na escola.

A Mediateca e a sua capacidade de disponibilizar recursos e materiais, o relacionamento e dinâmica de grupo entre os professores, a tipologia de escola de área aberta e os projectos desenvolvidos são os principais aspectos apontados pelos professores como justificadores da sua continuidade nesta Escola, mesmo quando pelo facto de não serem efectivas, caso das professoras Marta, Elizabete e Rosa, poderiam optar por concorrer a outras escolas mais próximas das suas residências.

### **Recursos da Mediateca: os recursos mais e menos utilizados**

Todas as professoras do estudo são unânimes na referência à utilização dos recursos da Mediateca, quer na sala de aula, quer na Mediateca, como um meio integrante e um dado adquirido das suas práticas, apresentando flexibilidade e diferenciação nessa utilização.

Assim, Rosa, professora do 1º ano de escolaridade, dá particular importância ao computador e ao vídeo por entender serem meios com grande capacidade de motivação. No seu caso, o vídeo surge por razões que se ligam ao nível etário e ao estágio de iniciação à escrita e à leitura e como alternativa ao livro, o que permite a diversificação dos recursos.

Carla, professora do 2º ano, salienta a maior utilização dos recursos relacionados com os livros e a Biblioteca, recorrendo à Videoteca como fonte de documentação e de motivação para aprofundar temáticas de adesão e motivação mais problemática, ao nível da leitura e da pesquisa. A diversidade dos recursos como factor de motivação e interesse dos alunos é salientada pelos professores deste estudo, confirmando a opinião de Hassenforder e Lefort (1981), segundo a qual o facto de o aluno dispor

de documentos numerosos e diversificados permite-lhe exercer uma escolha, factor de liberdade que faz intervir a motivação. Na verdade, a motivação é apoiada pela presença de documentos, sendo um elemento essencial em qualquer processo pedagógico. Os documentos não se limitam a transmitir informação. Também são capazes de despertar interesse.

Recorre menos ao computador por razões pessoais que se prendem com lacunas de formação e conhecimentos de informática mas tal situação não impede que os seus alunos o utilizem, com o auxílio da professora da Mediateca cuja formação neste domínio é superior à sua.

Elizabete, seguindo o exemplo de Carla, privilegia também os livros, pois considera que os alunos do 3º ano necessitam de um maior contacto com novas formas de escrita, de diversificar textos e autores, de desenvolver a capacidade de pesquisa e consulta de informação, isto é, de criar formas múltiplas e autónomas de formação. Os outros recursos são utilizados como complemento do livro, evitando igualmente o recurso ao livro único adoptado, optando pela pluralidade dos livros no sentido de enriquecer e motivar os alunos para as aprendizagens. A perspectiva de livro único, está completamente posta de parte nas práticas destes professores, ao contrário do que acontecia antes do 25 de Abril de 1974, em Portugal, em que a informação na escola se caracterizava pelo monolitismo e pelo livro único. Vivia-se numa escola em que não interessava pôr os alunos a pensar, o discurso do professor era a base do conhecimento e a biblioteca escolar reforçava esse discurso, não se utilizando e sendo mesmo indesejáveis outras fontes de informação (A. Pessoa, 1994).

Marta, professora do 4º ano, manifesta uma preferência acentuada pelo livro, vídeo e computador não deixando de salientar que considera fundamental e prioritária a utilização do primeiro.

Dos recursos menos utilizados todas, à excepção de Carla, referem o retroprojector, como sendo aquele que menor número de vezes é usado, embora os alunos das quatro professoras indiquem a sua utilização.

### **As Áreas Privilegiadas na Utilização**

A Língua Portuguesa e o Estudo do Meio são as áreas curriculares relativamente às quais existe uma convergência de opinião sobre a aplicação privilegiada dos recursos da Mediateca.

Embora Elizabete privilegie o Estudo do Meio, é consensual entre todas as professoras deste estudo a importância do incentivo à leitura e à escrita no 1º ciclo, como forma de consolidação e interiorização da descoberta e do gosto por esta área nuclear, antes da transição para o ciclo seguinte. A importância atribuída à leitura e à escrita, em todos os professores deste estudo, é corroborado pelo documento do GEP (Gabinete de Estudo e Planeamento) que acompanhou o lançamento de bibliotecas das escolas básicas. Aí se salienta a importância da leitura como factor determinante do sucesso escolar das crianças, reconhecendo que “a biblioteca escolar pode ter um papel importante não só na aprendizagem da leitura e da escrita, mas também na sensibilização e fixação de hábitos de análise e pesquisa. Ensinar é investigar e ensinar a investigar deve começar logo na escolaridade básica”(GEP Educação,n.º3,1989:11).

Rosa refere ainda a Matemática como área curricular onde frequentemente utiliza os meios e materiais da Mediateca, os quais são considerados como um complemento às várias áreas curriculares. Tal como Elizabete, encara a Língua Portuguesa como lugar central e de interligação programática.

Uma outra razão para a abordagem destas áreas na Mediateca reside igualmente na maior oferta de recursos vocacionados para essas mesmas áreas, ou em relação às quais é mais fácil aceder e encontrá-los.

### **Utilização dos Recursos pelos 4 anos de Escolaridade**

Existe um denominador comum relativamente ao tipo de utilização dos recursos por parte das quatro professoras, centrado no princípio da adaptabilidade gradual dos vários suportes e meios disponíveis da Mediateca, ao longo da escolaridade no 1º ciclo.

É assim que Rosa refere a necessidade de empregar critérios de selecção e uma linguagem de comunicação adaptada ao nível etário dos

alunos e Carla aponta a evolução das atitudes e interesses dos alunos bem como o crescimento do grau de autonomia, como condicionantes da qualidade e pertinência dos meios a utilizar em cada momento, evitando a sua banalização por fenómenos decorrentes de uso excessivo e descontextualizado dos mesmos. E é segundo esta perspectiva que M. Baró e T. Mañà (1996) referem que a Mediateca deve dar resposta, prioritariamente, às necessidades dos alunos e tem que proporcionar os materiais adequados aos professores para que estes possam utilizá-los nas suas práticas lectivas

Elizabete e Marta reafirmam o cuidado em manter de forma constante a capacidade apelativa dos recursos sempre com um grau de exigência, em todos os anos da escolaridade do 1º ciclo, de acordo com o nível de desenvolvimento dos alunos.

Para Rosa, a utilização dos recursos da Mediateca é encarada com naturalidade e estímulo, ressaltando-se no entanto a sua adaptação a critérios de selecção, tendo em atenção o nível etário e avanço curricular da turma em concreto. Defende que se podem utilizar recursos do 1º ao 4º ano, desde que adaptando a linguagem desses mesmos recursos ao nível etário dos alunos.

Carla refere que a utilização não é feita de forma uniforme e rígida devido à natural evolução das atitudes, competências e interesses do conjunto dos alunos. Refere também um crescimento do grau de autonomia dos alunos ao longo dos 4 anos de escolaridade, facto que, favorece a utilização dos recursos, não tanto em termos de quantidade mas mais em termos de qualidade e pertinência, devendo ser evitado o perigo de alguma banalização dos mesmos.

Elizabete não utiliza os recursos da Mediateca de igual forma desde o 1º até ao 4º ano de escolaridade. Na base dessa opção pedagógica subjaz a convicção da docente de que é importante uma articulação com a faixa etária dos alunos e a capacidade evidenciada para desenvolverem trabalho com esses materiais. Do mesmo modo considera que os próprios recursos da Mediateca devem corresponder ao nível de desenvolvimento dos alunos no sentido de proporcionarem graus de exploração diferentes, procurando manter uma forma apelativa.

Marta refere que a utilização dos recursos da Mediateca não se faz de igual forma para os quatro anos de escolaridade. Tudo obedece a uma

evolução, salientando, por exemplo, que a relação com o livro, no 1º ano de escolaridade, deve ser explorada, pois ainda que a capacidade de leitura não esteja adquirida, os alunos devem ser incentivados a levar os livros para casa como passo decisivo para a apropriação e pré-sensibilização para práticas futuras de leitura e sua evolução progressiva nos outros anos de escolaridade.

### **A Mediateca como Facilitadora da Aprendizagem**

Todas as professoras do estudo são unânimes em sublinhar a importância das actividades desenvolvidas a partir e com os recursos da Mediateca, como forma bastante positiva e determinante na redução das dificuldades de aquisição de conteúdos, estimulando fundamentalmente o desenvolvimento de hábitos de trabalho conducentes à autonomia, atitude considerada da maior importância. Tal como salienta M. Baró e T. Mañá (1996) a biblioteca ou Mediateca deve proporcionar todos os elementos necessários para a formação e informação dos alunos. Uma das suas funções mais destacadas é a de instruir as crianças na procura da informação e desenvolver capacidade para a consulta de materiais documentais, seja qual for o seu suporte.

A aquisição de hábitos de trabalho através da Mediateca é sublinhada por Rosa, que os considera como antecâmara do processo de pesquisa da informação, podendo desse modo tornar a aprendizagem dos alunos mais facilitada.

Elizabete encara-a como forma a partir da qual o trabalho de pesquisa se adquire, desenvolvendo a apropriação de conteúdos, ajudando o próprio aluno a descobrir e a construir o seu conhecimento por processos activos de inegável repercussão nas aprendizagens, ao longo do seu percurso escolar e pessoal.

Tal como refere R. Canário (1994) a transformação das bibliotecas escolares em Mediatecas, está relacionada com processos de evolução pedagógica dos estabelecimentos de ensino, valorizando-se em especial as práticas e o processos de auto-formação dos alunos.

Marta e Rosa consideram ainda que, para os professores, os

recursos da Mediateca também são factores mais dinâmicos na aquisição de hábitos de trabalho com reflexo na renovação de estratégias de trabalho com as turmas.

Marta e Rosa valorizam o recurso aos apoios da Mediateca como meio para desenvolver igualmente nos alunos o espírito de entreajuda e de socialização, sendo este factor determinante para o desenvolvimento pessoal e interpessoal, bem como para a capacidade de intervenção e expressão de ideias de forma crítica. Tal como defende Resnik (1987) numa perspectiva cognitivista a pedagogia diferenciada é um processo de construção/formação global do indivíduo, visando a estruturação do pensamento do aluno e simultaneamente a sua personalidade. Deste modo, valoriza-se o desenvolvimento de capacidades e atitudes, considerando a importância das atitudes e das motivações na estruturação do próprio pensar.

Elizabete e Marta referem como aspecto importante o facto de ser o próprio aluno a construir o seu conhecimento, alterando-se assim o próprio estatuto do professor que, de detentor absoluto do saber passará a estar como afirma Marta, mais próximo do professor orientador/gestor dos recursos, simplificando e adequando a construção do processo de aprendizagem dos alunos. O novo papel do professor também é afirmado por J. Dias Coelho (1997), o professor já não pode, numa Sociedade de Informação, limitar-se a ser um difusor de saber, mas sim um parceiro de um saber colectivo que lhe compete organizar.

Também Marta considera a Mediateca como o lugar intermédio e facilitador da aprendizagem e do ensino, como um espaço vivo da mediação entre o aluno e o conhecimento. Esta professora diz-se, ao nível da pedagogia e da didáctica, defensora de processos activos, por oposição a um processo passivo de aquisição de conhecimentos por mera transmissão centrada no professor. Daí a deslocação para um ensino/aprendizagem centrado na capacidade dos alunos para utilizarem os recursos, baseado no gradualismo das actividades, onde se passe da orientação inicial de apoio do professor, para um estágio no qual os alunos ganhem autonomia suficiente para o trabalho de pesquisa e aquisição dos conhecimentos. Esta perspectiva de utilização de recursos para a auto-formação é referida por Canário et al. (1994), que salientam que, numa Sociedade da Informação, a actividade de ensinar tende a

subordinar-se à actividade de aprender. A construção de saberes depende menos de processos cumulativos de informação e mais da capacidade de identificar, procurar e organizar a informação necessária, voltando a utilizá-la em diferentes situações. Daí a relevância dada ao ensinar a aprender, associado ao desenvolvimento de competências para lidar com a diversa informação existente.

É nesse sentido que a Mediateca cumpre com mais facilidade esse importante papel no contexto das aprendizagens.

### **Alunos que Necessitam mais da Mediateca**

Ao referirem-se aos alunos que mais necessitam de utilizar os recursos da Mediateca as professoras Elizabete e Marta afirmam que todos necessitam igualmente deles por serem altamente motivantes e permitirem a sua diversificação pedagógica.

No entanto, todas as professoras do estudo, acabam por considerar a existência de alunos em relação aos quais, de facto, esta necessidade se coloca com mais acuidade.

Rosa, Marta e Elizabete confirmam que os alunos que mais necessitam dos recursos da Mediateca se encontram entre aqueles com dificuldades económicas e um maior défice cultural, oriundos de um universo social caracterizado pela escassez, pobreza e pouca diversidade desses meios e recursos.

E é neste sentido que Baró e Mañà (1996), afirmam que a biblioteca escolar aparece como agente igualitário que oferece as mesmas possibilidades a todos os alunos, independentemente do meio cultural.

Marta refere-se ainda aos alunos que revelam problemas de disfuncionalidade emocional e por esse facto estão mais sujeitos a uma maior inibição na motivação para a aprendizagem, como um grupo para o qual é também muito importante diversificar materiais e actividades, justificando-se assim o recurso mais intenso junto da Mediateca como espaço de descompressão, desinibição e compensação.

Carla, pelo contrário, coloca a questão da necessidade do recurso à Mediateca não tanto no plano das origens sócio- culturais, mas nas

capacidades intrínsecas dos alunos, dando como exemplo dessa necessidade os alunos que evidenciem uma maior ausência de hábitos de trabalho, de imaturidade, de desmotivação e todos aqueles cujo nível de desenvolvimento das formas de autonomia ainda se revele incipiente.

### **Trabalhos dos Alunos na Mediateca**

Rosa, Elizabete e Marta partilham a convicção de que é positivo os trabalhos dos alunos constituírem parte integrante do espólio da Mediateca, tal como livros de autor, revistas, C.D. etc., considerando esse aspecto útil na perspectiva da autoestima do aluno.

Para Carla, a Mediateca funciona como um incentivo para a produção de materiais revelando-se um factor de forte motivação adicional. Esta situação é valorizada por Baró e T. Mañà (1996), ao referirem-se aos trabalhos elaborados pelos alunos que, pela sua qualidade ou pelo tema, deverão ser conservados na Mediateca para consulta da comunidade escolar. Também Canário et al. (1994) salientam que esta é outra visão da escola e do ensino que transforma os alunos em produtores.

Elizabete e Marta consideram mesmo que o facto de os alunos produzirem materiais, contribuindo para o reforço do acervo da Mediateca, assume um carácter e uma forma de comunicação entre os alunos que, acedendo a esses materiais numa linguagem mais próxima da sua, se sentem estimulados na produção de trabalhos semelhantes, nomeadamente os que revelam mais dificuldades.

Os próprios professores encontram igualmente nesses trabalhos uma excelente matéria de consulta e um contributo para novas motivações e sugestões de futuras produções.

### Metodologias Desenvolvidas a Partir dos Recursos da Mediateca

Rosa, Elizabete e Marta procuram sempre desenvolver actividades que vão ao encontro das necessidades e interesses dos alunos. Elizabete salienta, no entanto, que tenta compatibilizar estas actividades com as opções programáticas obrigatórias.

Carla, embora não indique explicitamente dentro das metodologias utilizadas que procura ter em conta os interesses dos alunos, organiza, no entanto, trabalho de grupo de acordo com a especificidade e a expressão das dificuldades detectadas, capacidades evidenciadas e nível dos seus hábitos de trabalho e conhecimentos de forma a responsabilizá-los pela sua aprendizagem e pela evolução do grupo turma.

Todas as professoras do estudo referem ter uma organização flexível da sala de aula, de forma a desenvolver diferentes metodologias de acordo com as dificuldades e capacidades dos alunos e os recursos disponíveis e de acesso imediato. É na utilização de diferentes metodologias que faz sentido falar na diferenciação baseada na adequação das estratégias de ensino encontradas pelo professor às estratégias de aprendizagem de cada aluno (Meirieu, 1988; Vechi, 1992, Visser, 1993; Perrenoud, 1985).

Dentro desta organização flexível da sala de aula, as professoras organizam as metodologias centradas no trabalho de grupo praticado de forma directa e/ou indirecta, visando em particular os alunos com um menor grau de autonomia e de dificuldade, de forma a que constituam objecto de um apoio mais direccionado e individualizado.

Marta manifesta alguma preocupação na organização de grupos no sentido de proporcionar aos alunos a afirmação das suas capacidades de iniciativa, não descurando, por outro lado, que na formação dos grupos prevaleça a heterogeneidade, tendo por objectivo o desenvolvimento da interajuda.

Elizabete e Marta privilegiam o trabalho de tutoria, de parceria entre os alunos com vista à superação de dificuldades, contribuindo assim para o desenvolvimento de capacidades de metacognição, bem como para o sentido de amizade e de entreajuda entre os alunos, numa perspectiva de educação para os valores e educação para a cidadania.

Outro aspecto comum às quatro professoras é a utilização do trabalho de pesquisa, em livros e no computador com vista ao desenvolvimento da autonomia. Comum também é a utilização dos ficheiros auto-correctivos da Mediateca.

Para Rosa e Elizabete faz parte da sua estratégia para com os alunos o uso da auto-avaliação para as actividades realizadas a partir e com os recursos da Mediateca.

As práticas destas professoras apoiam-se na estrutura da Mediateca pelo que usam uma diversidade de metodologias de acordo com o desenvolvimento dos seus alunos e contextos de onde provêm, revelando capacidade para se adaptarem às situações reais dos alunos. Ideia corroborada por H. Raymond (1985), que salienta que a pedagogia diferenciada é o processo que procura aplicar um conjunto diversificado de meios e de processos de ensino e de aprendizagem a fim de permitir a alunos de idades, de aptidões, de comportamentos, de saberes-fazer heterogéneos, mas agrupados numa mesma turma que, por vias diferentes, atinjam objectivos comuns, ou em parte comuns.

### **Registo e Avaliação das Actividades a Partir dos Recursos da Mediateca**

Rosa, Carla, Elizabete e Marta referem que as actividades relacionadas com os recursos da Mediateca e interligadas a todas as áreas curriculares contribuem para a avaliação global do aluno, como elemento contínuo e transversal a todas as áreas.

Assim, a avaliação da utilização dos recursos é feita de uma forma inclusiva e diluída em todo o registo avaliativo do aluno.

É salientado pelas quatro professoras o reflexo na avaliação e socialização destas actividades, as quais assumem formas diversas de comunicação para com os Pais e Encarregados de Educação. Tais formas passam pela ficha de avaliação trimestral, pela exposição e consulta dos produtos dos alunos, pelos trabalhos publicados no Jornal Escolar e mesmo pelos momentos de encontro e animação com a comunidade escolar, cujo ponto de partida são as actividades desenvolvidas pelos alunos no contexto da Mediateca.

### **A Mediateca - Individualização e Diferenciação do Ensino**

A Mediateca é apontada pelas quatro professoras como uma estrutura de disponibilização directa dos recursos, situação que é desde logo propícia à diversificação dos recursos e apoio à individualização e à diferenciação do ensino, sobretudo para os alunos com dificuldades de aprendizagem e de difícil motivação para as actividades lectivas pela qualidade e diversidade das tipologias desses mesmos recursos. Assim, para que a escola esteja apta a tomar em linha de conta as diferenças entre os alunos, é preciso dar-lhe os meios de diversificação na sua acção, reconhecendo-se, como Perrenoud (1986) que “diferenciar o ensino é também fornecer ao aluno possibilidades de escolha na sua forma de abordar o saber”.

Rosa e Marta apoiam-se na avaliação formativa dos seus alunos e na auto-avaliação para desenvolver um trabalho apoiado numa programação diferente, diversificando as formas de abordagem pedagógica. O recurso à avaliação ou observação formativa (Perrenoud, 1991), é um problema de didáctica. A observação formativa é, portanto, inseparável duma vontade de diferenciação do ensino no quadro das pedagogias abertas e activas.

Assim, estas professoras, ao considerarem a sua turma heterogénea no seu ritmo de aprendizagem, na preferência que manifestam pelas diversas matérias, na relação com o professor e com os colegas e nas capacidades de trabalho, encontram nos recursos da Mediateca um instrumento facilitador de diferenciação, quer relativamente às actividades, quer à própria gestão da sala de aula.

Para além destes aspectos, Rosa salienta a diversidade dos contextos culturais dos alunos, os quais devem ser objecto de discriminação positiva, no sentido de promoção da sua integração como é o caso dos alunos de etnia cigana e outros (africanos, chineses, etc.), procurando valorizar os seus saberes, incorporando-os nas aprendizagens e no acervo da própria Mediateca, através de vários materiais sobre temáticas que vão ao encontro dessa necessidade de discriminação positiva. A pedagogia diferenciada é também vista como educação

(Boal, M. e outros, 1996), que leva a aprendizagens diferentes, percursos diferentes, formas diferentes de construir o conhecimento, como sublinha Diane Ravitch (1990), ao referir que um dos objectivos primários da educação pública é criar uma comunidade nacional, uma definição de cidadania e de cultura que seja não só expansiva, mas também inclusiva.

Elizabete considera que desde logo diversificar os recursos também é uma forma de diferenciar e dá como exemplo o caso dos livros. Não apoiando o livro único, mas sim a diversificação das fontes de leitura, por considerar estas e a escrita, actividades fundamentais no 1º ciclo, utiliza nesta perspectiva as múltiplas capacidades da Mediateca.

A diferenciação para estas professoras passa tanto pelo trabalho individual como pelo trabalho em pequeno e grande grupo, sem no entanto perder a unidade do grupo turma como afirma a professora Rosa.

A utilidade de alternar os momentos em colectivo com os momentos de trabalho individual, de trabalho de grupo ou de apoio directo do professor ao aluno é bem visível. A diversidade de materiais é também essencial para que os alunos possam trabalhar autonomamente, sem a dependência do professor, libertando-o para apoiar os alunos que necessitem, tal como é afirmado por Bouysse (1994).

Um ponto importante a reter prende-se com a organização e funcionamento das actividades as quais se estruturam e funcionam com regras e conceitos de democracia e civismo, proporcionando uma educação para os valores a todos os alunos. Como refere Jacques Delors: “Já não basta que os professores ensinem os alunos a aprender; têm também de os ensinar a buscar e a relacionar entre si diversas informações, revelando espírito crítico (...), levando cada um a comportar-se em sociedade como um indivíduo livre e esclarecido”(Jacques Delors,1996:166)

## O Contributo da Mediateca para a Valorização Pessoal e Profissional do Professor

É sobretudo nos aspectos relacionados com o apoio à planificação e preparação das aulas, que a Mediateca é encarada pelo conjunto das quatro professoras.

Constitui na sua perspectiva um elemento importante na diversificação das suas rotinas de trabalho, no enriquecimento das didáticas, metodologias e meios de actuação e como mais-valia pedagógica, permitindo, com uma facilidade acrescida, dosear os níveis de aprofundamento, remediação e enriquecimento das temáticas a abordar perante a pluralidade das situações.

Nesse sentido, a Mediateca é referida como uma estrutura que presta um contributo muito positivo para a valorização pessoal e a auto-formação assente numa dinâmica profissional mais estimulada e estimulante. É assim que, nas últimas décadas, diferentes sistemas escolares levaram a efeito iniciativas de modo a transformar as bibliotecas escolares em Mediatecas, estando essa transformação associada à renovação pedagógica das escolas, à valorização das práticas e de processos de auto-formação dos alunos (Canário et al., 1994).

Rosa considera mesmo que já a interiorizou como elemento da sua própria formação e um complemento natural e prático da sua actividade docente diária, enquanto Marta refere que, no seu caso, o desenvolvimento pessoal assenta na constante renovação dos hábitos de trabalho que a Mediateca proporciona. E é referindo-se à aquisição e renovação de hábitos de trabalho que Hassenforder (1972) e Delannoy (1983) consideram que as Mediatecas aparecem como forma de superar o modelo tradicional de escola, levando a que a escola evolua de um sistema de repetição de informações, para um sistema de produção de saberes, como também refere Canário (1994).

Carla ressalva alguma falta de disponibilidade pessoal como um factor que por vezes dificulta um maior aproveitamento e rentabilidade desses recursos, tanto na preparação de aulas como para a sua auto-valorização.

### **O Impacte da Mediateca na Comunidade Educativa**

Ao longo do estudo a Mediateca foi considerada como tendo um reflexo e impacte positivo, quer pelos professores e alunos da Escola, quer pelos Encarregados de Educação, Comunidade Educativa, e Professores de outras escolas e com um efeito de estímulo e apetência em relação a outras estruturas afins no meio escolar.

Rosa refere-se a esse reflexo como um elemento que já é assumido ao nível da identidade da Escola, ultrapassando o próprio território onde está implantada.

Carla, Elizabete e Marta referem-se às opiniões dos Pais e dos Encarregados de Educação salientando que estes consideram a Mediateca como um meio de desenvolvimento e interesse e estima pelas actividades escolares, cujos recursos potenciam a aprendizagem, confirmando que a existência da Mediateca proporcionou uma mudança significativa no dinamismo da Escola, tornando as práticas mais activas.

Elizabete e Marta referindo-se ainda a esse impacte alargam-no aos professores de outras escolas, os quais manifestam interesse pela experiência e um evidente desejo de implementarem uma estrutura deste tipo nas suas escolas, tendo em conta as numerosas visitas realizadas e as referências elogiosas produzidas.

### **Os Recursos Humanos para a Mediateca e a sua Formação**

O estudo demonstra que os professores atribuem à Mediateca um estatuto com uma importância que torna imprescindível a existência de professores com funções atribuídas nesta estrutura, em regime de horário exclusivo.

De acordo com a opinião de Rosa, haver pessoal próprio na Mediateca é decisivo para a manutenção e a organização dos recursos, opinião corroborada por Carla que considera que desse modo se incrementa a sua operacionalidade junto de professores e alunos.

Elizabete e Rosa consideram ser importante a presença efectiva de

professores na Mediateca, sem explicitar o seu número, mas Marta defende a atribuição de 2 professores para a Mediateca: um vocacionado para a Biblioteca e outro para o sector de Informática, visando uma maior articulação e capacidade de atendimento.

Quanto à formação do pessoal para gerir a Mediateca todas as professoras consideram importante que seja um professor e não um técnico. Consideram que a componente técnica nunca se deverá sobrepor no aspecto lúdico e à dinâmica pedagógica porque os técnicos na escola não resolveriam as questões da interligação pedagógica entre a linguagem técnica dos meios, as necessidades e os níveis etários e de desenvolvimento dos alunos.

No entanto é também referido por todas que os professores a desempenhar funções numa Mediateca, para além da sua formação de base deverão ter uma formação técnica adicional. Esta posição é apoiada por especialistas, como Hall (1986) que considera que a formação ideal para o Mediatecário Escolar seria uma pessoa que tivesse uma dupla formação em pedagogia e biblioteconomia (professor-bibliotecário) e que possa dedicar-se a tempo inteiro.

### **Necessidades de Formação do Professor Responsável pela Mediateca**

As professoras do presente estudo manifestam o desejo de aprofundar a sua formação no âmbito das novas tecnologias de informação pois consideram que estas valências devem integrar o perfil de um professor cujo objectivo seria o desempenho de funções na Mediateca.

Rosa refere que a sua atitude perante a inovação nem sempre revela uma total abertura, pelo contrário, é sempre com algum receio que inicia uma nova experiência, reconhecendo que a sua aprendizagem passa pela formação contínua e pelo permanente diagnóstico das suas necessidades e carências e pela procura da formação que melhor as satisfaça.

Carla valoriza a formação contínua e revela necessidade de formação na utilização dos computadores. Relativamente à Mediateca pensa que é importante que a formação inicial de professores contemple

uma área técnica relacionada com a articulação das actividades da Mediateca e a sua integração na relação pedagógica.

Marta tem suficientes conhecimentos de informática para realizar trabalhos ao nível da sala de aula, mas reconhece falta de formação mais aprofundada no caso de desempenhar funções a tempo inteiro na Mediateca, reconhecendo que essa área é imprescindível na definição do perfil de um professor responsável pela referida Mediateca.

### **A Sociedade da Informação e a Mediateca**

“ (...) a Mediateca deve acompanhar a evolução e os interesses de momento (...)”, com estas palavras Rosa revela reconhecer a dinâmica do conhecimento e a necessidade da própria escola em acompanhar essa evolução no domínio da informação e sua permanente actualização através da Mediateca. Esta ideia é de certo modo salientada por J. Dias Coelho (1997:33) ao atribuir à escola um papel fundamental em todo o processo de formação de cidadãos aptos para a Sociedade da Informação e deverá ser um dos principais focos de intervenção para se garantir um caminho seguro e sólido para o futuro (J.Dias Coelho,1997:33).

Da mesma opinião parecem comungar as restantes professoras, pois Carla e Marta encaram a formação do professor como um processo contínuo, que deve permanentemente actualizar-se de forma a acompanhar a evolução da sociedade e do conhecimento, apoiando-se na estrutura mais adequada para tal: a Mediateca.

Este acompanhamento da evolução do conhecimento científico e tecnológico, dentro da Escola, segundo as professoras do estudo, passa por projectos como a Mediateca, com informação actualizada em diversos suportes, cujas potencialidades pedagógicas são reconhecidas como adequadas à constante evolução do saber, da informação, e como depositário das memórias e tecnologias educativas mais relevantes. As professoras do estudo ao encararem a escola como estrutura apoiada numa Mediateca que acompanha a evolução do conhecimento vão ao encontro do que é salientado por J. Dias Coelho, no Livro Verde para a

Sociedade da Informação em Portugal, quando este autor afirma que a escola terá de mudar para:

“... passar a ser encarada como um lugar de aprendizagem (...) onde são facultados os meios para construir o conhecimento, atitudes e valores e adquirir competências. Só assim a Escola será um dos pilares da sociedade do conhecimento (...).”

(J. Dias Coelho, 1997:33)

## **CAPÍTULO VI**

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**



## Introdução

Como já se disse, o presente estudo pretende conhecer a opinião de professores e alunos sobre o impacto provocado por uma Mediateca Escolar numa Escola do 1º Ciclo sobre as suas práticas, procurando compreender a relação entre a diversidade dos meios de ensino que a Mediateca torna acessíveis e a sua utilização diferenciada por alunos e professores.

Para uma melhor apreciação deste objectivo central relembram-se as questões de investigação:

- Consideram os professores que a existência da Mediateca Escolar, numa Escola do 1º Ciclo, contribui para alterar as suas práticas na sala de aula?

- Em caso afirmativo, em que consistem as alterações introduzidas? Na utilização diferenciada dos meios de ensino/aprendizagem?

- Encaram os professores a diversificação dos meios de ensino/aprendizagem numa Mediateca Escolar e consequente diferenciação do ensino como conducentes à igualdade de oportunidades?

- Como vêem os professores a relação entre a utilização diferenciada dos meios e o grau de autonomia dos alunos?

- Na opinião dos professores, a Mediateca contribui para o seu desenvolvimento profissional ?

Depois de apresentadas as reflexões finais, referem-se as limitações do estudo e propõe-se um conjunto de recomendações com vista ao aprofundamento das questões levantadas.

## 1. Reflexões Finais

A discussão e reflexão sobre as questões do corpo da investigação conduz, necessariamente, ao seu agrupamento em duas grandes áreas: uma que abrange as questões referentes à utilização dos recursos da Mediateca, às práticas dos professores e ao contributo destas para o seu desenvolvimento profissional e outra que diz respeito ao impacto das práticas sobre a aprendizagem dos alunos, contributo para melhorar a igualdade de oportunidades e desenvolver o grau de autonomia dos alunos.

Delimitadas as áreas, sintetizam-se as principais conclusões relativamente a cada uma delas.

### **I - As práticas dos professores que utilizam a Mediateca: contributo da Mediateca para o seu desenvolvimento profissional.**

O presente estudo sugere que o facto de os professores utilizarem os recursos da Mediateca, quer na sala de aula, quer na própria Mediateca, permite a sua utilização diferenciada e uma maior flexibilidade das suas práticas.

A diversidade dos recursos, desde logo e à partida, introduz elementos integrantes da motivação e do interesse dos alunos, provocando e facilitando escolhas, constituindo um factor de liberdade e um contributo não negligenciável entre as opções de aprendizagem activa e participada.

Na verdade, durante o estudo, verifica-se que a motivação é apoiada pela presença e variedade de documentos, ressaltando a ideia de que estes não se limitam a transmitir informação, mas são um elemento essencial em qualquer processo pedagógico, porque são capazes de despertar, por si mesmos, adesão e interesse.

Ficou bem patente na descrição das práticas das professoras do presente estudo que a Língua Portuguesa e o Estudo do Meio são as áreas curriculares relativamente às quais existe uma convergência de opinião sobre a aplicação privilegiada dos recursos da Mediateca. É também

consensual a opinião das professoras deste estudo, sobre a importância do incentivo à leitura e escrita no 1º ciclo, como forma de consolidação e interiorização da descoberta e do gosto por esta área chave, antes da transição para o ciclo seguinte.

Uma outra razão para a abordagem destas áreas na Mediateca, radica na maior oferta de recursos vocacionados para essas mesmas áreas e em relação às quais, é mais fácil aceder e tê-los disponíveis.

Esta investigação mostra que, nas práticas de sala de aula, a utilização dos recursos por parte das quatro professoras está centrada no princípio da adaptabilidade gradual dos vários suportes e meios disponíveis da Mediateca, ao longo da escolaridade no 1º ciclo. Do mesmo modo se considera ser necessário diversificar os recursos da Mediateca, de modo a que, correspondendo ao nível de desenvolvimento dos alunos, se proporcionem graus de exploração diferentes.

Emerge também do presente estudo uma estratégia comum às várias professoras de valorização dos trabalhos dos alunos que consideram parte integrante do espólio da Mediateca, do mesmo modo que os livros de autor, revistas, C.D. etc., revelando-se esse aspecto muito positivo na perspectiva da autoestima do aluno e do seu estatuto de aprendiz activo, dando sentido a uma aprendizagem partilhada. Os próprios professores encontram nesses trabalhos uma excelente matéria de consulta e um contributo para novas motivações e sugestões para futuras produções.

Ressalta igualmente do estudo que a diversidade dos recursos facilita uma organização flexível da sala de aula, de forma a desenvolver diferentes metodologias de acordo com as dificuldades e capacidades dos alunos e os recursos disponíveis e de acesso imediato. Dentro desta organização flexível da sala de aula, as professoras organizam as metodologias centradas no trabalho de grupo, praticado de forma directa e/ou indirecta, visando em particular os alunos com um menor grau de autonomia e com mais dificuldades, de forma a que constituam objecto de um apoio mais direccionado e individualizado. A diversidade de metodologias utilizadas, com vista à superação de dificuldades, passa pelo trabalho de tutoria, de parceria entre os alunos, pela utilização de ficheiros auto-correctivos, pelo trabalho autónomo, procurando o desenvolvimento de capacidades metacognitivas e o estímulo ao sentido

de amizade e de entreajuda entre os alunos, numa perspectiva de educação para os valores e para a cidadania.

Revelou-se também através deste estudo que a diversidade de recursos na Mediateca e o seu livre acesso, facilitava a prática efectiva do trabalho de pesquisa, em livros e no computador e promovia o desenvolvimento da autonomia.

A utilização dos recursos da Mediateca não é objecto de avaliação isolada, é-o antes de uma forma inclusiva, ficando diluída em todo o registo avaliativo do aluno.

Foi salientado ao longo do trabalho que é sobretudo nos aspectos relacionados com o apoio à planificação e à preparação das aulas que a Mediateca contribui para o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores, constituindo um elemento importante na diversificação das suas rotinas de trabalho, no enriquecimento das didácticas, metodologias e meios de actuação e como mais-valia pedagógica, permitindo, com uma facilidade acrescida, dosear os níveis de aprofundamento, remediação e enriquecimento das temáticas a abordar perante a heterogeneidade de alunos.

Nesse sentido, a Mediateca é referida como uma estrutura que presta um contributo muito positivo para a valorização pessoal e a auto-formação porque assente numa dinâmica profissional mais estimulada e estimulante.

## **II - Utilização diversificada e diferenciada dos meios de ensino/aprendizagem; contributo para a igualdade de oportunidades e desenvolvimento da autonomia dos alunos.**

É salientada pelo estudo a importância das actividades desenvolvidas a partir dos recursos da Mediateca, como forma bastante positiva e determinante na redução das dificuldades de aquisição de conteúdos, estimulando fundamentalmente o desenvolvimento de hábitos de trabalho conducentes à autonomia, atitude considerada da maior importância.

Está presente em todo o estudo o desenvolvimento de processos activos, por oposição a um processo passivo de aquisição de conhecimentos a partir da sua transmissão pelo professor. Parece ser de

salientar que há uma deslocação para um ensino/aprendizagem centrado nas capacidades dos alunos para utilizarem os recursos, baseado no gradualismo das actividades, que passa do apoio inicial do professor, para um estágio no qual os alunos ganham autonomia suficiente para o trabalho de pesquisa e aquisição dos conhecimentos.

Nas práticas de utilização de recursos diversificados é privilegiada a construção de saberes dependendo menos de processos cumulativos de informação e mais da capacidade de identificar, procurar e organizar a informação necessária, voltando a utilizá-la em diferentes situações. Daí a relevância dada ao ensinar a aprender e ao desenvolvimento de competências para lidar com a diversa informação existente. E é nesse sentido que a Mediateca cumpre com mais facilidade que qualquer outro dispositivo esse importante papel de promover as aprendizagens.

O estudo salienta que todos os alunos necessitam igualmente dos recursos da Mediateca por estes serem altamente motivantes e permitirem a sua diversificação pedagógica, aumentando a importância da sua utilização para os alunos com dificuldades económicas e um maior défice cultural, oriundos de um universo social caracterizado pela escassez, pobreza e pouca diversidade de meios e recursos, bem como para os alunos que revelam problemas de disfuncionalidade emocional e por esse facto estão mais sujeitos a uma maior inibição da motivação para a aprendizagem. Com esses alunos também se justifica uma utilização mais intensa da Mediateca como espaço de descompressão, desinibição e compensação. Também se assinala a necessidade de intensificação da utilização de recursos diversificados junto dos alunos que evidenciem uma maior ausência de hábitos de trabalho, imaturidade, de desmotivação e todos aqueles cujo nível de desenvolvimento das formas de autonomia ainda se revele incipiente.

Baró e Mañà (1996) afirmam que a biblioteca escolar aparece como agente igualitário que oferece as mesmas possibilidades a todos os alunos, independentemente do meio cultural.

A Mediateca é apontada, nesta investigação, como uma estrutura que disponibiliza directamente os recursos, situação que é desde logo propícia à sua diversificação e apoio à individualização e diferenciação do ensino, sobretudo para os alunos com dificuldades de aprendizagem e de difícil motivação para as actividades lectivas.

Os recursos da Mediateca constituem um instrumento facilitador da diferenciação, quer relativamente às actividades, quer à própria gestão da sala de aula.

A diferenciação para estas professoras passa tanto pelo trabalho individual, como pelo trabalho em pequeno e grande grupo, sem no entanto se perder a unidade do grupo turma. A utilidade de alternar os momentos em colectivo com os momentos de trabalho individual, de trabalho de grupo ou de apoio directo do professor é bem visível. A diversidade de materiais é também essencial para que os alunos possam trabalhar autonomamente, sem a dependência do professor, libertando-o para apoiar os alunos que dele mais necessitam

Um ponto importante a reter prende-se com a organização e funcionamento das actividades, as quais, se estruturam e funcionam com regras e conceitos de democracia e civismo, proporcionando a todos os alunos uma educação para os valores.

## **2 Limitações do Estudo**

Várias são as limitações deste estudo. Delas destacaremos essencialmente duas: uma decorrente do facto da autora deste estudo ser docente na Escola onde o mesmo se realiza e uma segunda relacionada com o facto de não se ter procedido à observação das práticas dos professores e à apresentação de indicadores quantitativos sobre a utilização dos recursos da Mediateca.

Com efeito, o facto de autora deste estudo ser professora da escola em que o mesmo se realiza pode levantar dúvidas sobre a influência positiva ou negativa dessa situação, no decurso das entrevistas, das respostas dos alunos e mesmo nas narrativas dos professores, embora se tenha procurado contrabalançar essa situação, recolhendo dados de várias fontes e procedendo à sua triangulação.

Relativamente ao facto de não se terem observado as práticas, nem recolhido indicadores quantitativos, tal ficou-se a dever ao tempo limitado de que se dispôs para realizar a investigação e à opção de realizar um estudo qualitativo.

Teria sido desejável um período de tempo mais alargado, para uma sistemática e aprofundada recolha de dados, o que provavelmente permitiria a observação e conseqüentemente uma melhor descrição das práticas das quatro professoras que utilizam os recursos da Mediateca Escolar.

Esta investigação poderia ter beneficiado de um acompanhamento dos professores mais prolongado no tempo, apesar de a investigadora ser docente na mesma escola, e de ter estabelecido uma relação de confiança que é tão importante na realização da investigação qualitativa.

Também teria sido interessante conhecer as opiniões dos Professores que nesta Escola utilizam menos a Mediateca e as razões por que assim procedem.

Um outro aspecto, também ligado ao tempo, tem a ver com a discussão do caso com a professora respectiva. Apesar desta investigação se ter preocupado em dar *feedback* a cada um dos participantes, procurando que se desse a sua identificação com a personagem descrita, este aspecto poderia ter sido mais aprofundado.

### 3 Recomendações

Com base em questões levantadas no decorrer do presente estudo, apresentam-se, por último algumas recomendações que se situam para além de uma apreciação mais restrita dos resultados da própria investigação.

Salienta-se neste estudo a importância que, numa estrutura como a Mediateca, se deverá dar à existência de professores com formação e funções, específicas e que sejam recrutados em regime de horário exclusivo. Em termos de formação desejável para gerir a Mediateca é apontada claramente uma via que privilegia a formação didáctico-pedagógica a que se acrescenta uma componente técnica, nunca devendo essa gestão recair em alguém que apenas possua formação técnica. Esta perspectiva prende-se com a ideia de que a componente técnica nunca se deverá sobrepor ao aspecto lúdico e à dinâmica pedagógica que, essas

sim, facilitam a interligação pedagógica entre a linguagem técnica dos meios e as necessidades e níveis etários e de desenvolvimento dos alunos.

Há unanimidade quanto à necessidade de formação dos professores em aprofundarem os seus conhecimentos no âmbito das novas tecnologias de informação, por se considerar que estas valências devem integrar o perfil de um professor cujo objectivo seria justamente o de desempenho de funções na Mediateca como anteriormente se indica.

Este estudo aponta a Mediateca como a estrutura mais vocacionada para acompanhar a evolução do conhecimento científico e tecnológico, com informação actualizada em diversos suportes, de acordo com a constante evolução do saber e da informação e tendo em vista o papel a desempenhar pela Escola para fazer face à Sociedade da Informação.

O futuro Professor/Bibliotecário ou Mediatecário deve desenvolver competências na área da manutenção e organização dos recursos, facilitando a sua operacionalidade e livre acesso por parte de professores e alunos. Para além de ser um elemento imprescindível na articulação entre a Mediateca e o professor da sala de aula, é desejável que o futuro Mediatecário Escolar seja igualmente um dinamizador pedagógico com assento nos órgãos da própria Escola.

Este estudo revela ainda a importância que os Professores atribuem ao Centro de Recursos que é a Mediateca, desejando continuar vinculados a esta Escola pelo facto de haver um projecto facilitador e com capacidade de disponibilização de recursos e materiais, pelo facto de haver bom relacionamento entre o grupo e ainda por haver outros projectos igualmente apoiados e desenvolvidos pela Mediateca. Note-se que os projectos que foram sendo participados e apropriados pelos professores e também divulgados à Comunidade Educativa parecem evidenciar um impacto positivo na própria Comunidade.

Salienta-se por fim a necessidade de se continuar a realizar investigações sobre esta temática noutros níveis de ensino, realizando também estudos comparativos entre escolas com e sem Mediateca, avaliando os respectivos efeitos nas práticas de sala de aula, na gestão do currículo e nas aprendizagens dos alunos.

## **BIBLIOGRAFIA**



Abeledo, E. X. F. (1989). A Técnica da Entrevista na Investigação Educativa. *Adaxe* nº5, P. 35-47 Escola Universitária de Maxistério. Universidade de Santiago de Compostela.

Abrecht, Roland (1992). *A Avaliação Formativa*. Edições Asa: Rio Tinto.

Ainscow, M. (1995). Education for all: Making it happen. (policopiado) Paper presented at the International Special Education Congress (Birmingham)

Alaíz, Vitor (1993). Apoios e Complementos Educativos, *Noesis*, nº27, p.16-19.

Avanzini, Guy (1985). *A Pedagogia no Século XX*, Morais Editora: Lisboa.

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Edições 70: Lisboa.

Baró, M., Maná, T. (1996). *Formarse para Informarse: propostas per a la integració de la Biblioteca a l'escola*. Rosa Sensat/Edicions: Barcelona.

Bell, Judith (1993). *Doing your Research Project*. Open University Press: Philadelphia.

Benavente, A. (1991). Parecer n.º3/91, do Conselho Nacional de Educação.

Benavente, A. et al. (1993). *Mudar a Escola. Mudar as Práticas - Um Estudo de Caso em Educação Ambiental*. Escolar Editora: Lisboa.

Benavente, A. (1996). Os Projectos "Inovar Educando/Educar Inovando". In *Investigação e Inovação para a Qualidade das Escolas*. IIE/ME: Lisboa p. 47-76.

Bertaux, Pierre.(1978). Uma Crise de Crescimento. In *UNESCO. A Educação do Futuro*. Livraria Bertrand: Lisboa.

Boal, M. et al. (1996). Para uma Pedagogia Diferenciada. *In Cadernos PEPT 2000*, nº 9, p.7-39.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto Editora: Porto.

Bouysse, Viviane (1994). Nécessaire mais Difficile Différenciation. *Cahiers Pédagogiques*, nº231, p.34-36.

Brazão, M. M. (1985). *Do Currículo Formal ao Currículo Real*. Tese de Mestrado. Universidade de Lisboa.

Burgess, R. G. (1985). *Issues in Educational Research, Qualitative Methods*. The Falmer Press: East Sussex U. K.

Calixto, J. A (1994). Biblioteca Pública Versus Biblioteca Escolar uma Proposta de Mudança. *In Cadernos BAD*, nº3, p.56-57. Lisboa.

Calixto, J. A (1996). *A Biblioteca Escolar e a Sociedade de Informação*. Editorial Caminho: Lisboa.

Canário, Rui (1990). O Estabelecimento de Ensino no Contexto Local. ESEP: Portalegre.

Canário, R. (1992). Estabelecimento de Ensino: a inovação e a gestão de recursos educativos. In Nóvoa, A. (Coord.). *As Organizações Escolares em Análise*. Publicações Dom Quixote/IIE: Lisboa.

Canário et al. (1994). *Mediatecas Escolares. Génese e Desenvolvimento de uma Inovação*. IIE: Lisboa.

Canário, R. (1994). Mediatecas Escolares: O Desenvolvimento de uma Inovação no Quadro de uma Reforma da Educação. *Sociedade & Culturas*, nº 2, Edições Afrontamento: Porto.

- Carneiro, Roberto (1997). Por uma União Europeia do Conhecimento. IN *NOESIS*, nº42, p.4-5. Lisboa.
- Carr, W. & Kemmis, S. (1988) *Teoria Crítica de le Ensenanza. La Investigacion-accion en la Formacion del Profesorado*. Martinez Roca: Barcelona.
- Carroll, F. L.; Beilke; M. (1979). *Directrices para el Planeamiento y la Organización de Mediatecas Escolares*. UNESCO: Paris.
- Carroll, F.L. (1990). *Guidelines for School Libraries*. IFLA: La Haya.
- Coelho, Dias (Coord.) (1997). *Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal*. Missão para a Sociedade da Informação – Ministério da Ciência e Tecnologia: Lisboa.
- Cohen, L. & Manion, L.(1990). *Métodos de Investigação Educativa*. Editorial La Muralla: Madrid.
- Contandrioulos, A. P.: et al. (1994). *Saber Preparar uma Pesquisa - Definição, Estrutura, Financiamento*. Editora Hucitec: São Paulo - Rio de Janeiro.
- Cros, Françoise(1985).Une Différence Peut Cacher une Autre. *Cahiers Pédagogiques* nº239, p.7-8.
- Delannoy, J. P. (1983). *Guia Para a Transformação de Bibliotecas Escolares*. Livros Horizonte: . Lisboa.
- Delors, Jacques (Coord.) (1996). *Educação Um Tesouro a Descobrir*. Edições Asa: Lisboa.
- Erickson, F. (1986). Qualitative Methods Reseach on Teaching., M. Wittroch, *La Investigación de la Enseñanza*. p.119-161.
- Estrela, A. (1984). *Teoria e Prática de Observação de Classes. Uma Estratégia de Formação de Professores*. INIC: Lisboa.

- Faure, Edgar(coord.) (1981). *Aprender a Ser*. 3ª ed. Bertrand: Lisboa.
- Fernandes, D. (1993). Avaliação na Escola Básica Obrigatória: Fundamentos para uma Mudança de Práticas. *Inovação* 3-4, p.9-19.
- Fernandes, M. (1996). Desenvolvimento de Recursos Pedagógicos. In *Investigação e Inovação para a Qualidade das Escolas*. IIE/ME: Lisboa p. 133-134.
- Figueiredo, Dias et al. (1995). *Livro Branco da Educação e Formação para o Séc. XXI*. Comunidade Europeia/ME.Lisboa.
- Fontana, A.& Frey, J. (1994). Interviewing, the Art of Science. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of Qualitative Research*. Sage Publications: USA.
- Ghiglione, R. & Matalon, B.( 1993). *O Inquérito - Teoria e Prática* (2ª edição), Celta Editora: Oeiras.
- Goetz, J. & LeCompte, M. (1984). *Ethnography and Qualitative Design in Educational Research*. Academic Press: London.
- Guba, E. G. (1983). Critérios de credibilidade en la Investigación naturalista. In Gimeno, J.e Pérez, A. *La Enseñanza: su Teoria y su Práctica*. Akal: Madrid, p.148-163.
- Guillaumin,J. (1985). Promouvoir et Contenir l'Hétérogénéité. *Cahiers Pédagogiques* n°239, p. 8-9.
- Hall, N. (1986). *El Personal Docente, la Información y la Biblioteca Escolar*. UNESCO: Paris.
- Hassenforder, J. (1972). *L'Innovation dans L'Enseignement*. Casterman: Paris.
- Hassenforder, J. , Lefort G. (1981) *Uma Nova Maneira de Ensinar Pedagogia e Documentação*. : Livros Horizonte: Lisboa.

Ketele (1980). *Observer pour Éduquer*. Peter Lang: Berna.

Legrand, L. (1976). *La Différenciation Pédagogique*. Ed. du Scarabée: Paris.

Lessard-Hébert, M. & Goyette, G. & Goyette, G. (1990). *Investigação Qualitativa. Fundamentos e Práticas*. Instituto Piaget: Lisboa.

Marcelo, C. et al. (1991) *El Estudio de Caso em la Formación del Profesorado y la Investigación Didáctica*. Publicaciones de la Universidad de Sevilla: Badajoz.

Matos, J. (1994). A Investigação Qualitativa em Educação. *Quadrante*, vol.3, nº1, A. P. M.: Lisboa.

ME (1990). Conférence internationale de l'éducation – 42e session. *Rapport National du Portugal*. ME: Lisboa.

Meirieu, P.(1985).Des Savoirs Différents, des Éleves Différents, des Maitres Différents. *Cahiers Pédagogiques*, nº239 ,p.11-12.

Meirieu, P. (1985).Evaluer. c'est Facile, c'est pas Cher, *Cahiers Pédagogiques*, nº 239, p.26.

Meirieu, P. (1988). *L'École Mode d'Emploi: Des " méthodes actives " à la pédagogie différenciée*. CRDP: Lyon.

Meirieu, P.(1990).La Pédagogie Différenciée est elle Dépassée?, *Cahiers Pédagogiques*, nº286, p.30.

Ménard, M.(1985).Differencier Comment?, *Cahiers Pédagogiques*, nº239, p.16.

Merriam, Sharon (1988). *Case Study Research: A Qualitative Approach*. Jossey - Bass Publishers: S. Francisco & London.

Monthus, Marie (1997). *Apprendre L'Autonomie au CDI*. Hachette Éducation: Paris.

Pacheco, J. A. (1995). *O Pensamento e a Acção do Professor*. Porto Editora: Porto.

Patton, M. (1980). *Qualitative Evaluation Methods*. Beverly Hills: London.

Patton, Michael (1987). *How To Use Qualitative Methods in Evaluation*. Sage Publications: London.

Pereira, F. e Alves Martins, M.(1978).O Insucesso Escolar e as suas Explicações. Crítica de algumas Teorias, *Análise Psicológica*, II, 1, p.33-36.

Péretti, A.(1985). Qu'est-ce que la Pédagogie Différentiée?. In: *Cahiers Pédagogiques*, n°239, p.24.

Perrenoud, P.(1985). *La Différenciation Rêvée*. Service de la Recherche Sociologique : Genève.

Perrenoud, P. (1985). *Comment Combattre l'Échec Scolaire en dix Leçons*. Service de la Recherche Sociologique: Genève.

Perrenoud, P. (1986). *Différencier Tout de Suite!*. Genève,Service de Recherche Sociologique: Genève.

Perrenoud, P. (1991 a). Différenciation de l'Enseignement: Résistances, Deuils et Paradoxes. Texte d'une Intervention dans le *Cahier de l'Université d'Été*.

Perrenoud, P. (1991). Avancer Vers L'Observation Formative et une Pédagogie Différenciée, *Journal de l'Enseignement Primaire*, Novembre 1991, n°34, p. 14-17.

- Perrenoud, P.(1992). *Organiser l'individualisation des Parcours de Formation: Peurs à Dépasser et Maîtrises à Construire*. Faculté de Psychologie et de Sciences de l'Éducation et Service de la Recherche Sociologique: Genève.
- Pessoa, Ana Maria (1994). *A Biblioteca Escolar: Organização Para Uma Pedagogia Diferente do 1º Ciclo do Ensino Básico ao Final do Ensino Secundário*. Campo das Letras: Porto.
- Ponte , J. P. (1997). *As Novas Tecnologias e a Educação*. Texto Editora: Lisboa.
- Postic, M. (1991). Da análise das dificuldades dos alunos na aula à transformação das práticas educativas. *Inovação*, 4(1), p.49-60.
- Ravitch, D. (1990). *Diversidade em Educação*. In *Diálogo*. Vol.25, nº2. Rio de Janeiro 1992.
- Raymond, Henry(1985).Du Soutien à la Différenciation, *Cahiers Pédagogiques*, nº239, p.17.
- Resnick. (1987). *Éducation and Learning to Think*. National Academy Press: Washigton D. C.
- Richarson, J, , R. et al. (1985). *Pesquisa Social*. Atlas: São Paulo.
- Rogers (1973). *Tornar-se Pessoa*. Moraes, Editora: Lisboa.
- Sherman, R. and Webb, R. (1988). *Qualitative Research in Education: Forms and Methods*. The Falmer Press: East Sussex U.K.
- Stake, E. (1981). *Case Study Methodology: Epistemology Advocacy*. In W. W. W. Welsh (Ed.). *Case Study Methodology in Educational Evaluation*. Minneapolis: Minnesota Research and Evaluation Center.
- Tucker. R. (1987). *The Development of Resource Centres*. Kogan Page: London.

- Vecchi, G. (1992). *Aider les Élèves à Apprendre*. Hachette: Paris.
- Veiga, Isabel et al. (1996). *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares*. Ministerio da Educação: Lisboa.
- Visser, J. (1993). *Differentiation: Making it Work - Ideas for Staff Development*. NASEN: Stafford.
- Walker, R. (1989). *Métodos de Investigación para el Profesorado*. Ediciones Morata: Madrid.
- Yin, Robert K. (1989). *Case Study Research: Design and Methods*. Sage Publications: Newbury Park.
- Zabalza, M. (1988). Condiciones metodológicas en el Estudio del Pensamiento del Profesor. Los Autoinformes. In *Avances en el Estudio del Pensamiento de los Profesores*. P.11-41, Publicaciones de la Universidad de Sevilla: Sevilla.
- Zabalza, M. (1994). *Diários de Aula*. Porto Editora: Porto.

